

Lúcia Lemos

AIKA



A CANÇÃO DOS CINCO

AIKA

A Canção dos Cinco

- Livro 1 (degustação) -

Lúcia Lemos



- △ Águas Fervidas
- Floresta Negra
- F Fertile Plains
- P Plumas D'ouro



GATTAI
合体

A todos que acreditaram neste sonho de criança.

Prólogo

O sol se punha, no entanto, em vez de alegres tons alaranjados, via-se somente fumaça e fogo.

Seu peito nu subia e descia enquanto a respiração carregava o aroma de sangue. A visão embaçou por um momento entre as labaredas que consumiam a cidade, mas ele não podia desmaiar. Não agora, a um passo de dar seu golpe final. Ouviu então os passos pesados de seus inimigos aproximando-se. O que vinha atrás dele não era humano.

Alguns urravam, outros chiavam estridentes, batendo pinças e garras. Os habitantes gritavam desesperados enquanto fugiam e até mesmo os soldados que protegiam a cidade clamavam aos deuses por socorro. Aquele misto de pavor, de cheiro de sangue e de morte, somado ao som das

armas se chocando e das chamas que devoravam tudo o que tocavam parecia um eco do outro mundo vindo tragá-lo.

Contudo, ele já não tinha mais medo, ele nunca temeu a morte, pelo contrário: ela parecia mais do que bem-vinda, afinal...

— *Você falhou.* — Ouviu. Uma voz feminina fria como uma faca em carne viva, entorpecendo-o de loucura e tristeza, vinha, de longe, sussurrar-lhe. Uma voz que um dia lhe trouxe felicidade se transformara em sua tortura... — *É tarde demais. Desista. Entregue-se às trevas! Elas o receberão de braços abertos!*

Suspirou, sem lamentos. Ele era um Guardiã, um jovem magro com grandes asas de fênix que saíam de suas omoplatas, vestindo o que restou da calça de uma roupa sacerdotal branca. Estava ferido da cabeça aos pés após uma longa e árdua batalha — ou melhor, sua fuga após uma emboscada. Abriu seus olhos dourados para o exército maligno que se aproximava de todos os lados, sem

expressão. O infeliz vento quente esvoaçou seus longos cabelos castanhos, revelando em sua testa o símbolo de um deus antigo, parecendo uma cicatriz em forma de chama. Sua franja era ruiva, destacando-se entre os fios escuros. Respirou fundo, sentindo o poder de um grande deus correndo em suas veias. O poder de Suzaku, o deus do fogo.

— Não. Eu não vou me entregar — respondeu para a voz, e sentiu que ela se revoltava. Parecia agora gritar dentro de sua cabeça, vinda das profundezas amargas de seu espírito. Foi o chamado do inimigo que o despertou.

Encarou a mais alta das criaturas malignas que se aproximavam, uma mistura de cabeça de javali com um corpo brutalhado, avermelhado e curvado, com grandes garras. As demais misturas, também asquerosas, de escorpiões e aranhas gigantes com cabeças humanas gritando como se não desejassem estar ali, vinham pulando sobre as casas, rápidas e cruéis. Vinham pisoteando e estraçalhando quem estivesse no caminho. Ele havia abatido

muitas delas, mas dez ainda restavam. Marchando abaixo delas, vinham Onis: soldados horrendos e ferozes, com cerca de dois metros de altura, armados com tochas acesas, lanças e machados ensanguentados pelos inocentes que trucidaram no caminho até chegarem ao Guardiã. Somando todos, contou mais de cem à sua volta.

Logo acima deles, cobrindo o céu e ultrapassando as altas muralhas daquela capital, vinham soldados alados: homens altos e fortes de pele morena e cabelos ruivos com asas de fênix, como as daquele Guardiã. Eram os soldados da raça Fênix Negra, à qual ele pertencia. Ou pelo menos metade dele, embora isso não importasse naquele momento. Também não importava que seu peito doesse por reconhecê-los, ao ver neles e nos Onis as armaduras escuras pintadas com o desenho de um escorpião vermelho sobre um pentagrama invertido, símbolo daquele exército denominado

Dokujuugumi¹.

O inimigo já estava a poucos metros de distância. O guardião permaneceu parado, pousado sobre um chafariz no meio daquela grande praça em chamas. Os soldados riram por cercar sua presa depois de tanto tempo. Não havia para onde fugir.

E isso o fez sorrir de orelha a orelha.

¹Dokujuugumi (毒獣軍)— Exército da Besta Venenosa



VOCÊS
FIZERAM

...

...
EXATA-
MENTE
O QUE EU
QUERIA!

— Vocês fizeram exatamente o que eu queria!

Gritou o nome de Suzaku, e em seu pescoço surgiu um medalhão dourado com uma fênix de cor rubi nele entalhado. Arrancou-o e, num clarão de luz e de fogo, o objeto se transformou em uma espada de lâmina vermelha. Era uma Katana: curva, esbelta e de guarda circular. Seus olhos dourados refletiam as chamas que pareciam estar dentro dele enquanto erguia Kaseiken², a espada do guardião de Suzaku. O fogo dançou em torno da poderosa arma, e o inimigo hesitou perante a fúria que os olhos do rapaz traziam.

Então, o guardião abriu suas enormes asas rubras e douradas e alçou voo, ignorando os inimigos que avançavam contra ele. Gritou:

— *Pelo mundo ao qual escolhi servir, eu clamo pela*

² Kaseiken (火犠劍)—Espada do sacrifício do fogo

tua chama! A chama que nunca se apaga, que da vida traz a morte, que da morte traz vida! Eu clamo, ó Suzaku, faça-me seu veículo: Venha, Pássaro de Fogo!

Ao pronunciar a última palavra, fechou suas asas e atirou-se em queda livre, até que a ponta de Kaseiken tocou um ponto invisível no céu e nele parou. Dela emergiu uma ofuscante luz vermelha, e projetou-se da sua mão uma mandala, em cujo centro havia um pentagrama cercado de símbolos da natureza de Gattai³, seu mundo. Eles brilharam e, do meio, surgiu uma fênix de luz monstruosa que voou até as criaturas. Todos se apavoraram e tentaram fugir em vão, pois o Guardião havia conjurado um Espectro do deus do fogo.

O exército de Onis recuou amedrontado e os Fênix Negra tentaram voar para longe da imagem, cujo tamanho equivalia a quase um quinto da cidade. O calor que ela

³ Gattai (合体) — União.

exalava e seu brilho eram sentidos a quilômetros de distância. Ela bateu suas asas em direção aos monstros e atravessou-os um a um, fazendo-os se desintegrarem em um misto de poeira e luz. Antes de desaparecer, cruzou os céus levando consigo um terço dos soldados Fênix Negra que sobrevoavam a cidade.

Ainda em queda, o Guardiã observou a criatura invocada começar a desaparecer, seguida por gritos de vitória dos soldados aliados. Porém, sua visão escureceu e ele quase despencou, não fosse um súbito momento de lucidez. Se desmaiasse naquele momento, com certeza seria levado ao inimigo. Se tivesse que cair, tinha que ser longe dali!

Tonto e sem fôlego, sentindo que parte de sua vida lhe fora arrancada, sobrevoou a cidade na fuga mais desesperada que já viveu. Deu-se por satisfeito quando viu que os inimigos restantes desistiram de tomar a cidade para capturá-lo.

Satisfeito por ser perseguido e estar com sua vida por um fio. Sim, ele é meio louco...

Tentou alcançar altitude, batendo suas asas exaustas o mais rápido que conseguia, fraquejando e até colidindo com prédios, mas pelo menos com o peso do fracasso ligeiramente aliviado. Estava quase chegando à muralha, agora distorcida em sua visão. Com aquele feito, conseguiu dar mais tempo ao povo. Riu, pois talvez tivesse assinado sua própria sentença de morte ao invocar a magia mais poderosa que conhecia de um Guardiã. Por mais que Suzaku lhe fornecesse poder, a energia divina que percorria seu corpo mortal, se usada em excesso, podia destruí-lo. Sua regeneração tinha um limite e ele o extrapolou quando descarregou tudo o que tinha naquele feitiço, por conta da batalha que tivera de enfrentar. Surpreendeu-se com o tamanho da imagem e alegrou-se pelo pouco que pôde dar à Capital da Nação Kibou.

Incapaz de ir mais alto, ultrapassou a muralha e ouviu

os soldados da cidade chamarem por ele, para que não fosse embora, para que não fosse sozinho. Não... se ele ficasse, só atrairia mais problemas. Era sempre assim. Por isso, preferiu ficar só.

Sobrevoou os campos em chamas e percebeu que não havia mais nenhum monstro. Suas asas, membros, cabeça, tudo parecia querer explodir. Estava perdendo a visão, suas vestes estavam ainda mais rasgadas. Mas o que mais doía era a marca de uma maldição em suas costas, na forma de um escorpião negro. Ela havia se espalhado pela pele morena, com garras escuras que o queimavam. O Guardião agora desfalecia enquanto voava.

— *Você poderia ter fugido..., mas quis porque quis aparecer* — sussurrava a voz. — *Lutar por aqueles mentirosos. Parabéns, seu idiota! Agora você será meu!*

Ele não queria aceitar isso. Pensar que pôde fazer algo o fazia sentir-se melhor...

Seu sangue tingia as nuvens e se confundia com o

restante do pôr-do-sol. Pôde ver algumas poucas estrelas tímidas e perguntou-se se, por acaso, teria a honra de se tornar uma. Percebeu que já estava bem distante do inimigo. O exército que o seguia deu de cara com um cerco dos soldados que deveria encontrar na fronteira: eram os soldados Seishin, aliados da cidade. Isso deveria trazer-lhe algum alívio, porém, seu coração só conseguia pensar agora em seus amigos perdidos.

De repente, sua visão começou a falhar, o ar começou a lhe faltar e, já sem forças, perdeu parte da consciência e despencou entre algumas árvores. Bateu contra uma parede fina que desmoronou, indo parar dentro de uma caverna e provocando um pequeno desmoronamento com o choque, até que caiu e afundou em um lago cristalino.

O Guardião viu a água beber seu sangue enquanto afundava. Havia feridas por todo seu corpo e seu coração doía, batendo rápido e irregular... parecia “derrapar”. Tentou se mover e nenhuma parte de seu corpo respondeu,

nem mesmo suas asas.

Não, não podia ser assim! Seus amigos, Iruka, Riko, seu povo, sua pequena Tsubomi... Iruka, seu amigo tolo, quase um irmão travesso, ainda que de outra raça, nunca o perdoaria... E Riko, a Pétala Branca, a maior guerreira de seu mundo, outrora sua inimiga e hoje sua melhor amiga... ela mais do ninguém, jamais iria perdoá-lo por deixar que a morte o levasse... E Tsubomi? O filhote de dragão serpente que cuidava fazia pouco tempo, a qual tanto amava, não saberia o que teria acontecido com ele... pelo menos estaria segura em seu esconderijo.

Seus amigos estariam bem? Eles eram fortes, ele sabia, mas o perdoariam por não ter conseguido salvá-los? Teriam morrido quando ele falhou em sua missão? — perguntava-se. E mais... Iria morrer? Ou seria possuído pelo demônio da maldição em suas costas?

Sentiu-se afundar no lago gélido. Estava tão ferido que mesmo que fosse possuído naquele segundo, a maldição

não o faria sequer andar. Morrer... morrer seria melhor. Assim Yami-no-Yaku, seu maior inimigo e quem armou tudo aquilo, não teria o poder de Suzaku e a maldição não poderia controlar um corpo morto. O lago não parecia fundo, mas não conseguiria boiar, não tinha mais nenhum controle sobre nada. Percebia a marca agitar-se.

— *Maldito Kurikara* — chamou-o o Espectro de sua maldição. — *Você não tinha mais nada!*

— *Eu tinha... eu tenho... a promessa! A promessa de proteger Gattai... até de mim mesmo....*

Nunca mais seria forçado a usar seus poderes para manipular a natureza. Nunca mais alguém ficaria em perigo por estar ao seu lado. Nunca mais teria que matar e lutar, a única coisa que queria era ficar em paz...

Entretanto, ele não queria que tudo terminasse assim. O que seriam dos habitantes de Gattai, sem o único ser vivo com os poderes dos deuses? E seus amigos? Queria tanto saber se estavam seguros e se haviam sobrevivido...

— *Riko, Iruka, Tsubomi... por favor, estejam bem...*

Todos os sentidos de Kurikara se apagaram.

Fechou os olhos.



"MALDITO
KURIKARA!"

"VOCÊ NÃO
TINHA MAIS
NADA!"



EU TINHA...
EU TENHO...
A PROMESSA!

A PROMESSA
DE PROTEGER
GATTAL... ATÉ
DE MIM MESMO...



RIKO,
IRUKA,
TSUBOMI...

POR FAVOR,
ESTEJAM
BEM...



O SINAL!

Capítulo 1 — A sonhadora

Fechou os olhos.

Um sinal. O burburinho da multidão foi se esvaindo, deixando o entorno do palco banhado no mais puro silêncio. Suas vestes escuras desciam até seus joelhos e expunham seus ombros e costas. Ousava também exhibir parte do peito magro, do qual pendia um medalhão com uma fênix vermelha entalhada. Apertou seus olhos fechados, sentindo o frio na barriga, o nó na garganta e as pernas bambas. Mas quando a música começasse, ela sabia que não poderia mais ser Aika. Ela se tornaria Kurikara!

O bater de um tambor japonês. E depois outro e mais outro, seguido de um canto lírico e outros instrumentos orientais. A jovem abriu os braços como num convite e, ainda com os olhos fechados, começou a subir e descer as mãos como se regesse aquela canção de introdução. Como

se regesse o balançar de chamas. Quando ouviu o último toque do tambor, Aika abriu suas asas e voou.

*Desperte, coração de fogo! Desperto o indomável!
O filho de dois mundos, coração de Suzaku!*

A plateia foi ao delírio! No ritmo de uma trilha sonora poderosa e orquestral entoada por vozes angelicais, Aika abriu seu par de asas de fênix e executou uma série de golpes, giros, chutes e socos, uma dança que escondia uma sequência de artes marciais. Assim que a música atingiu seu ápice ao solo de vozes que mais pareciam sair de túmulos, ela abriu os olhos e, diante dos vários rostos, desembainhou uma Katana de lâmina vermelha da cintura e girou-a. Em suas mãos havia fitas vermelhas presas, simulando chamas. Quase todos puderam ouvir uma voz que nem lhe parecia a sua:

— VENHA, PÁSSARO DE FOGO!!!

As fitas voaram e a plateia gritou em palmas. Enquanto Aika, assumindo uma grande destreza em não pisar nas fitas presas a ela e à sua espada, executou mais movimentos capazes de matar se aquela espada tivesse fio.

Pois ali não havia mais Aika e sim Kurikara: o herói mais famoso de animes e mangás da atualidade. Protagonista de sua própria série anime/mangá, Suzaku no Shounen Kurikara⁴. O Guardião de um mundo mágico e em caos, incumbido da missão de protegê-lo com seus poderes e habilidades, porém correndo o perigo de morrer pelas mãos de uma terrível maldição. E para um verdadeiro cosplayer⁵ não basta apenas uma boa fantasia. Você tem que ser o personagem. Você tem que olhar como ele, respirar como

⁴ Suzaku no Shounen Kurikara (朱雀の少年 倶利伽羅) — Kurikara, o garoto de Suzaku.

⁵ Cosplayer — Aquele que pratica *cosplay*. *Cosplay* (コスプレ) é uma abreviação das palavras *costume* (traje, fantasia) e *roleplay* (brincadeira, interpretação). Consiste em um hobby de fantasiar-se de personagens, sejam elas de quadrinhos, games ou animações.

ele, mover-se como ele. Naquele palco, o público não via mais a jovem Aika. O público via apenas o Guardiã de Suzaku treinando seus golpes.

Quando a música cessou, as vozes sumiram como se retornassem aos mortos. Aika retornou à posição inicial e fez uma reverência. Agora, ela era apenas Aika, cujo peito subia e descia buscando fôlego. Ela sorriu e reverenciou os aplausos e gritos discretos — digo discretos, pois se fosse no Brasil, onde uma vez se apresentou como outro personagem, a multidão pularia, gritaria, assoviaria... ainda mais por ser uma garota. Mas os japoneses eram mais discretos que os brasileiros e isso, de certa forma, contribuía para sua concentração. Elogiada pelo animado apresentador (também vestido de Kurikara, embora com asas muito menos espetaculares que as dela), Aika retirou-se em mais uma medida e dirigiu-se para a lateral do palco, onde ela aguardou sua nota junto com seus concorrentes.

Tremia da cabeça aos pés, como se uma corrente

elétrica custasse a abandonar seu corpo. Encarou-se num espelho ao seu lado: embaixo da peruca, do símbolo pintado entre os olhos e da base que escondia olheiras pesadas, existia uma jovem mestiça de dezesseis anos. Tinha a pele morena, cor misturada da pele negra de seu pai e o branco de sua mãe. Dela também tinha os olhos puxados, herança de uma japonesa pura. Do pai brasileiro herdou lábios desenhados e carnudos. Sabia também que, quando falasse com alguém, perceberiam o sotaque ainda presente mesmo depois de cinco anos morando no Japão. O sotaque de uma carioca que, por onze anos, pertenceu ao coração do Rio de Janeiro.

Aika interpretava Kurikara, seu herói mais querido entre tantos personagens. Ela não apenas se vestia e imitava, como também ansiava ser tão forte quanto ele. Afinal, ele também era mestiço e por isso, ambos carregavam quase os mesmos problemas. Era engraçado ter dezesseis anos e ainda assim pensar como uma criança, almejando ter a força de um

herói de mangá...

Olhou sua espada presa à cintura e em seguida, para suas próprias mãos. Receosa, apalpou as costas em busca do local onde havia pintado a marca da maldição do Escorpião Parasita, temendo que a tinta se apagasse com seu suor. Mas no segundo que a tocou, sentiu-se gelar. Não estava mais cercada de cosplayers ansiosos. Viu uma luz azulada tremendo acima dela enquanto manchas de sangue a cercavam de todos os lados à medida que afundava, até que não conseguiu mais prender a respiração...

— Vão dar as notas!

Uma concorrente se levantou e despertou Aika do transe, fazendo-a cambalear pelo sobressalto. Disfarçou sua expressão assustada e o calafrio que a tomava, embora ninguém tivesse percebido, já que todos estavam apreensivos. Foi o resultado que a tirou de sua confusão: quinto lugar! Entre mais de cem concorrentes, ela fora classificada! Não era o prêmio que almejava (o primeiro

lugar levaria a coleção *Blu-ray* do anime de Kurikara), mas o vale-compras nas lojas do evento era mais que bem-vindo. Havia perdido pontos na fantasia, o que devia esperar. Não conseguia por nada no mundo usar lentes de contato, logo, não estava com os olhos dourados de Kurikara e sim com os seus, escuros como duas pedras ônix recém-polidas. Mesmo assim, foi tomada de alegria. E isso a distraiu de suas estranhas visões.

Aika caminhou pela convenção observando *stands* e novidades. Assistiu também a um dos episódios de Suzaku no Shounen Kurikara, que era exibido numa sala e comprou mais acessórios da série e de outras que acompanhava. Sua caminhada solitária durou pouco, já que muitos queriam tirar fotos de seu cosplay, principalmente, de suas asas. Ela posava ora com a espada em punho, ora só com as asas abertas, procurando fazer com que seus olhos transmitissem a mesma obstinação do herói. Alguns se surpreendiam ao se aproximarem dela e constatarem que era uma garota,

enquanto todos perguntavam como ela havia feito aquelas asas. Quando Aika respondia que havia pintado pena por pena, sempre arrancava exclamações. Também não acreditaram que ela pintara a marca da maldição sozinha, com a ajuda de dois espelhos e um pincel longo. Era uma atenção divertida e, mesmo com o peso das asas (e da bolsa a qual encheu de mangás, bottons e miniaturas), ela não conseguia se sentir cansada.

Passeou um pouco mais e deu seu contato para muitos, prometendo fazer um tutorial de como fazer as asas de Kurikara. Claro, também aproveitou para bater *selfies* com outros lindos cosplayers. Acabou entrando também em uma grande foto, reunindo todos os cosplayers de Kurikara presentes na convenção. A maioria era de Kurikara, mas havia algumas moças fantasiadas de Riko e outros rapazes como Iruka. Havia meninas de Kurikara também e dois irmãos que fizeram uma Tsubomi enorme como os dragões de festivais chineses; e Aika se apaixonou por esse em

especial. A foto foi tirada de várias câmeras, a maioria precisando de lentes olho-de-peixe para caber todo mundo. E mesmo posando como Kurikara, Aika deixou escapar seu próprio sorriso de alegria.

Isso tudo porque Suzaku no Shounen Kurikara era a saga mais famosa dos últimos três anos, aclamada pela crítica e até premiada. Uma história de ação, suspense, drama e magia. Apesar de ser um mangá para garotos — um Shounen mangá — tinha um grande público feminino que o acompanhava. Havia se destacado entre tantos outros pela sua trama e seus personagens, e de todos os mangás e animes que Aika conhecia — e veja que conhecia muitos — esse em particular havia conseguido alcançar o primeiro lugar em sua lista por vários aspectos. Ela acompanhava tudo sobre ele: sua produção, notícias, entrevistas com sua criadora, e tentava comprar tudo que pudesse.

Quando uma série ganhava fama, as convenções lotavam de cosplayers dos protagonistas, assim como

naquele dia. Com o tempo, esse número diminuía à medida em que sua popularidade caía. Assim é no mundo dos animes e mangás, muitos heróis iam e vinham, e Aika sabia que logo Kurikara poderia ser apagado por outros. Mesmo sabendo que ano que vem não bateria mais uma foto como aquela, não deixaria de se vestir como ele.

Por último, buscou o *stand* onde esperava um resultado mais importante.

A principal atividade de Aika não era cosplay e sim, desenho. Ela havia trabalhado por horas em uma pintura (novamente, de Kurikara), na qual misturou aquarela e nanquim, usando um papel envelhecido de maneira artesanal. Esperando o resultado entre alguns concorrentes, lembrou-se de como os materiais de pintura eram caros no Brasil e do quanto gostava dos materiais japoneses. Esperou apreensiva, pois esse concurso ela gostaria de ganhar, mais do que o cosplay. Desenhar era o que mais amava fazer. Na verdade, o sonho de Aika era se tornar mangaká: uma

criadora e desenhista de suas próprias histórias em mangá. Mas era um sonho tão difícil... a carreira era complicada, o fato de ser mestiça não ajudava e não se considerava boa o suficiente para o mercado. Nunca pôde se especializar com cursos, tinha que aprender tudo sozinha.

Como agora. Esperava mais um resultado... sozinha.

E quando viu uma impressão de sua aquarela ser estendida do outro lado do *stand*, sentiu seu coração quase pular da boca: havia ganhado o primeiro lugar na categoria não digital. O prêmio era um kit de mangaká, com bicos de pena, nanquim e marcadores especiais. Aika só não chorou porque hoje ela era Kurikara, e Kurikara não chorava.

Ao fim do evento, retirou-se para o banheiro feminino e despiu sua roupa de Kurikara, vestindo em seguida sua “roupa de Aika”: saia longa de corte lateral preta com um dragão bordado na base, botas pretas baixas com *sparks* e camisa preta com desenhos de asas de Fênix e o

nome da série estampado no peito. Ao tirar a peruca, os longos e cheios cabelos negros caíram sobre os ombros, cujas pontas faziam pequenos cachos e reclamavam por terem ficado presos por tanto tempo.

Com a pesada mochila e o grande saco das asas nas costas, Aika deu uma última olhada para o centro de convenções e seguiu seu caminho. Era uma viagem longa e solitária até onde morava: trem, ônibus e uma longa caminhada. Já anoitecia no Japão.

Até havia uma pessoa com quem compartilhar tal alegria e era sua melhor amiga, chamada Lis. Esta, professora em duas escolas públicas no Rio de Janeiro, tinha uma rotina pesada, e pela hora Aika sabia que a amiga precisava dormir. Mandou uma mensagem pelo celular contando sobre seu dia, mas odiava a espera por uma resposta. Na verdade, Aika odiava esperar por qualquer coisa.

Deu sorte de entrar em conduções pouco lotadas. No

último ônibus se sentou de primeira. Relaxou seus ombros cansados pelo peso das asas e adormeceu.

Acima, o céu encoberto de fumaça. Abaixo, campos outrora verdes eram tomados por fogo.

Tossiu e sentiu gosto de sangue. Algo em suas costas começava a gelar seu corpo e perdeu a visão.

Começou a cair. “Vou me chocar contra as árvores...”

Aika despertou de súbito e sufocou um grito. Alguns olharam para ela e, para disfarçar, sacudiu a cabeça, tossindo. Respirou fundo e tentou se concentrar na quantidade de estrelas no céu, diferente do que podia ver quando vivia no Rio de Janeiro. Aquela visão foi acalmando-a aos poucos. “Foi só um pesadelo, só um pesadelo...”, repetia a si mesma.

Todas as estrelas agora brilhavam sobre o mar, o qual

começava a ver se aproximando, assim como as montanhas e encostas da cidade em que vivia. Isso porque estava no litoral sul do Japão, na pequena cidade chamada Namimeido, longe da capital e de seu barulho. Pequena, simples, cercada pela brisa e o cheiro da maré oceânica. Aika suspirou, sempre se encantava com a paisagem daquela cidade, porém, não se sentia feliz em se aproximar dela. Apesar de bela, possuía moradores pouco tolerantes e de mentes fechadas. Para uma mestiça, então... nem se fala. Mas lá havia mangás para comprar, o aluguel era barato e a paisagem era bonita. A escola era razoável e o emprego a ajudava a se manter. Aika então respirou fundo quando se aproximou do ponto em que deveria saltar, sacudindo a cabeça.

Não adiantava nada se lamentar. Afinal, não tinha mais para onde voltar.

Saltou e caminhou junto ao vento que balançou seus fartos cabelos. A cidade não dormia, pois aconteciam os festivais de verão, passando então por adultos e crianças

vestidas de *yukata* — e que não a viam com bons olhos. Afinal, não estava de *yukata*, sua pele era morena, seus cabelos eram cheios e rebeldes, tinha mais de um metro e sessenta de altura... e, por último, tinha uma perna de fora e um visual “roqueiro” demais. Como aprendeu com Kurikara, ela não deveria dar ouvidos a quem a julgava apenas pela aparência, dando de ombros e ignorando os comentários enquanto passava.



Em menos de meia-hora chegou ao pequeno conjunto de apartamentos onde vivia. Saudou seu dono, o gentil senhor Watanabe, que sempre lhe recebia com um sorriso sem preconceitos. Ela, porém, não o sorriu de volta, pois se recordou que esqueceu o dia do vencimento do aluguel... suspirou, odiava dever a qualquer um! Decidiu que no dia seguinte o pagaria sem falta.

Entrou em seu apartamento tirando os sapatos, sem se incomodar com a desorganização de uma estudante que vivia ali fazia cerca de um ano. O local parecia um corredor no qual quarto e sala eram o mesmo cômodo e, perto da saída, havia uma pequena cozinha e uma porta para o minibanheiro com chuveiro. Não havendo espaço para uma cama, usava um colchonete fino que, dobrado, se encaixava perfeitamente no armário/guarda-roupa.

Como animes e mangás eram a paixão de Aika, estes pareciam abarrotar seu pequeno apartamento: pôsteres de

seus preferidos tomavam as paredes, havia prateleiras com vários volumes encadernados e DVDs, além de algumas *action figures*⁶ e estatuetas de dragões em cores e formas diferentes. E não era por estar no Japão que Aika os acompanhava, era apaixonada por eles ainda no Brasil. Tanto que ainda tinha alguns volumes mais finos em português. O que não estava exposto era guardado em organizadores no armário.

Guardou com carinho suas asas no armário e organizou tudo o que comprou. Quando terminou, desejou uma janta quentinha esperando-a e a cama arrumada, mas Aika morava sozinha. Havia aprendido não só com Kurikara, assim como com todos os heróis que amava acompanhar, que se lamentar não levava a nada. Logo, lá estava ela preparando um rápido *ramen*. O problema era alguns

⁶ *Action Figures* (figuras de ação, em inglês) são bonecos articulados que permitem criar poses variadas e, em alguns casos, trocar expressões e itens das personagens.

trabalhos de casa que tinha e não havia terminado. Já passava das dez e o cansaço começava a atingi-la. Mesmo assim, sentou-se em sua mesa, afastando teclado e mouse, e abriu seus livros e cadernos.

Aika cursava o segundo grau e os exames antes das férias de verão estavam lhe tirando o couro. O colégio trazia alguns gastos, pois, apesar de não pagar mensalidade, precisava comprar todo material e livros, além de não ter refeitório como nas escolas brasileiras. Como tinha que sustentar seus vícios sozinha, como assinaturas de sites de *streaming* de animes, dois jogos MMORPG⁷ e suas coleções, via-se obrigada a trabalhar numa gráfica perto de onde morava.

Era quase uma hora da manhã quando acabou o que tinha que fazer e estudou o que tinha que estudar. Apesar de

⁷ MMORPG — sigla em inglês para “*Massively Multiplayer Online Role-Playing Game*”. São jogos online para grandes quantidades de usuários, utilizando conceitos, histórias e mecânicas comuns em RPGs.

ter vivido um dia agradável, não tinha ânimo. Teria aula no dia seguinte... odiava sua rotina, a rotina de ser Aika. Era tão divertido ser Kurikara...

Ao deitar-se, acabou não dormindo como deveria dormir.

Na manhã seguinte, a primeira coisa que Aika fez foi bater três vezes no chão de madeira e respirar fundo para recuperar o fôlego. Havia tido outro pesadelo com Kurikara.

Era curioso, pois Aika não costumava recordar-se de seus sonhos. No entanto, há cerca de duas semanas vinha tendo uma série de pesadelos, um atrás do outro, em que se via como Kurikara... e sempre terminavam com sua morte.

Considerava esquisito não os pesadelos em si, mas a forma em que se apresentavam: ela não via as cores chapadas do anime ou o preto e branco dos mangás. Ela via pessoas

reais, cenários reais, e que não batiam com nada que já tivesse visto.

— Devo estar assim porque está acabando... afinal, é o que dizem... ele já está perto de destruir seu maior inimigo...

Censurou-se, pois isso não poderia atrapalhar sua rotina. Antes mesmo de ir para a escola, foi pagar o senhor Watanabe. Porém, ele a chamou novamente por Akatsuki, seu sobrenome. Um sobrenome muito odiado para Aika:

— *É o primeiro nome que define uma pessoa! Não o nome de sua família!* — pensou, tentando não demonstrar seu desconforto. Talvez estivesse perto “daqueles dias”, pois estava tensa demais. Também, teria capítulo novo de Kurikara naquela semana. A apreensão era maior, já que estava em reta final e não havia tido capítulo na semana anterior por conta de um feriado. Assim, Aika seguiu para a escola.

No Japão, os capítulos dos quadrinhos são lançados

periodicamente em revistas grossas e com várias outras séries. Só então, depois de um número determinado de capítulos, é que ganham volumes encadernados, os chamados *tankōbon*. Nesse formato, a impressão e o papel possuíam mais qualidade e resistência, às vezes até com algumas páginas coloridas. No entanto, apesar das publicações japonesas serem até bem acessíveis (bem diferente do preço dos mangás no Brasil), Aika estava acompanhando alguns mangás online devido à falta de espaço.

Quase roía as unhas de ansiedade até chegar a sexta-feira, dia de lançamento de Suzaku no Shounen ~Kurikara. O otimismo em relação a isso a fazia aturar o duro colégio e o trabalho estressante. O colégio ela até levaria bem, se não fosse por dois problemas: primeiro, ela era a única mestiça. Segundo, era considerada uma Otaku. Era só se aproximar do portão que começava a ouvir os comentários...

Antes, assim como a maioria dos brasileiros, Aika

acreditava que “Otaku” era apenas uma forma de chamar um fã de animes e mangás — e com o tempo, isso foi absorvido até por outros países. Mas, no Japão, o termo designa uma pessoa obcecada por algo a ponto de não se relacionar com o mundo e só viver por seu vício. Fãs de animes e mangás, otakus ou não, são vistos como vagabundos problemáticos pela grande maioria dos japoneses. E por maior que fosse sua paixão, Aika não conseguia se considerar uma Otaku como os japoneses viam.

No Brasil foi pior, tinha que admitir, onde era discriminada nas escolas em que estudou, quase não teve amigos e seus pais ainda a culpavam por isso. Viu seus mangás e desenhos rasgados por colegas. Foi de excluída a agredida, mesmo que seus professores a defendessem por causa de suas notas. Já em Namimeido não havia professores, diretoria ou conselho tutelar para lhe ajudar, e era mais malvista do que em Tóquio, onde morou por mais tempo. Sempre que procurou ajuda ouvia a mesma coisa:

“alise seus cabelos selvagens para se parecer mais com elas”, “seja uma ótima aluna”, “faça parte de um clube”, “esqueça esses animes e mangás”...

Sabe quando Aika faria isso? Nunca.

Ao chegar à sala, sentou-se no lugar de sempre: a última carteira do lado direito encostada à janela (o lugar clássico onde se sentavam a maioria dos protagonistas). Olhou de relance para fora, esperando quem sabe algum caderninho preto perdido, um ovo de dragão entre os arbustos ou um OVNI entres as nuvens, qualquer coisa diferente da sua rotina. Mas o que via eram alunos conversando ao chegarem, árvores verdes e alguns casais. Em sua sala, ninguém se aproximava dela. Uma vez ou outra ouvia algum insulto: “gaijin⁸”, “suja”, “hafu⁹”, “o que ela ainda faz aqui?”, “olha só aquela pose arrogante”... Até

⁸ Gaijin (外人) Pessoa “de fora”, termo japonês normalmente pejorativo a estrangeiros.

⁹ *Hafu*: adaptação de *Half*, mestiço em inglês.

verificou sua carteira para ver se não encontrava algum chiclete para ficar preso em sua saia ou algum rabisco repulsivo, e ficou mais aliviada porque dessa vez não havia nada. Como ansiava por algo que mudasse aquilo, alguma aventura... sentia-se estranha por ter dezesseis anos e ainda desejar algo assim.

No entanto, acreditava que se um dia caísse numa aventura, poderia acabar se acovardando. Era incapaz de ver filmes de terror, tinha pavor de altura, não era muito sociável, muito menos bonita ou carismática. Ela podia conseguir imitar bem os movimentos de Kurikara; mas, em educação física, ela era um desastre. Coordenação motora equivalia a zero para ela.

Mas, apesar de sempre tentar pensar positivo, sua semana foi péssima. Não foi bem nas provas de exatas. No clube de artes do qual fazia parte, uma colega derramou “sem querer” o balde de tinta no painel que ela montava para o festival da escola... No trabalho, acabou arrumando um

barraco com o patrão ao defender sua colega (uma doce moradora da cidade na mesma idade de Aika, chamada Mieko) de cantadas repugnantes dos alunos que levavam trabalhos para xerocar. Sua revolta espantou os “clientes”, e por isso tomou uma advertência do patrão. Se não fosse o agradecimento silencioso de Mieko (silencioso, pois ela era sobrinha dele e não queria perder o emprego), Aika teria ignorado o fato de ser um terço do tamanho dele e voado em seu pescoço.

Aquilo era tão repugnante para Aika... Mieko era tímida e delicada, ao contrário dela, e não reagia “por educação”. Ainda que as duas não gostassem de nada em comum, a brasileira sentia-se na obrigação de protegê-la. Embora, nem ela mesma conseguia... quantos séculos seriam necessários para fazer a sociedade respeitar as mulheres?

Também sabia que sua aparência e sotaque às vezes afastavam os clientes. Quem era de seu colégio, então, dava

meia-volta só de vê-la no balcão. Isso quando não causavam alguns constrangimentos ou “acidentes” para culparem-na. Odiava depender daquele emprego...

Contudo, teria um novo capítulo de Kurikara no dia seguinte. Ele sempre se mantinha firme, não importava o que acontecesse, não importava se fosse desprezado pelo que era. Ele não mudaria quem era por nada nem ninguém. Por isso, mesmo com os pesadelos estranhos, ela tentou dormir sorrindo para a miniatura dele em sua prateleira.

Capítulo 2 — Calmaria

Sexta-feira.

Aika passou o dia inteiro aguardando para poder ler o novo capítulo de Suzaku no Shounen Kurikara e nem tirou o uniforme quando chegou ao seu apartamento. Assim que tirou os sapatos, já foi ligando o computador.

Mas não acreditou quando terminou de lê-lo. Chegou a retroceder algumas páginas para ter certeza de que não estava louca, pois quase tudo o que leu estava parecidíssimo com o que via em seus estranhos e entrecortados sonhos:

— Acabou... ele se foi.

*Apagou as chamas em suas mãos e caiu de joelhos.
O corpo incinerado à sua frente se agitou pelo vento que*

começava a limpar as cinzas. Uma mão tocou o ombro do jovem de asas rubras e douradas.

— Conseguimos... — Suspirou o rapaz, aliviado, de cabelos azuis e guelras no rosto, com uma bandana azul na testa. Ao lado dele, uma linda mulher de curtos cabelos negros e olhos verdes encarava um altar, onde havia cinco orbes de cores coloridas cercados de uma névoa densa e escura.

— É com você agora, Kurikara!

— Estou exausto... vamos sair daqui, e lá no Templo dos Cinco Deuses eu termino finalmente nossa jornada.

Os outros dois assentiram.

Continua no próximo capítulo...

Sonhara com aquelas palavras há poucos dias e, por um instante, ficou parada em frente à tela. Como aquilo era possível? De início, creu que tudo fosse coincidência. As

histórias de mangás costumam ter um padrão, contudo, não conseguia deixar de ficar preocupada. Outros fãs também especulavam uma emboscada...

Balançou a cabeça e bateu três vezes em sua mesa. Decidida a provar para si mesma que no próximo capítulo não veria nada do que sonhava, listou os acontecimentos que viu, tentando organizar seus lapsos: uma cerimônia seguida de uma emboscada, um clarão, uma tortuosa fuga e então... a queda para a morte.

Suspirou. Nunca se sentiu tão ansiosa pela próxima sexta-feira.

A semana seguinte não lhe deu trégua, devido ao trabalho maçante e provas. Seus colegas, por sorte, estavam atarefados demais para perturbá-la.

Quando chegou a sexta-feira, Aika decidiu que dessa

vez não iria ler o capítulo online. Estava ansiosa demais para passar o dia inteiro esperando, e por isso, antes mesmo de ir para sua escola iria comprar a revista com o lançamento.

Acordou animada e, durante o banho, repetia para si mesma que tudo daria certo e que a “coincidência” da semana anterior não se repetiria. Sabia que Tsubasa Akiboshi (a autora e desenhista de Suzaku no Shounen Kurikara) jamais mataria o protagonista, só se quisesse perder todos os seus fãs e tudo que havia conseguido. Claro que, se fosse para acontecer algo, definitivamente não poderia ser como em seus pesadelos. Se algum capítulo terminasse com algo parecido, seria só para dar um pânico nos fãs e deixá-los ansiosos para o próximo lançamento. Os editores jamais permitiriam tal final, já que os mangakás estavam presos às opiniões deles e em reta final, com tantas vendas e tanta expectativa, ela não poderia estragar tudo.

Aika saiu correndo, saudou alguns inquilinos e desceu as escadas aos pulos. Ao chegar ao *hall*, saudou o

senhor Watanabe com um largo sorriso de fã de Kurikara prestes a ler um capítulo novo:

— Bom dia, senhor Watanabe!

— Oh, bom dia! Está animada!

— Porque hoje o dia vai ser bom. Tenha um bom dia também!

— E boa aula!

— *É, hoje ele nem me chamou pelo meu sobrenome.*

Hoje será um dia melhor —, pensou.

Dessa vez, ela andou muito mais rápido que de costume até uma loja de conveniência. Comprou sua revista às pressas e saudando o caixa com educação, mesmo sentindo o ar corriqueiro de preconceito. Saiu em seguida para a escola com a revista em mãos e, com sorte, leria tudo antes de sua primeira prova.

Foi quando uma coisa no caminho a fez parar. Seu pé bateu em algo que fez um barulhinho, como uma pedrinha. Curiosa, virou-se e encontrou no chão uma pequena

conchinha amarela. Abaixou-se para pegá-la e notou que havia um furo bem feito logo em uma parte fina, como que para um colar. Também estava ainda suja de areia e um pouco úmida.

— Que engraçado... se fosse de um pingente, não deveria estar suja de areia.

Aika achou-a tão bonitinha que decidiu ficar com ela, imaginando fazer uma pulseira ou um cordão para se aproveitar do furo. Colocou-a no bolso da camisa e seguiu para a escola, agora mais animada.

Ao chegar à sua sala, deu-se com alguns poucos alunos conversando e estudando. Deu-lhes bom dia com ou sem respostas ruins ou ignorância. E quando se sentou, abriu a revista ignorando as matérias de capas. Havia até algumas coisas interessantes, mas iria ler o capítulo primeiro. Como sempre, ele se iniciava com uma breve descrição da história, seus personagens e a imagem de um grande mapa medieval, o mapa de Gattai:

Gattai é um mundo mágico em constante conflito entre suas principais raças. Além disso, sofre com constantes catástrofes climáticas e desequilíbrio nas estações do ano. Estiagens repentinas, alagamentos, tempestades e terremotos abalavam aquela terra e traziam perigo a seus habitantes. Decididos a dar um fim a isso, as pessoas saíram em busca dos lendários “Orbes Sagrados”, cinco esferas, uma para cada Reino da natureza: a vermelha para o reino do fogo e dos dragões; azul para o reino marinho e suas criaturas; verde para o reino terrestre; branco para o reino do vento; e roxa para o reino dos mortos. Aquele que as obtiver terá o poder de controlar a natureza de Gattai. Mas nenhum mortal consegue manipulá-las, a não ser um Guardiã, alguém que recebeu o poder dos deuses que criaram aquele mundo. No entanto, o último guardião misteriosamente escolhido é um jovem chamado Kurikara, acusado de um terrível crime. Poderá Gattai

confiar seu coração ao misterioso e novo Guardiã do Reino do Fogo?

Aika leu a sinopse e, com ela, recordava-se dos acontecimentos da história publicada há três anos, onde Kurikara era ordenado a ir atrás dos Orbes acompanhado de Riko, a “Pétala Branca”, e Iruka, o príncipe dos Midori-Mizu. Recordou-se do mito de criação de Gattai, o qual se tornara um de seus favoritos: Cinco deuses chamados Suzaku (Deus do reino do Fogo), Kujira (Deus do Reino das Águas), Yunikon (Deusa do Reino da Terra), Tsuru (Deus do Reino dos Céus) e Tamaryuu (Deusa do Reino das Almas) se uniram para criar um mundo de harmonia. Quando todo o meio-ambiente estava pronto, criaram então habitantes semelhantes aos seres humanos.

Todavia, como já dito, Gattai era instável, assolada por constantes problemas climáticos e sísmicos. Como muitos passavam por dificuldades, os deuses decidiram

escolher cinco pessoas para ajudar a todos, já que eles mesmos não podiam descer ao mundo dos vivos. Essas pessoas foram chamadas de Guardiões de Gattai, os que tinham os “Poderes dos Deuses”. Assim, eles anteviam desastres, ensinavam às pessoas como cultivar e domar animais, além do conhecimento sobre magia e os ciclos da natureza. A cada geração, mais o mundo progredia e mais seus habitantes iam aprendendo com eles, reorganizando o mundo e tornando-o quase uma utopia, pois até os desastres e “irregularidades” da natureza foram contidos. Grandes cidades foram construídas, assim como templos dedicados aos deuses e seus guardiões.

Porém, na quinta geração de Guardiões, dois deles se apaixonaram: um homem que tinha os poderes de Suzaku e uma mulher com os de Tamaryuu. Da união nasceu uma criança que, para a surpresa de todos, tinha os poderes dos deuses em seu corpo: asas de fênix, o controle sobre o fogo e a capacidade de interagir com os mortos — e sem a

necessidade de invocar seus deuses. Esse evento foi chamado de “A Traição”, o dia em que os Guardiões tomaram os poderes divinos para corpos mortais. O calendário de Gattai tem como o marco zero o dia do nascimento do menino mestiço, pois a partir desse grande evento o caos se instaurou. O mundo se dividiu entre aqueles que começaram a cobiçar os poderes dos deuses e aqueles que tomaram aquilo como uma abominação, desejando punir os Guardiões e matar a criança.

Os Guardiões então se voltaram contra o povo que protegiam, decididos a criar “uma nova raça”, evoluída e capaz de sobreviver ao instável mundo. Criaram-se então as três raças chamadas “mutantes ou impuras”: os Fênix Negra (descendentes do filho dos guardiões de Suzaku e Tamaryuu), os Aquaeternos (descendentes do filho da guardiã de Kujira) e os Plumas d’Ouro (descendentes do filho do guardião de Tsuru). E os que não descenderam deles passaram a se considerar a raça legítima de Gattai,

autodenominando-se Filhos-Puros.

Em territórios separados, as raças progrediram e desenvolveram características distintas umas das outras. A principal da história, os Fênix Negra, se dividia em três grupos: os do Sul, Norte e Leste, este último ao qual Kurikara pertencia. Os Fênix Negra se assemelhavam à cultura árabe nas vestes e armas, possuindo grande força militar e mágica. Todos eram ruivos, de pele morena e asas de fênix, além de terem a capacidade de manipular o fogo e ver os mortos. Os Aquaeternos, povo de Iruka, eram parecidíssimos com os japoneses e se caracterizavam por viver em arquipélagos, podendo respirar sob a água e modificá-la a seu bel-prazer. Tinham cor de pele morena-acinzentada, cabelo azul-claro, quase não possuíam pelos e tinham algumas guelras no rosto, braços e pernas. Já os Plumas D'Ouro, com menos aparições, se assemelhavam ao povo Celta e às lendas europeias sobre elfos, pois seus corpos eram brancos e esguios, com orelhas pontudas, mas

todos possuíam asas de anjos. Esse povo vivia somente na Cordilheira do Grou. Por último, os Filhos-Puros — que representavam a maioria dos habitantes de Gattai — eram bem diversos em cores e aparência, e se assemelhavam em vestes e arquitetura com a Europa Medieval. Riko, coadjuvante junto a Iruka, pertencia à raça dos Filhos-Puros.

Os conflitos continuaram mesmo séculos após A Traição, porém, descobriu-se com isso que a natureza de Gattai tinha uma espécie de coração que se ligava aos reinos e, se encontrados e controlados, poderiam acalmá-los. Eram cinco Orbes de cores diferentes, um para cada reino, e iniciou-se uma corrida em busca deles. No entanto, os poucos que os encontravam morriam ou sofriam gravíssimos acidentes quando tentavam dominar seu poder. Tornou-se uma caça quase impossível, e assim começou-se a acreditar que apenas os guardiões podiam encontrá-los e dominá-los. Desde a morte dos membros da quinta geração, nunca mais se teve notícia de novos Guardiões por séculos... até surgir

Kurikara.

O deus Suzaku desceu ao mundo e escolheu um jovem mestiço, filho de um Fênix Negra e uma Filha-Pura, para ser o novo Guardião de Gattai e do Reino do Fogo. Esse é o início do mangá, em que Kurikara é encontrado horas depois de receber os poderes de Guardião, mas sem saber como ou o porquê de ter recebido a dádiva, pois havia perdido a memória. Ele só se lembrava de ver uma Grande Fênix que o abraçara e o perguntara alguma coisa. De resto, lembrava-se apenas de ter fugido das terras em que vivia, pois havia tido desavenças com os Fênix Negra. O que mais preocupava a Kurikara e aos demais personagens era que, além de não se saber onde estavam os Orbes, ninguém sabia como controlar o poder de Suzaku.

O primeiro capítulo do mangá e anime começavam do ponto em que Kurikara era encontrado desacordado entre os destroços de um vilarejo recém-destruído. Os poucos sobreviventes acusavam um Fênix Negra do ataque, porém,

ao encontrarem a marca de Suzaku em sua testa e ao vê-lo conjurar chamas do nada, ele foi levado até o Rei Akira e forçado a cumprir a missão. O mangá mostrou a confusão causada pela descoberta de um novo guardião depois de séculos. E o pior: encontrado na cena de um crime bárbaro. O Rei Akira, senhor de parte daquelas terras aproveitou-se disso e lhe deu uma “escolha”: servi-lo na busca dos Orbes ou ser enforcado pelo massacre. Com isso, ele partiu ao lado de Riko e Iruka, que estavam atrás de recompensas pela missão e se responsabilizariam por escoltar Kurikara e abatê-lo caso tentasse escapar.

Depois, foram mais de cem capítulos de reviravoltas, batalhas, confusões e descobertas sobre Gattai, o poder dos deuses e seus habitantes, além de planos de dominação. O mangá alcançou grande sucesso e, no início daquele ano, havia ganhado um anime de 26 episódios. A produção extraordinária, marcada por uma belíssima trilha sonora e cenários exuberantes, trouxe mais visibilidade à história e

colocou-a no topo da lista dos mais vendidos, extrapolando as fronteiras do Japão e ganhando uma série de produtos colecionáveis para os fãs. Os produtores ainda fizeram uma jogada de mestre: no último episódio do anime, quando Kurikara recobrava sua memória após um longo confronto, eles encerraram a série e anunciaram um filme chamado “Suzaku no Shounen Kurikara ~Remember”, que mostrava todas as lembranças do herói e o porquê de ter se separado dos Fênix Negra. No filme havia também memórias não mostradas no mangá. Nem é preciso comentar seu sucesso e o frenesi dos fãs, principalmente de Aika.

Esta relembrou os capítulos finais, em que depois de muito suor o grupo conseguiu completar os Cinco Orbes — e com a ajuda de um filhote de dragão que Kurikara havia adotado: a fofíssima Tsubomi.

Recordou o último confronto com o terrível Yami-no-Yaku, seu maior inimigo e o responsável por colocar em Kurikara a maldição do Escorpião Parasita: uma maldição

que tinha o poder de possuir o seu corpo e preencher sua mente com pensamentos infelizes. Contudo, eles o derrotaram a muito custo. O fim da missão. Ou talvez não.

Como havia muitas pontas soltas, poderiam criar um novo arco em que eles deveriam descobrir os segredos dos Orbes, enfrentar talvez alguns dos inimigos que restaram como pai de Kurikara, um Fênix Negra muito perigoso, que, apesar de alguns encontros tortuosos, ainda não tinham decidido o destino dele — nem mesmo Kurikara sabia o que fazer em relação ao seu pai. Aika também contava com uma possível revelação sobre os Deuses e talvez algo mais sobre a maldição de Kurikara. Seria interessante algo sobre as antigas gerações de guardiões, afinal, só havia sobrado Kurikara e não havia informação sobre qualquer outro escolhido. Aquele final não seria o bastante.

Aika sabia que Tsubasa Akiboshi era uma estreante, mas os mangakás sempre estavam sujeitos aos editores, que os “incentivavam” a esticar a obra quando rendia muito

dinheiro — ainda mais Suzaku no Shounen Kurikara, que estava arrecadando muito dinheiro desde o lançamento do anime e o filme. Porém, ao passar para a página em que se iniciava o capítulo, sentiu um calafrio. E continuou mesmo assim...

Capítulo 3 — Tempestade

O mangá mostrava Kurikara abrindo as cortinas do quarto, numa das grandes torres do Palácio. Ao fundo, o sol iluminava as Montanhas Vermelhas ao longe e seus olhos se demoraram sobre elas. Ele vestia somente uma calça branca e uma faixa vermelha prendendo-a, além dos sapatos e proteções para os braços e as pernas. Os cabelos castanhos estavam molhados e caíam-lhe até a cintura pelo banho de ervas e soluções para purificar seu corpo para cerimônia — para o deleite de Aika. Deveria dirigir-se aos Orbes o mais sério e sereno possível para que sua maldição não interferisse.

NHAC!

Ou nem tanto.

A onomatopeia extrapolava a quarta parede do quadrinho, onde Kurikara, ainda debruçado sobre a janela, mastigava um pedaço de chocolate. Aika riu por causa da expressão do personagem, se recordando de que aquele era seu vício.

O quadro seguinte focou na marca da maldição e nos pensamentos do que não estava mais ouvindo a voz ou vendo seu Espectro, então a morte de Yami-no-Yaku deve ter feito com que perdesse sua força — o que lhe trazia grande alívio. Sua maior expectativa estava no que viria depois da cerimônia: todos os maiores magos e feiticeiros a serviço do rei iriam unir-se para remover sua maldição, livrando-o para sempre de suas torturas.

Viu uma gatinha preta correr até ele e pular no parapeito para se esfregar nele, ronronando. Parecia uma gata normal, se não fosse por uma gema cor de esmeralda em sua testa: aquela era a segunda forma de Tsubomi, o

dragão que ele havia adotado. Ela miou ao perceber a preocupação em seu rosto.

O quadrinho mostrou pequenas imagens em volta dos dois, nada mais que *flashbacks* de Kurikara. Em um deles, Iruka estava ensanguentado e armado com seus tridentes, mandando que Riko e Kurikara fugissem, alegando que ele aguentaria os inimigos. Noutro, viu os três cercados por onis. Uma imagem maior mostrava Tsubomi em sua forma verdadeira: um grande dragão serpente de escamas escarlate, pelos dourados e olhos verdes. Na cena, ela era cercada e atacada por muitos Fênix Negra. A última mostrava Riko carregando Kurikara semiacordado enquanto Iruka e Tsubomi enfrentavam Sabanoges. Kurikara desviou o olhar.

Foram interrompidos por um sacerdote que vinha chamá-lo. Iria partir para o Templo dos Cinco Deuses, onde estavam os Orbes vigiados e onde se cumpriria o ritual.

— Tsubomi, tenho um pedido a lhe fazer — cochichou para a gatinha. — Esconda-se nas florestas, na sua

forma felina, e espere um sinal meu por volta das oito da noite. Estou com um mau pressentimento.

Tsubomi miou expressando sua indignação pelo pedido. Não queria afastar-se dele quando temesse qualquer perigo.

— Se acontecer alguma coisa, preciso de alguém de fora para pedir ajuda. O meu receio não é o que está do lado de fora, mas sim o que está dentro. Por isso eu lhe peço essa missão. Acho que o rei não tem mantido uma vigilância decente...

Ele tirou uma touquinha de lã preta de um bolso e colocou na cabeça da gatinha, deixando as orelhinhas passarem pelas aberturas. De longe, ninguém a perceberia, e seu objetivo era esconder a gema esmeralda da testa. Depois seguiu um sacerdote e juntou-se aos outros, notando que riam ao verem que ele estava falando com um gato. No caminho, cobriam Kurikara com mantos pesados pelos adornos em ouro, adaptados para cobrir suas grandes asas

rubras e douradas. Tsubomi o seguia. Na saída do Castelo, ele pegou-a nos braços e abraçou com força, como se temesse perdê-la.

— Tome cuidado! — Ela assentiu para ele, mexendo os bigodes, a contragosto. Ele ouviu o estômago dela roncando e aproveitou para fazer um pedido: — E vê se tenta não comer muito gado de uma plantação só. Dá uma variada para disfarçar!

Ela sacudiu o rabo como se concordasse e se esgueirou pelo castelo, depois pelas pessoas e os telhados da cidade. Sabia que quem tentasse pegá-la se arrependeria amargamente.

Kurikara saiu do castelo cercado de sacerdotes e soldados. E foi tomado de surpresa: muitas pessoas acompanhavam “o evento” e comemoravam, como se aquilo fosse uma festa. Alguns poucos até jogavam pétalas de flores sobre eles. Viu as barraquinhas das feiras livres abertas, com os comerciantes se aproveitando do movimento. O grande

grupo seguia em fila dupla, enquanto os sacerdotes entoavam uma cantiga de louvor aos deuses criadores. Havia poucos soldados de escolta pela cidade. Viu também que as pessoas rezavam e comemoravam. Alguns não o olhavam com tanto ódio ou reprovação, e pôde ver pessoas — principalmente crianças — comentando sobre seus trajes e sobre suas aventuras. Riu ao ouvir uma criança invejando sua capacidade de voar. Claro, havia aqueles que o olhavam com receio e nojo, e por algumas vezes tentaram jogar restos de alimentos nele, mas foram impedidos pelos guardas. No entanto, aquele clima “festeiro” estava incomodando-o.

— *Esses camponeses não deveriam saber de tudo isso. Há comentários até sobre minha última batalha com o Dokujuugumi. Por que a procissão está seguindo tão aparente? Por acaso o rei se gaba do feito, ou será que minhas suposições estão certas?*

Ao final, ele encontrou Iruka e Riko na porta do templo, portando armaduras leves e cotas de malha. Riko

erguia seu bastão enquanto Iruka também carregava seu par de tridentes de tamanho médio na cintura. Não era preciso palavras, com duas trocas de olhares responderam sua questão. Também não aprovavam a procissão antes da cerimônia e estavam inquietos.

De repente, Kurikara sentiu um dos sacerdotes deles tocar o bracelete dourado que envolvia seu pulso direito.

— Senhor Guardiã, não é permitido levar itens de magia para a cerimônia. Deixe-me ficar com isto.

— E por quê? — indagou, afastando o pulso.

— Siga o conselho do sacerdote, jovem Guardiã de Suzaku.

Aika imaginou a frase dita num timbre grave, saindo da boca de um homem que sabia ter olhos verdes e a pele mulata. O senhor e rei da Nação Kibou, Akira. Todos o reverenciaram.

— Não há nada a temer. Deixe seu objeto mágico com eles.

— Eu não entendo o motivo. Minha magia é pura e...

— Kurikara, deixe conosco — disse Iruka. — Vamos ficar ao seu lado no santuário.

— Também não entendo, mas como não sei nada de magia, é melhor corrermos com isso — disse Riko.

— Sim, vamos nos apressar — disse o rei. — Os Orbes podem vir a causar algum abalo enquanto estiverem corrompidos.

Um sacerdote na entrada entoou um breve cântico diante da torre. Em seguida, chamou Kurikara:

— Kuraikyouku Kurikara, filho de Kuraikyouku Isamu e...

— Por favor, não diga isso. Deixe apenas o nome de minha mãe, Akayama Yoshiko.

Aquele momento de identificação do fã com um personagem: Aika sempre negava seu sobrenome e agora, via Kurikara fazendo o mesmo. Ela não pôde esconder o sorriso.

O senhor arqueou as sobrancelhas ao pedido, afinal, é de costume que a homens seja atribuído o nome de seus pais, e às mulheres o nome de suas mães. Riko e Iruka, sabendo o porquê disso, olharam-no com respeito. O fato de Kurikara negar o nome de seu pai e quebrar a tradição era um ato ousado para aquele mundo.

— Certo, Akayama Kurikara, filho de Akayama Yoshiko. Peço que deixe seus itens que possam conter qualquer vestígio de magia.

Com um suspiro, exibiu o bracelete dourado que estava preso a seu pulso, cheio de adornos e símbolos de magia. Nele havia cinco pequenos cristais coloridos e enfileirados. Em dois deles, viam-se fios de cabelo fundidos no interior. Quem acompanhava a história sabia que aquele bracelete não era um mero enfeite. Ele possuía um poder único: era literalmente um comunicador.

Quando um dos cristais era fundido a um pedaço do corpo daquele com quem se deseja falar, como um fio de

cabelo, cria-se uma ligação entre a mente do portador com a pessoa que forneceu a parte. Bastava tocá-la e pronunciar o nome desejado que suas mentes se conectavam, independente da distância. No entanto, isso possuía um preço: o bracelete usava como fonte de energia a força vital de seu portador. Com isso, se a distância fosse muito grande entre os corpos, ambos poderiam se tornar fracos e vulneráveis durante seu uso. Riko e Iruka possuíam braceletes iguais com fios uns dos outros em gemas separadas. Quanto a Tsubomi, não era preciso qualquer gema, pois ela e Kurikara se comunicavam mentalmente, graças ao poder de Suzaku.

Esse poderoso objeto não saía e nem se abria, a não ser com a ordem de seu portador, ou se o membro no qual estivesse fosse arrancado. Eram itens únicos, adquiridos por Kurikara em sua jornada, e ele os aperfeiçoou através de seu próprio conhecimento em magia.

Kurikara tocou numa das gemas e uma rachadura

surgiu no bracelete, que se desprende com um estalo. Ele então o entregou na mão de Riko e ela o guardou em um bolso de sua veste. Os dois olharam-se por um instante e Kurikara assentiu, como se dissesse “confio em você”, e ela respondeu-o com um aceno de cabeça.

Por fim, todos entraram no templo, subindo um grande lance de escadas orando, pois a torre tinha cerca de vinte e cinco metros. Já no último andar, Kurikara — que já estava achando aquilo tudo muito longo e desnecessário — entrou no amplo salão. Riko e Iruka conseguiram permissão para acompanhar, embora posicionados bem afastados do altar, enquanto o Rei Akira estava à frente deles. Para a surpresa de Kurikara, os sacerdotes não entraram.

Ele não gostou nem um pouco disso.

Do outro lado do salão e de frente para o sol que ia se pondo, estavam os cinco Orbes em um altar. Mesmo em preto e branco, Aika sabia suas cores: vermelho para o reino do fogo, azul para o reino da água, branco para o reino do

vento, verde para o reino terrestre e roxo para o reino das almas. Dentro deles via-se uma espécie de fumaça negra em movimento, prejudicando seu brilho junto a pequenas rachaduras e manchas. Aquilo era consequência das forças das trevas de Yami-no-Yaku... o maior vilão da história e recém-derrotado por Kurikara.

O guardião respirou fundo e invocou o poder de seu deus. Aika falou com ele, baixinho, como ouvia no anime:

— *Divino Medalhão de Suzaku, eu invoco humildemente suas chamas da vida... Faça de mim seu mensageiro e eterno guardião... Poder de Suzaku!*

Antes de prosseguir, Aika olhou para o relógio e viu que faltavam apenas cinco minutos para aula. Nada do professor por enquanto. Algo começou a incomodá-la, uma estranha sensação, como um *déjà vu*. Tentou ignorar, mas, ao virar a página, quase pulou da cadeira.

— Não! Não pode ser...

Em duas páginas, viam-se patas de escorpião emergirem a partir do corpo destroçado de Akira!

Estavam cercadas de dokushi¹⁰, uma névoa escura e venenosa que corroía o corpo de quem a tocasse. De repente, essa névoa ganhou “forma”, como se fossem tentáculos negros e pegaram Iruka e Riko, erguendo-os. Viu Kurikara voltar-se para Akira quando este começou a rir e se deformar, até que a cabeça foi rasgada e jogada aos seus pés. E daquele corpo surgiu Yami-no-Yaku, num misto de corpo de escorpião com cabeça de um homem ruivo de olhos dourados, sorrindo de orelha a orelha.

Aika fechou a revista e olhou em volta. Ninguém a olhava — ainda bem, pois suave. Tinha absoluta certeza que já havia visto aquilo.

— *Não... para com isso, não tem nada demais...*

Tremeu ao abrir. Tremeu mais ainda ao continuar,

¹⁰ Dokushi (毒死) — “morte venenosa”. É o nome dado à energia corrosiva e venenosa que emana de uma criatura das trevas em Gattai.

com os olhos arregalados:

O vilão riu. Kurikara usou Kaseiken e soltou os amigos que se queimavam pelo dokushi, e então o salão foi tomado por aquela névoa maligna. O inimigo falou com Kurikara, cujo diálogo resumia-se em “Achou que se livraria de mim tão facilmente?” e “Como pode estar vivo?”, “Minha alma não se apaga e muitos são os corpos que me servem”. Então uma luta eletrizante entre os dois foi travada, percorrida de muitas páginas. Riko e Iruka tentaram ajudar, mas o corpo de Yami-no-Yaku como escorpião gigante expeliu dokushi e os dois desmaiaram. Kurikara voou até eles e foi abatido por uma das garras do grande escorpião. Os tentáculos abriram a porta de entrada e lançaram Riko e Iruka contra a escadaria. Tudo que Kurikara pôde fazer foi chamar seus nomes enquanto era preso por uma das pinças. Ele lançou chamas para se desvencilhar, e a luta continuou. Outros diálogos se sucederam. Daí, ouviu-se a ordem “Acorde, Escorpião Parasita!”, e a maldição brilhou,

tentando dominá-lo.

Kurikara enfrentou a besta e a maldição que insistia na tentativa de possuí-lo, criando espécie de raízes que percorriam seu corpo a partir da coluna, a fim de paralisá-lo. Depois de muitos golpes, Kurikara cortou o inimigo no peito e este tombou. Naquele segundo de pausa percebeu o quanto os Orbes foram corrompidos pelo dokushi. O céu em volta se tornou escuro e começou uma ventania.

— *Não vá até os Orbes...* — sussurrou Aika, suas mãos suando contra o papel jornal. — *Sai daí, Kurikara...*

Na página seguinte ele voou sobre o monstro e os pegou. Conjurou seu poder e seu fogo branco para tentar purificá-los enquanto o céu escurecia e trovoadas eram ouvidas. Um terremoto abalou o Templo. Aika viu Yami-no-Yaku esgueirar-se até ele e fincar sua garra na maldição.

Lágrimas embaçaram os olhos de Aika enquanto ela repetia que não podia estar vendo aquilo: Kurikara sofria

imóvel enquanto a maldição corria sua pele e o torturava, enquanto suas garras o rasgavam. Elas então passaram pelo pescoço, em seguida pelas mãos e...

— *Ele desmaiava porque era emboscado no sonho... não pode ser...*

— Você é meu... Gattai é minha! — gritou Yami-no-Yaku, rindo. Porém, o sorriso sumiu de seu rosto quando viu as garras chegarem aos dedos do jovem. Os Orbes tremeram. Eles “saltaram” das mãos de Kurikara e houve um clarão!

PAFT!

Alguns alunos viraram-se e viram Aika com a mão vermelha sobre a revista. Ela tinha socado a mesa e disse um palavrão intraduzível para o japonês:

— O que houve, Akatsuki? — perguntou um aluno ao lado, interessado na revista, um dos poucos que só a ignorava.

— Não pode ser! Ele... o sonho...

Mas ela o ignorou e leu as últimas páginas. Outros alunos começaram a rir da expressão de Aika. Seus olhos queimaram, pois tudo que lia era igual ao que havia sonhado! Até mesmo os monstros, invocados pelo inimigo perto da muralha, a perseguição e a luta desesperada dele, o golpe final... Quando percebeu que depois do quadrinho em que Kurikara afundava na água havia escrito “Continua no próximo capítulo...”, ela congelou.

— *Eu previ... eu previ isso... Eu sonhei isso..., mas, como? Não, ele é só uma história, então por quê?*

— Hei, hei! Calma Akatsuki! O seu heroizinho não é de verdade!

Uma das meninas riu. Aika ignorou-a, a cabeça explodindo em dúvidas, até que sentiu seu celular vibrar.

Por um breve instante ela tentou ignorá-lo, só que sua mão tinha uma curiosidade absurda. Era o som de notificação. Abriu. Era uma postagem da página oficial de Suzaku no Shounen Kurikara, compartilhado numa rede

social da qual Aika fazia parte:

“A mangaká e criadora de Suzaku no Shounen Kurikara, Tsubasa Akiboshi, foi hospitalizada hoje por volta das cinco da manhã...”

Aika arregalou os olhos: “internada devido a um acidente grave de moto”, “perdeu o controle e se chocou contra um ônibus”, “em uma UTI em estado grave”... “Coma”. “Sem previsão de alta”.

Outra lágrima escapou. Tapou a boca para conter uma exclamação, vasculhou a internet pelo celular para ver se podia ser algum engano, digitava numa velocidade invejável..., mas era tudo verdade. Parecia inacreditável! Uma paralisação assim num mangá de sucesso seria extremamente problemática para sua carreira. Isso se ela acordasse. Aika bateu três vezes em sua mesa de madeira só de pensar nisso.

A jovem murchou sobre a cadeira, não acreditando no que estava acontecendo. Igual ao sonho... Aliás, isso já

havia acontecido. Os lapsos que tivera, agora podia assimilá-los: eram lapsos da batalha!

— *Mas se eu sonho e acontece... todas essas coincidências bizarras... então ele existe? Não, isso é absurdo... é ridículo!*

Desistiu, não conseguia se concentrar. O que sentia, aquela sensação, aquele calafrio, o sonho tão real... não podia ser loucura. Ela não viu nada em preto e branco, muito menos nas cores e formas do anime. Ela tinha visto pessoas, construções medievais e fogo de verdade. E ela se viu lutar, sentiu dor e se viu voar. Nada se comparava àquilo.

— *Não... uma coisa não pode ter a ver com a outra! Prever o que acontece na história, tudo bem, mas... isso não prova que ele seja real!*

Estremeceu. E se Kurikara existisse? Se Tsubasa não acordasse? Isso significaria... sua morte? Será que haveria como encontrá-lo? E se houvesse, ainda que mínima a possibilidade de sua existência, o que poderia fazer?

Lembrou-se de teorias que lera por mera curiosidade sobre o fundo de verdade que havia em histórias. As mais ousadas afirmavam que, como é impossível criar algo do nada, todo autor deveria ser uma espécie de médium. Alguém que conseguia ver alguma coisa em outro lugar ou em outra era, e escrever o que viu achando que está criando. Quantos autores não confessaram ter criados boas histórias a partir de sonhos mirabolantes? Lembrou-se também de séries que se aproveitavam dessa teoria para explicar os universos paralelos e suas possíveis interações.

Distraída, não percebeu que sua tormenta retornava. Não percebeu que um grupo de inimigos se reunia. Puxaram sua revista e um dos mais agressivos colegas começou a rasgar uma das folhas rindo. Aika não se conteve:

— Por acaso eu entrei numa turma de crianças ao invés de no ensino médio?

Péssima ideia. Em um minuto, estava discutindo e cercada. Uma das garotas puxou seu cabelo, surpreendendo-

a, e um garoto a empurrou contra a parede. Aika tentou revidar, mas não tinha força nem velocidade contra tantos. Se não fosse o representante interrompendo, apenas não querendo arrumar problemas, Aika estaria mais uma vez esbofeteada e sem defesa.

Quanto à sua revista, encontrou-a embaixo de sua carteira... em pedaços. A professora entrou ao mesmo tempo na sala. Os alunos se organizaram de novo, como se nada tivesse acontecido, enquanto Aika pensava que mais uma vez teria de usar um caminho mais longo para ir para o trabalho, para que não corresse o risco de ser pega do lado de fora no fim do dia...

A prova começou ao som de reclamações e suspiros de nervoso. Aquela nota era importante e Aika não estava indo bem na matéria, mas não conseguia se concentrar de forma alguma. Fora o ódio que sentia por aquelas pessoas, não conseguia parar de pensar se Kurikara poderia ser real. Censurou-se por acreditar em algo tão absurdo. Fez o melhor

que pôde e entregou a prova sem nenhuma questão em branco, pensando que talvez passasse com uma nota mediana.

Em sua carteira, começou a desenhar em seu *sketchbook*¹¹.

Desenhar. Aquilo que Aika mais amava fazer. Seu traço era um mangá mais realista e começou desenhando dragões ocidentais tentando não pensar. Mas nem isso era o suficiente. Em duas páginas inteiras, desenhou seu querido Kurikara voando com Tsubomi em forma de dragão serpente. Suas mãos não paravam de tremer.

Deu-se então com seus colegas se levantando e saudando o professor seguinte. Escondeu seu caderno no casaco para que não fosse a próxima vítima. O professor começou a conversar com os alunos sobre o Festival de

¹¹ *Sketchbook* (“caderno de rascunho”) é o nome dado a um caderno, normalmente portátil, onde um desenhista faz esboços de ilustrações ou estudos.

Verão. Mal deu atenção às palavras do mestre que iria passar algumas lendas interessantes da cidade para que a turma interpretasse, já que estavam com dificuldades para decidir. Era tradição daquela classe realizar peças de teatro para pais e visitantes. Aika mal ouvia o professor, estava perdida em suas próprias indagações, parando uma vez ou outra para prestar atenção...

— Talvez, a que vocês mais gostem seja a lenda da origem do farol de Namimeido, que explica seu nome de Mon-en... — Ia dizendo. — Conta-se que os primeiros habitantes vieram descendo a serra, expulsos de uma invasão. Estabeleceram-se à beira da praia e refizeram-se a partir do comércio portuário. Porém, tiveram dificuldades, pois não havia muitos animais marinhos e a população começou a perecer. Para o desespero deles, soldados invadiram a comunidade e saquearam o pouco que tinham. Vou resumir essa parte para poderem escolher... Então, conhecemos uma mulher que teve seu marido morto no

ataque e tinha uma filha ainda bebê para criar. Todos sofriam de fome pelas dificuldades da estação.

“O bebê da jovem chorava de fome”, continuou. “Uma noite, não aguentando o choro, ela caminhou até a beira da praia, sentou-se entre as rochas com a criança e chorou com ela. Esperava que o som das ondas acalmasse sua filhinha assim como a seu coração, tomado de saudade de seu parceiro sob a luz das estrelas. As lágrimas das duas se misturaram e caíram entre os rochedos, onde havia marcas para a construção de uma sinalização do porto da comunidade. De repente, de suas lágrimas, ergueu-se uma enorme edificação com a forma de um farol. Seus tijolos pareciam refletir a luz das águas e tinha grande altura. Ali nascia o farol de Namimeido com a benção dos deuses. A mulher, embasbacada, subiu até o topo e viu a chama que se erguia dentro dela se abrir e falar: ‘Aqui está o alívio de seus sofrimentos. Por este fogo, em todo o verão ou em todo o inverno, poderão partir para outros mundos em busca de

suprimentos enquanto este farol atrairá os navegantes para seu porto”.

Aika quase pulou da cadeira ao ouvir “poderão partir para outros mundos”. Voltou de seu sonho acordado e condenou-se por ser tão avoada.

— “Mas não deve falar com ninguém além do povoado a respeito, ou os deuses punirão a todos sem piedade”. Com isso, a mulher contou a todos de sua comunidade o que viu e o chamaram de Mon-en. A cidade prosperou graças ao seu segredo, quando em todo verão e todo inverno partiam através chamas sagradas para conseguir suprimentos noutros mundos. Claro, eles diziam mundos, mas acredita-se que eram terras longínquas apenas...

— *Toda a lenda tem um fundo de verdade* — pensou Aika. O professor prosseguiu com a história:

— A bebê cresceu e virou mulher, apaixonando-se por um jovem de outra terra. Tomada de saudade, ela usou o

portal para visitá-lo todo verão e inverno. Questionada do porquê pelo seu amante, ela acaba revelando o segredo do Mon-en. E ele, tomado de amor, parte para viver com ela no vilarejo, já chamado de Namimeido, em homenagem ao brilho do farol sobre as ondas do oceano. Porém, o jovem revela sem maldade o segredo para sua família antes de partir, e o mito do portal do farol vai de boca em boca até chegar a um senhor feudal ambicioso. Então, ele e seu exército vão até a cidade e tentam tomá-la. Como vocês podem imaginar, não termina nada bem a história. A jovem, que já estava grávida de seu amante, é ferida junto às pessoas do vilarejo que são forçadas a se render. O jovem que a amava tenta protegê-la e liderar um contra-ataque, porém, ele é cegado por uma lâmina e assassinado. A jovem tenta escapar, subindo mesmo ferida pelas escadas do alto farol e suplicando pela misericórdia de seu deus. Mas este diz que, por culpa dela, todos padecerão; e que como aquele senhor feudal usaria o portal para conquistar outras terras, o portal

perderia sua dádiva. Assim ela morre aos pés da chama apagada e seu filho não nasce. Dizem, porém, que a chama brilharia apenas para aquele que estivesse precisando de seu poder, desde que não fosse para seu ganho pessoal. Dizem também que os espíritos dos amantes vagam pela cidade tentando se reencontrar e não conseguem, porque o jovem está cego e não pode vê-la e ela não consegue vagar por muito tempo longe de Mon-en, onde o espírito de seu bebê chora quando ela se afasta. Então, o que acham dessa?

Enquanto professor e turma debatiam, Aila isolou-se de cara fechada em sua carteira.

— *Mais uma lenda idiota culpando uma mulher! É sempre uma mulher, por alguma desgraça! Sendo que quem deu com a língua nos dentes não foi ela!* — Bufou e procurou pensar no lado interessante da lenda, ou seja, o portal. — *Um portal para outros mundos no farol mal-assombrado, de onde diziam ressoar gritos e vozes.* — Aika arrepiou-se só de pensar em dar-se com algum fantasma, mas levantou a

esperança de que, se isso fosse possível, talvez pudesse fazer algo por Kurikara e... — *Não! Chega, Aika! Você está passando dos limites!*

No final da aula, a turma acabou escolhendo essa mesma lenda. Aika ficou encarregada de pintar os painéis da peça. Apesar de seu visível desânimo, o dia correu tranquilo e a jovem aproveitou-se da tarefa para distrair-se, empenhando-se mais do que o normal nos desenhos. Pelo menos, adorava sentir o cheiro da tinta e aproveitar o fato de desenhar melhor que todos naquele colégio.

Porém, até o fim da tarde, o quadro de Tsubasa não havia melhorado. Viu as postagens na internet, muitos falando que “ela não podia morrer agora por causa de Kurikara” e revoltou-se. Ela estava entre a vida e a morte, e as pessoas só queriam saber o que ia acontecer ao mangá?

“Céus, eu também estou louca para saber o que acontecerá com Kurikara, mas a vida dela deveria ser mais importante que isso! Acordem!”, postou Aika.

Aika era apaixonada pelo trabalho de Tsubasa, achava-a um amor de pessoa. Era muito simpática e na primeira edição encadernada de Kurikara, deixou a seguinte frase: “Antes de ser uma autora, eu sou uma grande fã”. O peito de Aika doía. Ela, que sonhava em ser mangaká, não conseguia imaginar a ideia de perder sua grande referência.

No caminho para o trabalho, Aika não encontrou possíveis conflitos com seus colegas. Deu-se apenas com um pôster de Kurikara e seus amigos na porta da loja em que comprara a revista. Sentiu-se desanimar de novo e, mesmo olhando para aqueles olhos que nela despertavam tanta força, não conseguiu continuar o caminho, ficando parada diante dele.

Sem um novo capítulo por muito tempo, isso senão algo pior... o sonho que tivera... e tudo que vivia... Tsubasa em perigo... Quando as histórias de outros heróis que acompanhava terminavam, era como se perdesse pedaços de si mesma. Perderia mais um, ainda dessa maneira? E se

Kurikara existisse e estivesse em apuros? Ela se identificava tanto com ele...

Aika notou que algumas pessoas a olhavam. Nunca tinha reparado no quanto amava aquela história. Chegava a doer em seu coração.

Caminhou desanimada e parou no alto de um morro, onde pôde vislumbrar a cidade. Era linda, não podia negar, com suas luzes, barcos coloridos nas águas e aquela bela e tranquila praia.

— *Se você existe... eu quero te ajudar.*

Quando olhou no horizonte, viu que o farol de Namimeido, o Mon-en, estava aceso, com suas luzes girando e girando. Diziam que era mal-assombrado e todos ouviam clamores e gritos próximos a ele. Coisas ruins aconteciam a quem se aproximava. Aika não acreditava que aquilo poderia ser um portal para outros mundos..., mas seria ele a resposta para sua dúvida tão absurda?

Foi quando notou que aquele brilho parecia irreal:

não havia reflexo dele na água.

— Mas o quê...?

Piscou. Seus tijolos pareciam novos, como se tivessem feito uma grande reforma. Piscou de nova e viu uma luz amarelada rodeá-lo como brumas vivas.

E somente Aika via.

Capítulo 4 — Escolhas

— Tá de brincadeira...!

Aika estreitou os olhos. Depois, fechou-os e esfregou-os. Porém, ao abrir, viu a mesma imagem: o Mon-en brilhando para ela. Uma alucinação? Ou aquilo faria parte dos festejos de verão? Piscou várias vezes intrigada, pois suas luzes pareciam não tocar nas águas. Na verdade, parecia que ninguém tinha percebido a mudança. Que raios de neblina era aquela, num dia quente e ensolarado?

Aika precisava averiguar se estava louca de vez ou se estaria vivenciando um milagre.

Havia uma floricultura do outro lado da rua. Aika respirou fundo e caminhou até lá, como quem não quer nada, e parou para cheirar as flores. A dona, uma velha senhora de semblante gentil, parou ao seu lado e perguntou se havia gostado de alguma. Aika aproveitou-se do momento:

— Achei lindo ver essas flores com a cor do pôr-do-sol. Deu-me uma vontade de ir à praia... quem sabe até ver como é a vista por aquele farol!

— Bom, se eu fosse você, não iria lá sozinha. Coisas estranhas acontecem por lá, sabe? Além de ser perigoso para uma jovem passear num local quase abandonado, ainda que nossa segurança seja muito boa.

— Lá costuma... sei lá, ter névoa ou algo assim?

— Não nessa época. Acho até que dá para ver daqui...
— A senhora saiu da loja e as duas posicionaram-se para ver a praia e o farol ao longe. — Ah, está o mesmo de sempre! Aiai, uma tarde bem romântica. Essa cidade fica linda no verão! Quem sabe algumas flores não seriam uma boa desculpa para uma declaração ou um passeio...

A senhora deu uma piscadela e uma leve cotovelada em Aika, sorrindo de forma divertida. Aika desviou-se de seu olhar, sem saber o que dizer ou pensar. A senhora percebeu sua expressão e se aproximou, preocupada:

— Bom, não sei o que está se passando, mas fico feliz que as flores tenham lhe trazido algum sorriso. Há alguma coisa que eu possa fazer?

— *Ela não vê. Das duas uma: ou eu pirei, ou tem algo errado...*

— A senhora acredita... no impossível? Acredita em lendas e mitos e que alguém poderia... ver algo que ninguém pudesse ver sem estar louco?

Aika se voltou para o farol, temendo encarar a expressão da florista. Pensava que talvez devesse ser mais discreta e sentiu suas mãos suarem de ansiedade.

— Acredito que quando se deseja algo com todo seu coração, ainda que seja impossível, pode vir a se tornar realidade. Como contam algumas lendas... se você ama muito algo, ele pode ganhar vida.

Aika relaxou os ombros e viu de relance que não era mais a única a olhar o farol.

— Essa cidade é cercada de mitos. Eu já vi coisas que

nunca pensei serem possíveis. E seu maior poder, o poder que ainda deve existir no Mon-en, o guardião de Namimeido, ainda vive em cada um de seus moradores, mesmo que a maioria não acredite. Esses jovens de hoje... — A senhora sorriu para Aika. — Sabe, às vezes, quando estou triste, sento-me nas areias e respiro bem fundo, tentando alinhar as batidas do meu coração ao som das ondas. Sinto que isso me fortalece e me torna capaz de encarar qualquer coisa.

Foi como se aquelas palavras despertassem uma chama quase apagada dentro de Aika. A dona da floricultura continuou, sorridente:

— Não sei bem o que está passando, minha jovem. Mas se precisa um lugar para meditar, a praia é o melhor. Se você respeita o seu poder assim como toda a natureza, ela te receberá de braços abertos e vai limpar e acalmar sua mente. E quem sabe seu coração. Quanto ao Mon-en, vou lhe contar que, quando eu era muito moça, acho que com a sua idade,

eu subi até seu topo. Claro, não sozinha! — Ela riu. — Porém, ironicamente, senti muita tristeza dentro dele e comecei a chorar sem saber por que... Não consegui ficar lá dentro por muito tempo. Todos nós da cidade queríamos vê-lo funcionando, não só para os festivais. Só que ninguém consegue fazer qualquer obra lá. Quando tentam, coisas ruins acontecem. Enfim, espero que consiga resolver seus problemas.

Aika agora já se sentia outra. Que sorte encontrar aquela senhora, que também não a discriminou e desejou poder retribuí-la de alguma maneira. Contudo, se havia algo no Mon-en, com certeza precisaria passar por alguma prova para entrar — um padrão da maioria das histórias. Teve então uma ideia:

— Eu agradeço de verdade as palavras que me disse, acho que a senhora meio que me deu uma luz... Mas saberia me dizer quais são as flores que servem para agradar ou simbolizar... os mortos?

A velha senhora se surpreendeu com o pedido e pensou que a tristeza da menina poderia estar relacionada a isso. Ela procurou animá-la e contou-lhe tudo o que sabia sobre o significado das flores, falando dos crisântemos brancos, comuns em funerais japoneses. Por cortesia, Aika acabou levando dois desses crisântemos e uma rosa vermelha, esta escolhida por ser a sua flor favorita. Despediu-se, agora mais animada, e saiu correndo pela rua.

Olhou na direção onde seria seu trabalho, sabendo que estava muito atrasada. A decisão que tomaria poderia custar-lhe o emprego. Respirou fundo com as flores nas mãos e tomou o caminho oposto, correndo em direção a seu apartamento. Pegou o celular e discou o número do seu trabalho, torcendo para que quem lhe atendesse não fosse seu patrão. Por sorte foi logo Mieko. Perfeito! Inventou uma gripe poderosíssima e Mieko, preocupada, disse que a cobriria hoje. Agora era rezar para não ser demitida quando voltasse — isso, se voltasse. Sentiu-se culpada por enganar

a menina...

Já em seu apartamento, ligou seu computador e ignorou desta vez as mensagens das redes sociais e *fanpages*, lotadas de opiniões sobre o último capítulo de Sushoku (aglutinação carinhosa dada pelos fãs a Suzaku no Shounen Kurikara). Iniciou uma pesquisa rápida sobre as lendas do farol e os rituais que existiam com ele. Descobriu algumas lendas urbanas sobre o amante que ficou cego e um pequeno rito para chamá-lo em troca de um pedido: acender três velas em um triângulo feito com a areia da praia abaixo de qualquer árvore, chamar o guerreiro três vezes (chamado de Akio) e oferecer-lhe a luz para guiá-lo até sua amada que estava no farol (chamada de Yui). Em troca, ele lhe daria uma informação sobre alguém que amasse ou alguém importante, pois ele poderia ouvir qualquer coisa, já que vagava pela cidade sem rumo. Aika considerou esse ritual um tanto cruel e continuou sua busca.

Descobriu que o farol era mais antigo do que

esperava, com mais de seiscentos anos. Encontrou lendas diferentes para sua história: uns diziam que havia uma entidade ligada à praia que vivia lá e se alimentava dos desejos das pessoas. No entanto, a maioria das histórias dizia que ele não funcionaria mais devido à evolução da humanidade. Isso, de fato, fazia sentido. Leu também que, quando alguém da cidade desejava a ajuda do farol, ele se acendia só para aquela pessoa, e somente se o seu coração fosse bom e sincero. Assim, o deus do farol lhe concedia o poder de usá-lo para viajar entre os mundos usando algum objeto como chave. Noutra versão que encontrou dessa mesma lenda, dizia-se que o objeto deveria ser conseguido pela pessoa de maneira inusitada, como uma espécie de sinal. Mas seria ela uma merecedora de bom coração?

Confirmou também que o portal só se abria no verão e no inverno, período em que as pessoas sofriam mais dificuldades naquela época. Como a cidade vivia do comércio marítimo, no período de abertura do Mon-en eles

não podiam ficar sem suprimentos para troca. Havia, no entanto, uma informação em particular que era a mesma onde quer que pesquisasse: se o portal fosse usado contra a cidade de Namimeido, o utilizador seria severamente amaldiçoado. Seu corpo seria queimado vivo pelo farol e as próximas quatro gerações de sua descendência teriam suas mortes causadas “pelo mar”. Isso era, de certa forma, um bom e um mau sinal.

Percebeu que já era quase de noite e o problema era a chave mencionada na lenda. Como obter um objeto de forma inesperada?

Foi então que, sem querer, tocou no bolso da camisa e sorriu: a conchinha era o sinal! Ela seria sua chave. O fato de tê-la encontrado na rua de forma tão inesperada a animou ainda mais. Levantou-se animada, mas parou de súbito:

— Péssima ideia ir para um mundo medieval com uma roupa colegial e com as pernas de fora... além de dar azar!

Nos mangás que lia, as estudantes uniformizadas sempre caíam em apuros, e por isso optou por uma calça jeans, tênis e camisa preta, que tinha como estampa os olhos de Kurikara em seu peito, com o símbolo de Suzaku na testa e a frase em baixo: “*Like a Black Phoenix*”. A manga e as costas da camisa tinham uma estampa que procurava imitar as asas de Kurikara. Pôs também um casaco e o celular no bolso.

Correu carregando os crisântemos na mão e contornou o caminho perto do seu trabalho, para que não fosse vista. Estava nervosa, pois temia ser tarde demais. Chegou às areias da praia em menos de meia hora e correu olhando o oceano. Agora, o farol parecia bizarro. A luz que girava não tocava no mar e, mais de perto, parecia que ele todo reluzia.

— Por favor, que ainda dê tempo...

À medida que se aproximava, parecia que o brilho aumentava. Estava chegando à parte ruim do caminho e foi

forçada a desacelerar, tendo que passar por rochedos na projeção da praia que ia de encontro ao mar, como um braço em tons de verde e marrom cuja mão segurava a brilhante torre entre as ondas. Parou para respirar, verificando se ninguém a seguia e subiu escadas de pedra cobertas de musgo apoiando-se entre os rochedos e evitando escorregar. Aika admirou-se com a vista da cidade luminosa e animou-se ao ouvir o som das ondas e ver a luz que a guiava... Até que se apagou.

Por um segundo, Aika quase tropeçara. Estava em frente ao majestoso Mon-en, que agora parecia ser um farol normal, só que apagado e desgastado com o tempo. Se não fosse por um poste próximo que piscava estaria só na escuridão fria. Seu coração quase parou naquele momento. Deveria ser um teste, como era nas histórias... ou a prova de que estava louca.

Devia ter uns três andares de altura depois de sua base e pensou no quanto aquele não era um bom lugar para

perambular à noite. E é claro, lembrou-se dos fantasmas que o assombravam. Sentiu um calafrio ao pensar nisso e hesitou. Mas a recordação do sonho repetiu-se e ela, respirando fundo, andou até a porta que, para sua surpresa, estava aberta. Curvou-se numa rápida mesura e entrou.

Caminhou com cautela e notou que havia um pequeno depósito antes da escadaria. O ambiente estava iluminado por algumas velas acesas e um lampião, para sua surpresa. Acabou encontrando também velas no chão, e três delas estavam em um triângulo de areia.

— *Que cruel, atormentar um espírito dessa maneira...*

Aika ficou ainda mais receosa com as luzes dos lampiões, que criavam várias sombras dançantes com a penumbra. Aquilo dava um clima mais apavorante ao lugar. Ela temia que talvez alguém vivesse ali. Se não, quem acenderia os lampiões? Ouvia apenas o som da maré e percebeu que o local estava mais limpo do que seria

esperado. Não parecia abandonado.

CRACK!!!

Aika pulou ao ver uma das janelas de frente ao mar se abrir, deixando passar o vento marítimo. Abriu a boca, sem palavras, e viu também as velas do triângulo se apagarem. Ao mesmo tempo, o ar esfriou e viu-se arrepiar da cabeça aos pés. Sua respiração era rápida e agora visível.

— *É o vento, Aika... não, merda, nunca é o vento!*

Havia um seriado que ela acompanhava que dizia que, se sentisse súbitos calafrios e o ar gelasse, era preciso pôr sal grosso nas portas e janelas, pois demônios e fantasmas se aproximavam. Aika odiou-se por lembrar-se disso.

— E-eu vim em paz! P-preciso do poder do Mon-en p-para salvar uma pessoa... trouxe presentes... não d-desejo... não desejo fazer mal... p-peço permissão para entrar e...

— UÉÉÉÉÉÉ!!!

De repente, ouviu um bebê chorar muito alto, alto demais para um ser humano. Era como se estivesse de frente para ela. Aika deu um pulo e tropeçou, mas ficou onde estava. Olhou então para a escada e deu-se com o que parecia ser uma silhueta pequena e de cor azulada semitransparente. Era uma mulher de rosto encoberto segurando um bebê que se debatia! Através da imagem, Aika podia ver a escadaria, agora iluminada em vermelho, como nunca vira antes.

E ela avançou sem mover seus “pés” até Aika.

Se você pensou que, como a maioria dos protagonistas, Aika iria encará-la ou só congelar, ou quem sabe até avançar gritando, pode esquecer. Assim como qualquer indivíduo normal diante de um fantasma, ela saiu correndo e gritando.

— AAAAAAAIEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEE!!!!

Ela correu até quase metade do caminho por onde veio, onde acabou escorregando em musgos e caindo. Sua sorte é que ela conseguiu proteger o rosto. No chão, não viu

nenhum sinal da imagem.

— Deus... o que era... aquilo? Então é verdade! — Ainda com o coração quase pulando pra fora da boca, sentou-se para tentar reorganizar seus pensamentos. — Aquela é a Yui! Ela e o bebê ficaram presos! E ainda tem gente que faz rituais para atormentá-los...

Aika tentou se ajeitar, notando que, mesmo com a calça, estava com os joelhos ralados. Sentiu raiva e vergonha de si mesma por ter fugido, ainda que Yui tenha vindo para cima dela. Sem contar que todos os jogos ou filmes de terror com crianças são sempre os mais sinistros... Os de minoria étnica morriam logo depois dos engraçadinhos.

Ou será que ela não iria atacá-la? Havia sinais de outros rituais incompletos, talvez por causa do fantasma.

— Foi por isso que a tia da floricultura chorou! Porque ela está presa ao Mon-en com seu bebê! Deus, coitada! — De repente, lembrou-se do porquê tinha ido. — Não posso... não posso ficar parada aqui! Tenho que

descobrir se o Kurikara é real... se ainda der tempo...

A ideia de que Kurikara poderia morrer devido a seu medo estrangulou seu coração. Não poderia suportar isso.

Aika encarou o Mon-en. Respirou fundo, ouvindo o som das ondas e seu coração, tentando alinhá-los como a florista lhe disse. Tentou esvaziar-se do medo, da angústia e da raiva que sentia. Então puxou o ar e empunhou os crisântemos que perderam algumas pétalas na correria.

Ergueu-se. Era agora ou nunca. Ou desistia e ignorava tudo ou partia para seu destino, qualquer que fosse. Ela sempre tentava esquecer ou ignorar algo que lhe fizesse mal. Ela sempre fugia. Fosse de sua família, de seus problemas... não, não poderia ser assim para sempre. Não queria mais fracassar. Não queria mais ser assim. Ela queria ser como Kurikara, porque ele nunca desistiria.

— É vai ou racha! — gritou entre os dentes, arfando, embora essa frase fosse de outro personagem de mangá, avançado com tudo o que tinha.

A figura surgiu na porta, e o ar esfriou de novo. Aika correu com o coração a mil, impedindo seus pés de pararem sozinhos e sentiu-se arrepiar novamente. Ao chegar mais perto, quase de cara com a figura, agachou-se num segundo e deixou as flores aos pés dela:

— Essa é a minha oferenda! Com todo respeito, ME DEIXE PASSAR!

Num pulo, atravessou a figura que se desfez em fumaça, semelhante às danças dos incensos. Sentiu seu corpo ser tomado de frio, como se entrasse numa cachoeira gelada ao atravessá-la, e foi assolada por uma vontade avassaladora de chorar até cair, ao mesmo tempo que ouvia o choro da criança ainda mais alto. Um misto de sensações de dor, tristeza e raiva quase a derrubou de tanta confusão e mesmo assim, ela continuou. Sentiu que alguém estava com muita raiva dela.

Raiva dela, porque acordou o bebê.

De repente, Aika começou a cantar uma canção de

encerramento de um anime antigo... um anime que embalou sua virada da infância para a adolescência. Uma canção lenta e romântica que falava de saudade. Não soube se naquele instante a cantou em português ou no original japonês. Ela só continuou correndo e cantando, sem olhar para trás. Começou a subir o lance de escadas iluminadas e viu bolas de luzes em volta dela. O ar esquentou, as bolas pareciam dançar com sua canção. O que pareceu menos de um minuto de correria transformou-se em momentos de tensão intermináveis.

Mas ela não esquecera Kurikara. Assim como ele, Aika não pararia. E quando terminou o último verso, o choro da criança cessou.

Parou quando viu o fim das escadas. Ao chegar ao topo, lugar que permitia a visão perfeita de Namimeido, Aika tombou.

Capítulo 5 — Consequências

Aika precisou de um minuto para tomar fôlego. Suas pernas e coração tremiam e doíam como nunca em sua vida. Olhou para os lados, sem sinal de qualquer presença ou daquele frio sinistro. Em seguida, sentou-se e olhou para a lâmpada central apagada. A noite caía, deixando o ambiente ainda mais escuro. Suspirou.

— Obrigada... — disse em voz baixa.

Ergueu-se e cambaleou um pouco, rindo. Mal podia acreditar! Estava vivenciando coisas que só aconteciam em filmes ou animes. Isso de certa forma era muito interessante — era uma aventura de verdade. Foi tomada por êxtase, como se tivesse acabado de concluir uma fase complicada de

um jogo.

Andou um pouco e parou sobre o parapeito, de onde tinha a visão perfeita da cidade tomada de pontos brilhantes e coloridos, enquanto no céu surgiam pequenas estrelas tímidas. Virou-se e deu-se com o majestoso oceano do outro lado. Era uma vista magnífica e ficaria horas ali se não estivesse com pressa. Fora os fantasmas, o farol por dentro não parecia ter nada de anormal. Aika tomou então a conchinha em mãos e se ajoelhou em frente à lâmpada. Parecia algo idiota, mas podia dar certo.

— Estou aqui para usufruir do portal do Mon-en! Por favor, me conceda esse desejo! Vi o seu brilho e preciso saber se Kurikara e Gattai existem!

Nada aconteceu. Nenhuma luz, nenhuma voz, nenhuma imagem, nem mesmo um fantasma. Ela engoliu em seco, temendo ter se enganado e repetiu as palavras. Apresentou-se, pediu ajuda e disse que queria salvar o jovem Guardião.

Nenhuma resposta. Esperou por quase cinco minutos e nada.

Teria sido tudo em vão? Ou teria cumprido as etapas de maneira incorreta?

O desespero começou a tomá-la. Não seria merecedora? Mas ela viu o farol brilhar ou... teria enlouquecido de vez? E a conchinha? Não, ela tinha certeza que havia algo.

Talvez o farol lhe negasse ajuda por ela não ter nascido lá. Não era descendente da cidade e o portal foi feito exclusivamente para eles. Como não pensou nisso? O Mon-en jamais a aceitaria. Era estrangeira e morava lá havia pouco tempo. Nem mesmo simpatizava com a maioria dos moradores. No entanto... por que ele teria brilhado?

Naquele momento, Aika sentia algo mais forte do que o medo: sentia raiva. Ele brilhou para ela, sim. Percorreu um longo trajeto, ainda confrontou Yui, para no final ignorá-la? Com o sonho que tivera com Kurikara repetindo-se em

sua mente?

— Eu não sou filha dessa cidade..., mas sou filha deste mundo! Não me negue só porque nasci do outro lado dele! Eu não vim por ganância! Eu... eu preciso saber se ele é real!

Silêncio absoluto. Os únicos a lhe responderem eram o vento e o mar.

— Aquilo não foi um sonho! Eu sei que não foi um sonho! Ele está em perigo e talvez eu tenha pouco tempo! Como pode ser tão cruel? É porque sou uma mulher também? Ora, vamos! Mostre-se de uma vez por todas! Tenho todo o direito de saber por que acendeu para mim, eu me esforcei para isso!

Sem pensar, Aika jogou a conchinha na lâmpada apagada. Quando ouviu seu choque, tudo se incendiou.



A surpresa foi tanta que ela não conseguiu gritar, só cair de costas pelo susto. A lâmpada do farol havia sumido e dado lugar a uma enorme pira antiga. O fogo subia até o teto e estava a menos de um metro de tocá-la. O calor e o temor fizeram-na sentir-se pequena e idiota, um nada diante de algo poderoso e imortal. Sentia que estava diante de algo monstruoso... e zangado.

Uma coluna de fogo se ergueu da pira e começou a “se ajeitar”, tomando uma cor esbranquiçada enquanto surgiam dois “olhos” nela. E não eram olhos comuns, eram fendas escuras por onde parecia possível ver todo o universo. Mas, se continuasse olhando, seria tragada por eles para sempre. Ela baixou a cabeça e se ajoelhou, tremendo, e esperou alguma coisa, tomada por um misto de pavor e euforia por presenciar algo que só se vê em ficção. O nervosismo provocou uma piada em pensamento:

— *Só falta pedir para que eu “tire os sapatos porque*

estou em solo sagrado”.

— E a senhorita deveria fazê-lo.

Aika gelou. A coisa falava, uma voz grave que parecia se propagar pelas paredes, e que por alguma razão ela não conseguia diferenciar se era masculina ou feminina. Arrancou os sapatos e os atirou longe. Esquecera-se de tirá-los ao entrar, como deveria fazer, já que estava no Japão. Não sabia se pedia desculpas por insultá-lo ou se pedia uma justificativa pelo silêncio...

— Eu, chamado pelos mortais de Mon-en, não me pronunciei por minha própria vontade.

— ... Por que não sou desta cidade?

— Exato. E dirija-se com mais respeito, mortal.

— Mortal... — Aika acabou rindo de nervoso. — Então por que... por que acendeu para mim?

— Akayama Kurikara, Guardião de Suzaku, já está condenado.

— O quê? Ele... ele existe?

— Sim. E ainda não morreu.

— Então... meus sonhos...

— Você viu o que irá acontecer com ele, pois seu destino está selado em desgraça assim como os que o antecederam. O preço por brincar com o que não lhes pertence...

Aika não pôde acreditar no que acabara de ouvir.

— Também não fui eu quem a chamou. O brilho é um recurso que faz parte desta construção, cujo poder é atrair os desesperados. Contudo, eu decido quem será o escolhido para passar. E você não pode.

— Por quê?

— Porque não nasceu aqui. Seu coração está tomado por mentiras e ódio. É arrogante e infantil. Não tem o direito! Quanto ao Guardião, não há nada que se possa fazer...

— NÃO! Eu posso ser o lixo que for! Posso vir do quinto dos infernos, mas nem você e nem ninguém tem o direito de condenar o Kurikara pelo que ele não fez! Ele não

tem culpa pelos seus antecessores. Ele não tem culpa pelo que a maldição o fez fazer e não aceito seu julgamento!

A entidade não falou, enquanto suas chamas crisparam e o fogo cobriu todo o teto. Aika agora se achava mais louca do que nunca, mas o que tinha a perder?

— Criatura insolente...

— Por que raios eu veria o futuro dele se não pudesse fazer nada? Se eu vi é porque eu posso impedir, não é? Ou foi só de sacanagem com a minha cara? Eu não escolhi nascer no Brasil! Eu nem pude escolher morar no Japão! Muito menos escolhi ser rejeitada por todo mundo! Eu não posso aceitar isso!

O fogo continuou, mas ele não lhe respondeu.

— Que tipo de deuses vocês são, que prometem e não cumprem? Kurikara foi praticamente abandonado pelo deus que lhe jurou ajuda! E qual é o sentido de discriminar alguém por um limite de terra estabelecido por nós mesmos e não por vocês? Deus, eu sou filha da Terra também, assim como

os que nascem em Namimeido! Não vim aqui por mim, eu só quero salvá-lo!

Sem resposta, desistiu, deixou sua cabeça tombar e curvou-se quase tocando o chão, tremendo de raiva e de medo. Para sua surpresa, as chamas desceram e correram até a pira, atravessando-a sem queimá-la, até desaparecerem. Pensou ter voltado para o silêncio e a ignorância, até que viu uma mão dourada e morna erguer seu rosto. Deu-se então com uma silhueta brilhante, também em fogo, mas que não a queimava. Uma silhueta quase humanoide que tocou seu rosto e enxugou sua lágrima.

— Seu amor é mais forte do que seu medo — disse a voz, agora mais gentil. — Sua revolta aponta o traço humano que lhe é característico. Mas tem muito a aprender.

Ele recuou até a pira, ainda na forma humanoide, e continuou:

— Sua mente está tão atormentada que deixarei passar seus insultos. No entanto, nem todo desejo pode ser

uma graça, e esse é um dos motivos pelos quais acredito que não seja uma boa ideia você usar este portal.

— O que... o que quer dizer?

De repente, a conchinha flutuou da pira em sua direção e parou a um palmo de seu rosto, girando.

— Para salvá-lo, não bastará apenas partir para seu mundo e resgatá-lo. A alma de Kurikara está presa por correntes poderosas. Para quebrá-las, você terá que abrir mão de muito mais do que imagina.

— Troca equivalente?

Por um momento pensou que a grade chama tivesse sorriso.

— Não da forma a qual visualizou... embora, não deixe de ser um bom exemplo. Saiba que, para passar, você me deverá um favor, pois não nasceu aqui e nem descende dos moradores originais. No entanto, você ainda não pode fazê-lo, pois não tem o poder para tal. Há sim limites para as pessoas que escolho; uma questão de sangue e de carma.

Carma pelos antepassados que um dia clamaram por mim e você, assim como muitos, é ignorante quanto a isso.

Aika respirou fundo, temendo o que poderia pedir.

— Seu mundo distorceu muito as histórias antigas. Eu não deveria lhe dizer agora, porém, não posso deixá-la em dúvida quanto à sua escolha. Para não a atrasar, saiba que o pedido envolve os habitantes da cidade. E não nos encontraremos até que tenha cumprido o que me deve.

Os habitantes da cidade... logo com quem Aika não se dava. A criatura fez surgir uma corda escura que passou no furinho da concha.

— E para salvar aquele que encontrará, terá que anular aquilo que a trouxe aqui. Deixará de ser quem é.

— Oh, droga...

— É claro, se você atrair qualquer perigo para essa cidade, eu não terei escolha a não ser matá-la e fechar as portas para Gattai.

Aika engoliu seco.

— Isso inclui meus pais e meu irmão mais novo?

— Não. Os pais não devem ser culpados pelos pecados dos filhos e vice-versa.

— Isso não bate com o que disse anteriormente.

— Curiosa e antecipada. Mais um traço humano... você não merece tantas respostas e não entendeu o que eu disse. O jovem está pagando pelos erros dos que o antecederam, os que tinham a mesma missão que ele. Enquanto seus pais também deixaram uma influência cármica problemática sobre ele. Tanto que, se resolvida, mudará grande parte de sua vida. Se não, creio que infelizmente sua alma estará perdida. O universo se mantém por uma relação de causa e efeito. Devido a isso, ele está preso em um círculo vicioso onde só alguém de fora poderá libertá-lo. Tanto ele quanto seu mundo. E é aí que você pode entrar, embora isso possa ser muito mais nocivo para você do que benéfico para ele.

— Se minha família não será envolvida... tudo bem.

— Já que essa é a sua escolha, direi as instruções do portal, e só direi uma vez: os horários para a passagem são do pôr do sol até o ápice da noite e do nascer do sol até o ápice do dia. Eram os melhores horários para os habitantes antigos passarem despercebidos e, ao passar desses horários, você terá que esperar no mundo em que estiver. Marque bem as horas em sua mente, pois onde estiver, é o tempo de Namimeido que importa. Se passar do horário ou estiver em perigo, eu não poderei buscá-la, pois só posso estar “deste lado”. Poderá levar outros consigo, basta segurá-los contra o corpo e dizer o nome do local e visualizá-lo bem. Você pode escolher também não o nome do local e sim o de uma pessoa. Ao dizê-lo, você se encontrará com ela. E pode se transportar para lugares diferentes do mesmo mundo quando e o quanto quiser, mas se isso oferecer perigo à cidade, terei de matá-la quando retornar.

De repente, a corda da concha se enrolou em seu pescoço, virando uma gargantilha. Aika sentiu como se

tivessem lhe colocado uma coleira.

— Dê três toques no objeto visualizando o local ou nome e você será transportada. Não deixe que lhe roubem sua chave ou que seja destruída. Se isso acontecer do outro lado, ficará lá até o fim de seus dias.

Aika engoliu seco, mas não haveria outro jeito se quisesse continuar.

— Então, obrigada, de verdade. E... desculpe-me pela revolta.

— A revolta é própria de sua raça. Mas, não pense que somos o que você conhece como “deus”. Você não compreenderá, e não há muito tempo. Tenha em mente apenas que, para nós nos tornarmos o que somos, um dia começamos como mortais.

Aika arregalou os olhos e abaixou a cabeça. As palavras no plural só a alarmaram mais.

— Desculpe-me... Darei meu melhor.

— Você terá de dar se quiser viver.

De repente, tudo voltou ao que era antes. Não havia nem mesmo a pira diante de si ou sinal de Yui. A única prova do que vira estava em seu pescoço. Aika percebeu o corpo dolorido pela tensão do momento e calçou os tênis.

— Que frase mais animadora... então, é isso!

Aika segurou a concha e sentiu que ela pulsava como um ser vivo. Escolheu então a caverna onde viu Kurikara cair em sua visão, e sabia o nome e localização (pelos mapas que via no mangá e no anime). Respirou fundo, agora ainda mais ansiosa. O medo deu lugar a uma euforia quase doentia e, decidida, deu os três toques falando o lugar.

A primeira coisa que aconteceu foi uma espécie de soco no estômago e uma sensação de desmaio forte. Ao mesmo tempo, viu tudo à sua volta se distorcer e queimar, até que se viu no meio do espaço, passeando entre constelações e galáxias. Era lindo e sentia-se flutuar, como se não houvesse nada além de sua mente. Tudo foi muito rápido e, num piscar de olhos, viu-se em um local muito

escuro e abafado, cercado de rochas, pingos, poças e musgo. Vibrou ao reconhecer a caverna que viu em sonho, com o mesmo lago onde vira Kurikara cair. Não conteve a exclamação e sobressaltou-se, pois ele ainda poderia estar lá no fundo.

Correu, chamando-o, e viu que não havia nada no fundo além de rochas. Percebeu o quanto o lago era azul e cristalino, além de haver uma abertura para o céu, cercada de estalactites. Aika chegou até a borda e tocou na água gelada, arrepiando-se com o contato. Não era fundo, mas poderia afogar alguém fraco e ferido.

Levantou-se e observou o céu que entardecia. Entre as nuvens via surgir não uma, mas duas luas cheias.

— As “irmãs”. — Aika sorriu. Agora tinha certeza de que não estava mais na Terra. Gattai tinha duas luas, as quais o povo chamava de “As Irmãs”. A maior era “a mais velha” e a menor “a mais nova”. Não pôde conter sua euforia. Estava de fato em outro mundo. — Segurem essa,

terráqueos! A primeira pessoa a pisar em outro planeta é brasileira! — brincou.

Mas conteve-se, pois não sabia se estava cedo ou se já era tarde, se Kurikara estaria capturado ou se a cerimônia já havia começado. Se fosse a segunda, seria ainda melhor, pois poderia impedir a explosão dos Orbes e o ataque de Yami-no-Yaku. Contava com alguma diferença nos horários e talvez devesse esperar por mais alguns minutos. Se fosse como no sonho, ele despencaria a qualquer momento. Ou talvez fosse melhor arriscar ir até o Templo. O problema seria ser descoberta pelos habitantes ou pelos inimigos...

Mal concluiu seu pensamento quando de repente, ouviu um estrondo. A passagem de luz se fechou e viu o teto ceder. Aika, no escuro, não viu quando duas estalactites caíram e rasgaram parte de seu braço. Gritou com a dor, e entre a confusão de pedras e poeira, viu uma figura alada despencando.

Era Kurikara!

Correu, chamando-o, e outra estalactite despencou, dessa vez sobre sua perna direita, cortando-a. Aika caiu de cara no chão, sentindo gosto de sangue e a dor lancinante sobre sua perna. Sua visão escureceu e Aika rosou, não podia desmaiar. Ergueu-se de súbito, mancando e chamando o jovem. Mais estalactites caíram e por pouco ela não foi atingida. Aika chegou até a borda e viu a figura desaparecer no azul. Corrigindo, no carmesim de seu próprio sangue. Sem pensar duas vezes, atirou-se dentro do lago e foi tomada pelo gelo.

Esbarrou em algo grande e percebeu que tocava uma asa. Mergulhou ignorando o sangue, e abraçou um corpo magro enquanto sentia seus dedos misturarem-se a fios de cabelo, vendo o rosto sereno de ninguém menos que o próprio Kurikara. Seus olhos fechados, o símbolo de Suzaku na testa, os lábios entreabertos, o corpo muito ferido e com marcas de queimaduras. Havia ainda os tentáculos da maldição arrastando-se em sua pele.

Puxou-o usando toda a sua força. Foi facilitada pela água e emergiu a cabeça do jovem, que não demonstrou nenhuma reação, como um animal caído, um simples peso morto. Sentiu seu braço e perna cortados queimarem e seu coração tremer por medo de ser tarde demais.

Ao retirá-lo do lago, Aika foi tomada de espanto: de suas costas saíam grandes e incríveis asas rubras com o centro das penas douradas. As asas de fênix, a herança de Suzaku, parecendo muito maiores do que no anime ou mangá. Mal sabia ela que a envergadura de cada uma equivalia a duas vezes e meia a altura do jovem.

Deitou-o da melhor forma que pôde, temendo ferir suas asas, e deixou sua cabeça de lado. Aproximou-se e, enrubescida, encostou a cabeça em seu peito nu; daí, ouviu um bater lento e irregular, quase inaudível. E o pior: as marcas da maldição começaram a correr pelo seu corpo a partir das costas. Algumas estavam rasgando sua pele e tentavam alcançar o topo de sua cabeça. Então a maldição

também existia e tentava possuí-lo. Mas se o acordasse talvez ele conseguisse impedi-la. Imediatamente começou o processo de ressuscitação.

— *Benditas sejam as escolas japonesas e suas incríveis aulas de primeiros socorros!* —, pensava. Pressionou o máximo que pôde o peito e sentiu o quão magro era Kurikara. No mangá e no anime ele parecia mais musculoso e mais alto. Aika enrubesceu antes da próxima etapa:

— Desculpe-me, Sayuri, mas é pelo bem dele...

Era a primeira vez que tocava os lábios de um garoto e pela primeira vez realizava o procedimento. Fez isso duas e vezes e, na terceira, seus lábios se soltaram com uma tosse rouca e aguada. A cabeça de Kurikara tombou para o lado, enquanto o rapaz cuspiu água. Esse talvez fosse o primeiro beijo mais desastroso da história... e Aika recuou, tomada de alívio.

Ele fechou os braços contra o peito e as asas se

agitaram. Aika saiu da frente para deixá-lo respirar e viu-o se enrolar em suas próprias asas e tossir cada vez menos. Viu-o recuar e se escorar numa rocha, sentando-se e respirando de maneira irregular. Então, pela primeira vez, Aika viu os dourados olhos de seu herói e ouviu sua voz num cântico bizarro e entrecortado por tosses. As marcas pararam de se mover e algumas recuaram. Viu também a marca de Guardião de Suzaku brilhar enquanto cantava, deixando-a fascinada. Mas estava escuro e as duas luas quase não os iluminavam.

Seus olhos encontraram os dela, e Aika sentiu um calor preenchê-la. Seu herói estava diante dela e ela acabara de resgatá-lo da morte. Nunca mais esqueceria aquele momento! Era mais que uma privilegiada, era a fã mais feliz e mais sortuda da face da Terra. O que os outros fãs dariam para estarem em seu lugar?

Kurikara, recém-desperto de um verdadeiro pesadelo, mal pôde acreditar no que estava vendo enquanto

tentava controlar a maldição. Procurou se erguer, mas a primeira tentativa foi em vão. Temia a silhueta à sua frente. Se fosse um inimigo ou um servo de Yami-no-Yaku, não teria escapatória. Sentia que havia algo muito errado, ele via o poder da chave-conchinha em forma de luz e sentia que não era algo pequeno e muito menos conhecido. E a fêmea, como chamava, não lhe remetia ninguém.

Esforçou-se de novo, agora fortalecido pelos seus receios e conseguiu apoiar-se. De repente, Aika se ergueu e tentou ajudá-lo a se sentar melhor, abraçando-o. Mesmo ressabiado, ele acabou deixando-se levar pelas mãos que o ajudavam a encostar-se em um dos escombros, e relaxou suas asas.

— *São mãos magras e suaves. Não pode ser Riko ou Iruka... nem qualquer um que eu conheça.*

Kurikara sentiu o toque macio dos cabelos ondulados de Aika em seu rosto e notou o quanto ela era pequena. Permaneceu em alerta, já que perdera a conta de quantos

demônios com o poder de mudar de forma ele já conhecera. Yami-no-Yaku era alguém com essa capacidade. No entanto, parecia-lhe que o perigo estava naquele brilho, e não nela. Sua percepção de Guardião raramente falhava e deixou-se ficar mais tranquilo, até para acalmar a maldição. Com certa dificuldade, sacudiu suas asas e seu cabelo. As asas em particular pesavam muito com a água e estavam muito doloridas. Percebeu que esse gesto parecia ter surpreendido a jovem, e ouviu uma risada baixa e rápida. Mal sabia ele que a garota estava quase chorando de felicidade.

Aika ainda estava tão inerte pelo que tinha diante de si que se esqueceu de se apresentar. Ela percebeu que Kurikara tremia, e olhou para os lados procurando algo para fazer fogo. Temia também que mais estalactites caíssem e pensou que talvez fosse hora de levá-lo à sua casa. Nem se lembrou de trazer seu kit de primeiros socorros... Mas e quanto aos amigos dele, Riko e Iruka?

Kurikara percebeu que ela se encolhera e olhava para os lados. Tomou fôlego, arriscou um esforço e balançou a mão direita no ar, fazendo surgir uma bola de fogo brilhante que logo iluminou todo o interior. Ele tossiu ao fazê-lo, mas não perdeu a consciência. Para a surpresa dele, a jovem não recuou, pelo contrário. A luz da chama desenhou a misteriosa jovem que lhe sorria como uma criança maravilhada.

— Você faz isso mesmo! Ai, caramba! É de verdade!

Apertando os olhos, acreditou que estava diante do que lhe parecia ser uma filha-pura que usava roupas muito estranhas e viu o sangue escorrer de seu braço e sua perna.

— Quem... quem é você e de onde és?

— Ai, caramba! A sua voz é mais linda que a de seu seiyuu¹²!

Kurikara franziu o cenho com aquela reação e não

¹² Seiyuu (声優) ‘ator de voz’, equivalente a um dublador. É como são chamados os atores que fazem vozes de personagens no Japão.

compreendeu o termo.

— Ah, sim, eu... — Aika respirou fundo tomando coragem, e pensou em se apresentar de acordo com o povo de Gattai. — Eu sou Aika Akatsuki dos Anjos... ah... Filha de Akatsuki Hinata, herdeira do Brasil — “*Isso soou estranho!*” — e da Terra. Estranho, não deveríamos falar o mesmo idioma... Enfim, deixe-me examiná-lo! Você está ferido e aqui talvez não seja seguro...

Ele recuou quando ela se aproximou.

— Por que veio?

A pergunta soou-lhe quase agressiva. Ele parecia muito desconfiado.

— Eu vim para salvá-lo.

— A mando de quem? — Aika notou as asas se arripiarem quando ela tentava se aproximar.

— De mim mesma! E não é hora para isso! Você não está bem e...

À medida que se aproximava, Kurikara pôde notar

algo que só os dotados de magia podiam: todo habitante de Gattai possuía uma espécie de aura. A cor dela determinava desde sua personalidade até suas intenções, mas ele tinha de se esforçar para vê-la, isso quando a pessoa não sabia escondê-la. O que a torna importante é que, se a pessoa nasceu em Gattai, haveria uma espécie de fio que saía do estômago para se conectar ao chão, até o centro de seu mundo e o coração dele, onde se dizia localizar a alma de Gattai.

Só que ela não tinha esse fio conectado. Pior. Ele corria para longe, para o céu, e sumia. Sua aura tinha a cor roxa, e essa cor ele nunca havia visto em ninguém. Aika não teria como descrever a expressão do rosto do herói quando suas asas se arriaram.

— Para trás! Não se aproxime! Não ouse... não ouse chegar perto!

— Hei, hei, o que houve? Eu te salvei!

— Você... você não nasceu aqui... você não é filha

de Gattai! De onde és e o que queres comigo?

— Co-como você sabe?

— Não importa! O que és? És outra anomalia de Yami-no-Yaku? Responda!

— Por favor, você tem que confiar em mim...

— Essa coisa no seu pescoço é grande e sinistra! Você não é deste mundo e carrega algo... — Ele não falou, mas por aquele tipo de brilho e pelo que tinha de percepção, acreditava que era algo talvez tão forte quanto seu deus.

— Ok, ok, você me pegou. Eu não nasci em Gattai.

A confirmação o surpreendeu de tamanha forma que a chama flutuante crispou e aumentou bruscamente de tamanho, fazendo Aika se encolher.

— Não pode ser! Está mentindo... só pode ser algum tipo de demônio...

— Não, eu estou falando a verdade! E... eu vim em paz!

Ela o havia deixado boquiaberto e embasbacado. De

certa forma, deveria ter esperado essa reação, afinal, Kurikara vivia em um mundo cujos habitantes nem sabiam o conceito de planetas, achavam que estrelas eram almas olhando por eles e seus mapas terminavam em quedas d'água com demônios. Kurikara já havia passado por poucas e boas até ser salvo, era de se esperar que reagisse assim.

— Olha, é uma longa história... bem, existem outros mundos! E no meu há um portal que me trouxe para cá. Mas eu não quero te machucar! Eu vim para te ajudar.

— Se você é de outro mundo como pode me conhecer?

— *Kurikara e suas perguntas inteligentes* — lamentou Aika, agora um pouco chateada por isso. — Cara... I-isso não importa agora! Eu vim porque meu mundo conhece o seu e eu soube que você estava para morrer e vim resgatá-lo! Escuta, não podemos ficar aqui, não temos muito tempo e Riko e Iruka precis...

— ONDE ELES ESTÃO?

Num piscar de olhos Aika estava no chão e ele sobre ela, com uma lâmina de uma Katana vermelha encostada em seu pescoço quase na conchinha, que esquentou de repente. Aika tossiu, a feição de Kurikara era mais assustadora que no mangá ou no anime. Suas asas estavam abertas e muito arrepiadas, com uma mão segurando o ombro dela, a outra na espada e ela entre as pernas dele. Mas o nariz do Guardiã sangrava e, num segundo seguinte, ele quase caiu sobre ela e a lâmina desviou de seu pescoço. Aika gritou:

— Peraí! Eu juro que vim te ajudar! Você não pode continuar, vai morrer assim!

Ela notou que ele tremia mais. Seu corpo não estava mais suportando usar tanto poder.

— V-você tem que confiar em mim...

— Sabe de meus poderes, mencionou os meus amigos... não, você terá que me provar!

— O quê?

— Prove-me que não é um demônio! — A Kaseiken

tremeu e ela sentiu a conchinha esquentar mais, fazendo-a tremer. Quem diria que poderia ser morta por seu herói? Mas graças ao seu conhecimento de sua história, teve uma ideia: ergueu sua mão esquerda e tocou a lâmina, até sangrar o polegar e aproximou-o da boca, dizendo:

— *Eu juro em meu nome, em nome de meus antepassados e em nome dos deuses que eu vim para salvá-lo!* — disse, enquanto traçou sobre os lábios uma estrela de cinco pontas.

Os olhos de Kurikara se arregalaram. Recuou no mesmo instante e piscou. Sobressaltou-se, pois tinha que completar: cortou o polegar esquerdo em Kaseiken, levou-o contra a boca e disse:

— *Eu juro em meu nome, em nome de meus antepassados e em nome dos deuses... que eu não irei colocá-la em perigo.* — falou, e traçou a estrela sobre os lábios.

Por fim, a Kaseiken brilhou e transformou-se de volta

num medalhão sobre o peito de Kurikara, que tombou de joelhos, enquanto Aika se recompunha. Kurikara conjurou outra chama e ela pairou entre os dois, ambos arfando.

Para ele, aquele gesto era mais que qualquer prova que pudesse esperar. Uma jura poderosa, tão antiga quanto os primeiros guardiões, já que havia um sentido para cada etapa: a mão esquerda representava o coração. O sangue era seu corpo. A estrela simbolizava sua alma perante os deuses. O símbolo traçado em sangue sobre os lábios selava a promessa, tornando-a um verdadeiro pacto. Mais que um juramento, era a criação de uma conexão entre os espíritos dos dois. Selava-se um verdadeiro acordo de corpo e alma e, se descumprido, uma maldição de desgraça era feita sobre o traidor, pois aquela era forma mais pura de demonstração de confiança. Nenhum demônio ou qualquer criatura das trevas poderia executá-la.

E da qual ninguém em toda a sua vida lhe confiara.

Confuso, esfregou os olhos e ficou parado olhando-

a, sem saber o que dizer ou pensar.

— Esse é o dia mais estapafúrdio de toda a minha vida.

— Então estamos quites... — disse Aika, recuperando o fôlego e largando-se contra uma rocha.

Aika notou a surpresa em seu rosto e viu o quanto foi bom ter feito aquilo. Sabia que ela tinha pegado pesado e tinha plena noção do que fizera. Esse pacto apareceu na história entre dois amantes que Kurikara estava ajudando, pois eles queriam viver juntos, mas, por um motivo não importante agora, eles tinham que fugir dos membros de sua raça. Deu sorte da história do mangá estar coincidindo com a original.

— A senhorita sabe o que acabou de fazer?

— Claro que sei. É uma honra unir minha alma à sua. Estou disposta a bancar essa promessa.

— *Ela parece confiante no que diz..., mas por que uma honra?* — Kurikara pensou.

— A senhorita disse o nome dos meus amigos.

— Vamos parar com esse “senhorita” para cá e para lá, beleza? Começemos de novo! Sou Aika Akatsuki dos Anjos. E por favor, me chame pelo meu nome mesmo, Aika, e não pelo meu sobrenome.

Kurikara arqueou as sobrancelhas diante de mais uma surpresa, mas, como ele mesmo recusava-se a usar seu próprio sobrenome devido às suas desavenças com os Fênix Negra, acabou sentindo que isso a tornava parecida com ele.

— Ai-ka...?

— “Fogo do amor”, e não “triste canção”.

— *Nunca ouvi uma combinação assim...* — Não pôde deixar de pensar. Mas não queria perder tempo com apresentações, estava preocupadíssimo com seus amigos.

— Bom, já que nos tornamos tão próximos assim, por favor, senhori... Aika, diga-me onde estão meus amigos e se eles estão bem!

— Pelo pouco que vi e suponho, eles devem estar

presos. Com certeza estão vivos para interrogatório. Não vi se foram mortos...

— Você... viu?

— Eh... complicado isso... Olha, eu não tenho certeza, mas temos duas escolhas. Ou você espera se recuperar, pois está péssimo, ou arriscamos tentar ir atrás deles agora.

— Agora?

— É graças ao poder desse portal! — E tocou a conchinha. — Isso é uma chave que me foi dada por um deus do meu mundo. Ela me concede o poder de viajar entre os mundos e ainda levar alguém comigo, em um período limitado do dia.

— Então há... outros mundos e outros deuses? — Kurikara engoliu seco.

— Calma, não pira! Prometo que depois eu sento contigo e te passo o que achar que sei... — Aika disse, pois nem ela mesma sabia direito. — O que importa agora é que

eu posso pedir para a chave me levar até onde eles estão, e levá-lo comigo. O problema é se estarão acompanhados... só que para tudo isso, você tem que acreditar em mim!

Kurikara tocou o corte no dedo e pensou que, se fosse por seus amigos, ele iria arriscar qualquer coisa.

— O portal nos levará aonde eles estão. Entramos lá direto e talvez ninguém nos veja, o que é improvável, mas se formos rápidos deve dar certo. Pegamos os dois e vamos para o meu mundo, onde é seguro. Isso eu garanto! Lá vocês podem se restabelecer e aí ver o que fazer depois.

— Ir para seu mundo?

Suas asas se levantaram com a surpresa. Sua expressão séria podia se alterar pouco, porém, suas asas sempre o denunciavam.

— Sim! Estarão mais seguros do que aqui!

Kurikara hesitou. Ir para... outro mundo? Isso era muito absurdo, era loucura, passível de acontecer o pior.

E ele riu.

— Certo, eu aceito seu plano.

— Que cara bizarra... Vai aceitar assim, de boa?

— Se a senhorita me enganar, será amaldiçoada e só os deuses sabem o que sofrerá por causa do pacto. Meus amigos são minha prioridade e... eu preciso ver com meus próprios olhos se existem outros mundos e outros seres! Nunca me foi ensinado algo assim.

Aika suspirou. Até que ele aceitou bem. Era arriscado mostrar-lhes seu mundo, queria se disfarçar de filha de Gattai, mas ele acabou descobrindo...

— Então segura a minha mão e vamos nessa! — disse Aika, erguendo-se e oferecendo-lhe a mão da promessa, quase tremendo de emoção e ele a pegou, hesitante. Deu os três toques na conchinha e disse: — Leve-nos diante de Umi Iruka e Yamamoto Riko!

Capítulo 6 — Promessas

Em um piscar de olhos, Aika e Kurikara deram-se com um corredor úmido, cercado de paredes rochosas e mal iluminado por algumas piras. Kurikara soltou-se de Aika, que viu o semblante do guerreiro alado pasmo por um segundo, até retornar à mesma expressão séria. Imaginou que Kurikara estivesse lutando contra seus receios para ir atrás de seus amigos, por mais bizarro que aquilo tudo lhe parecesse e por mais que temesse o poder da presença que sentia.

— Eu reconheço essa prisão — disse Kurikara —, mas...

— MEU DEUS!!!

Kurikara sobressaltou-se com um grito de Aika: um

soldado-oni do Dokujuugumi surgiu correndo da penumbra. Aika mal piscou e foi empurrada para trás de Kurikara por sua asa, e viu de relance um brilho e chamas surgirem no ar até o oni. Ele urrou e se afastou enquanto Aika dava vários passos para trás com as pernas bambas, procurando algo para bater e lutar, porque a criatura era muito mais horrenda ao vivo do que no anime/mangá. Os onis tinham pele carmesim, com pelos negros e crespos na cabeça, pernas e braços. Tinham focinho de porco e olhos doentios. Os caninos deles escapavam das bocarras e tinham chifres de bode. Suas mãos eram garras grandes o suficiente para estrangular um boi, enquanto suas pernas eram curtas e musculosas com cascos nos pés. Tinham quase dois metros de altura e trajavam armaduras escuras danificadas pela batalha. Tremeu quando o oni urrou antes de ser golpeado por Kurikara e cair desmaiado. As chamas se apagaram e o chão girou na visão do Guardiã, precisando ser amparado por Aika.

— Ah, não! Seu corpo não vai aguentar tudo isso!

Temeu surgirem mais inimigos, notando que agora o nariz de Kurikara sangrava, e pôde ver os tentáculos da maldição andando sobre sua pele. Olhou para o lado e tomou uma tocha enquanto Kurikara se recompunha. Iluminando melhor a sala, viu uma prisão com dois corpos ao fundo. Aproximou-se e reconheceu Riko e Iruka. Chamou Kurikara, que se aproximou e suspirou de alívio.

— Eu sinto que estão vivos!

— Consegue conjurar a Kaseiken pra cortar a grade?
O Guardião piscou e a olhou, um pouco confuso.

— Nunca tentei isso.

— Para tudo tem uma primeira vez! Se ela corta couraça de Bakeshishi... Corte aqui, perto da fechadura! — Apontou.

Kurikara respirou fundo, concentrando-se, embora estivesse surpreso com a sugestão de Aika. Fechou os olhos, e o medalhão surgiu sobre seu peito ferido. Arrancou-o e transformou-o em Kaseiken. Cambaleou e foi novamente

amparado por Aika — que ficou feliz pelo Guardião não ser tão pesado assim. Ajudou-o a erguer a espada: ele desceu a lâmina e a porta da cela queimou onde a lâmina passou, abrindo-se num estalo.

Eles entraram com Aika, segurando a tocha e verificando se havia alguém vindo. A jovem não pôde esconder uma exclamação: Riko e Iruka eram idênticos a como ela vira em seu sonho, e parecidíssimos com os desenhos do mangá. Riko tinha cabelos negros e curtos, o corpo belo em suas curvas e músculos pelos anos de treinamentos. Trajava vestes masculinas, diferenciando-a pelo corselete e pelas suas lindas botas. Iruka tinha a pele de cor negra-acinzentada e os cabelos eram curtos e azulados, com uma pequena barba da mesma cor. Era baixo e musculoso, e havia guelras de peixe em seu rosto. Os dois respiravam mal e havia manchas roxas em seus rostos.

— Eu já vi isso! Foram envenenados pelo dokushi de Yami-no-Yaku! Nós só temos que...

Aika parou quando viu Kurikara abrir o kimono de Iruka, cortar seu próprio dedo e desenhar com seu sangue um pentagrama dentro de um círculo no meio do peito de Iruka, e gritar:

— *Aku no Kyushuu!*¹³

Um brilho dourado saído da mão de Kurikara e um estalo fizeram Aika recuar, vendo Kurikara ser jogado para trás. As manchas do rosto de Iruka sumiram e haviam ido parar no braço de Kurikara, que tossiu e cuspiu sangue. Iruka tossiu também, mas não acordou.

— Hei! Isso vai te matar!

Ele a ignorou e se voltou para Riko. Dessa vez ele hesitou, e foi Aika quem agiu.

— Tá bom, vai nessa, mas pelo amor de Deus, não morre!

— Ce-certo...

¹³ *Aku no Kyushuu* (悪の吸収) - Absorção do mal.

Aika abriu o kimono de Riko, deixando seu decote visível enquanto ouviam passos pesados e rugidos se aproximando. Aika olhou Kurikara, que tinha o rosto vermelho e relutante.

— Agora vai, né!

Engolindo em seco, Kurikara sangrou outro dedo e repetiu o gesto, enrubescido até as orelhas. Ao repetir as palavras, o brilho foi maior e ele foi atirado de costas, machucando as asas e cuspidando sangue. Mas nem sinal de Riko e Iruka despertarem, apesar das manchas desaparecerem deles. Aika tomou Kurikara nos braços quando o viu tremer e arfar, agora com as manchas do dokushi em seu peito também. Chamou-o e não teve resposta. Seu rosto tombou, parecendo ser tingido por uma sombra, e Aika teve um mau pressentimento.

Era a sua vez de agir! Tomou as mãos de Riko e Iruka, puxou Kurikara para si e sentiu o corpo dele tremer.

— Vou levá-los agora! — disse Aika, puxando-os

com dificuldade contra si. — Kurikara?

De repente, ela ouviu uma risada abafada... lenta e sinistra. Mas, não era Kurikara que ria.

Aika não pensou duas vezes e bateu na conchinha:

— Leve-me para meu apartamento em Namimeido!

Sentiu, agora menos surpresa, o soco no estômago e a sensação de flutuação. Aika não soltou os três e viu de relance o rosto de Kurikara. Mas, por um segundo, ouviu uma voz chiada, como um sussurro das trevas aproximando-se para tomá-la:

— *Maldita...*

Ela não via mais os olhos de Kurikara. Seu corpo travou em um calafrio, como se uma criatura horrenda a agarrasse de todos os lados...

TOMP!!!

Aika caiu em seu apartamento se separando dos três, batendo com a cabeça no armário. Os quatro mal cabiam no

local e Kurikara tombou com a cabeça na mesa do computador. Ergueu-se de súbito, tinha certeza de que aquilo era o Espectro, a forma da maldição que possuía Kurikara. Voltou-se para ele, torcendo para que Kurikara o contivesse, e suspirou de alívio ao vê-lo erguer-se com a mão na cabeça e gemendo com a pancada. Acabou que Aika riu quando ele se levantou e suas asas bateram na mesa e no armário ao mesmo tempo.

— Deuses... — reclamou.

— É você, Kurikara?

Kurikara tossiu e olhou para os lados, estupefato. Encolheu as asas, vendo Iruka e Riko caídos atrás dele. Encostou-se ao armário e falou tão rápido que Aika não entendeu nada.

— O quê? O que foi? — Ela questionou.

— Eu não sinto a maldição! — Kurikara repetiu.

Também notaram que as manchas haviam sumido. A marca de Suzaku, em vez de vermelha como uma tatuagem

em sua testa, assemelhava-se agora uma cicatriz antiga. Ele a tocou e suas asas se abaixaram. Aika suspirou de alívio ao ver a marca da maldição encolher.

— Acho que é porque estamos bem longe de Gattai. Cara, está tudo bem! Estamos seguros aqui.

Kurikara engoliu em seco. Concentrando-se, pôde sentir o poder de Suzaku, mas nunca o sentira tão fraco e distante. Tateou também suas costas e, para sua decepção, sentiu a maldição. Independente de qual fosse o lugar em que estava, era longe o bastante de seu inimigo — e isso, ele sentiu, havia deixado a maldição furiosíssima...

— O que houve...? — perguntou Riko, despertando. Iruka balbuciou algo também e eles tentaram se apoiar no chão. Kurikara sentou-se perto deles e os amparou. Falaram algumas coisas entre si. Iruka e Riko se espantaram ao vê-lo, a ponto de Iruka chegar a abraçá-lo. As vozes deles causaram estranhamento em Aika, que observava a cena à distância. A voz de Riko era mais grave que a do anime, enquanto a de

Iruka era alta e meio rouca, marcando o bom humor característico do rapaz.

— Você está vivo, cara! Estamos vivos! — Riu Iruka.

— Pensamos que tivesse virado pó com aquela explosão! — exclamou Riko.

— O clarão tomou tudo! Jurávamos que você estava perdido!

— E eu pensei que vocês tivessem morrido pelo dokushi... — Suspirou Kurikara, sorrindo pela primeira vez. Aika recuou para dar-lhes privacidade.

— Foi por pouco. — Iruka riu. — Fomos envenenados e jogados nas escadas. Aí nós tentamos lutar, mas não conseguimos enquanto estávamos lúcidos...

— Nos levaram para a prisão e deu para ver de longe o Yami-no-Yaku lutando com você, e depois tudo ficou branco... — falou Riko, quase atropelando as palavras. — E aí desmaiamos...

— Mas onde estamos e... o que houve com você? —
perguntou Riko.

— E a marca de Suzaku...

— Ah, sim... está tudo bem! Vocês não vão acreditar
no que aconteceu!

Aika então se ajeitou, respirou fundo e fechou os
olhos. Era a hora das perguntas.

— Iruka, olha ali! — exclamou Riko. — Não é ele?

Todos olharam em direção ao pôster de Suzaku no
Shounen Kurikara. No armário. E depois para o outro pôster
dele, e depois para miniatura de Kurikara de asas abertas na
prateleira. E depois para o resto do quarto e, por fim, para
Aika.

Fez-se um silêncio cavernoso. Aika havia se
esquecido disso...

— Eeeeeeh... então pessoal, por onde começamos?
— Quebrou-o, forçando um sorriso.

— Mas...? — indagou Riko. — Não... espera,

somos nós?

— E-e quem é você? — perguntou Iruka, encarando Aika por cima da asa de Kurikara.

— Opa, perdão... muito prazer, pessoal! Eu me chamo Aika! Eeeee... sim, esses desenhos são de vocês.

Aika se ergueu e, com o sangue frio, se deu conta dos cortes pelo seu corpo. Bufou e teve que se sentar de novo, mas não queria demonstrar dor na frente deles.

— Você está bem? — perguntou Kurikara, voltando-se para ela.

— É, tô... vou ficar... Essa conversa vai ser muito, muito longa mesmo. Ó, céus, não sei por onde começar...

— Começa com o que significam esses... esses desenhos! — disse Iruka.

— E por que sua roupa tem asas de Fênix Negra? — perguntou Riko.

— Lindas, não? — perguntou forçando uma risada, enquanto se levantava e lavava o ombro na pia. Temia ter

problemas para desenhar com o ombro daquele jeito. Sem dizer mais nada, abriu a geladeira e encheu copos com água, colocando-os no chão na frente dos guerreiros. Sentaram-se frente a frente, enquanto os três filhos de Gattai se apertavam no pouco espaço, que tornava-se ainda menor com as asas de Kurikara.

— Vocês podem beber de boa — disse Aika, já bebendo o seu, tentando acalmar o coração ansioso. Quando Kurikara fez o mesmo (estranhando um pouco o copo de vidro), os outros repetiram o gesto. Ela notou Kurikara fazendo um sinal para que se acalmassem.

— Então... vocês não estão em Gattai. Vocês estão em outro mundo.

Esperou uma resposta, mas teve apenas o silêncio. Riko e Iruka não disseram nada, obviamente sem acreditar. Voltaram-se para Kurikara que, com um suspiro muito longo, assentiu. As bocas dos dois se abriram tanto que Aika pensou que fossem rasgar, mas foram silenciados de novo.

— E não é uma terra “além da linha do céu” (termo que os personagens utilizavam para a linha do horizonte). É outro mundo mesmo. Também não é o dos deuses... e existem outros, mas eu só conheço o de vocês, então não me perguntem.

Aika agradeceu a Kurikara por silenciá-los de novo:

— Devo dizer que em meu mundo também nos é ensinado que não existe vida fora dele. Só que não... enfim, a questão principal é que nem eu mesma sei do que estou falando. Eu descobri por acidente que vocês eram reais...

— Reais? — perguntou Kurikara dessa vez.

— Ai, ai... — Aika suspirou e bateu as mãos trêmulas, por viver algo inimaginável. — Vou fazer assim... ahn, em Gattai existem histórias e contos, não é? Ficção para entreter, algum tipo de publicação?

— Claro! — respondeu Iruka. — Eu gosto de acompanhar umas histórias que saem nos jornais do meu povo e...

— Você acompanha essas coisas? — indagou Riko, incrédula. — São um monte de besteiras!

— Ora, são legais! E eu parei quando fui parar nessa missão...

— Aika, aonde você quer chegar? — indagou Kurikara, agora respirando melhor. Pelo menos sua regeneração estava rápida naquele mundo.

— Pois então, histórias são comuns no meu mundo. Têm várias características e formas diferentes, e são bilhões delas, para falar a verdade. Meu “povo” ama e consome isso direto... então, ahn... existe um tipo de história particular do país em que vivo agora, e é onde vocês estão, chamado mangá. São histórias ilustradas de forma mais caricaturada. E... bem, no meu mundo, eu os conheci através de mangás. Ou seja, aqui, vocês, suas vidas e seu mundo são mostrados como uma história.

Silêncio. Depois, uma gargalhada vinda de Iruka.

— Ai, ai... isso só pode ser brincadeira... não é,

Kurikara?

Ao encará-lo sério, Iruka estapeou sua testa.

— Isso é um sonho? — indagou Iruka.

— Ela não pode estar dizendo a verdade... — disse

Riko.

— Como assim, Aika? — perguntou Kurikara.

— Então, histórias são feitas por pessoas. Uma pessoa do meu mundo publicou... aliás, publica uma história de mangá sobre um mundo diferente e “imaginário”... — Aika falou “imaginário” mexendo seus dedos como se fossem aspas. — Chamado Gattai, onde acontecia uma guerra pelos poderes da natureza e cujos personagens principais são vocês!

— Então, essas coisas...

— São os desenhos “dela” de vocês. Sua história é uma ficção no meu mundo. Ela a narra colocando o Kurikara como o principal e...

— Como assim ele é o principal? — perguntou o

Iruka, embora essa fosse só uma dentre as milhares de dúvidas em sua cabeça.

— A criadora tomou o Kurikara como protagonista, então, a história que nos é contada é a história da vida do Kurikara e vocês e Gattai estão nela. — Aika falou isso num fôlego só. — Elas são meio que... bem... vendidas em meu mundo, como publicações mesmo. E daí que vêm as miniaturas, e essas pinturas grandes e muitas outras coisas...

Ela foi atacada por mais perguntas, mas a de Kurikara se sobressaiu às demais:

— Quem é essa “criadora”?

— Ela... então, gente, eu não sei mais se ela é uma criadora. Acho que o termo certo seria “aquela que conta a história de vocês”. Se chama Akiboshi Tsubasa e, infelizmente, sofreu um acidente grave hoje de manhã e está em coma. — Aika notou que eles não entenderam a palavra. — Ela... está adormecida e muito ferida, sem previsão de quando acordará. Eu rezo para que sobreviva...

— Mas..., mas se estamos em outro mundo, como ela pode nos conhecer? — perguntou Riko.

— Então... acho que ela nem sabe que vocês são reais!

— E como você sabe? — perguntaram os três ao mesmo tempo.

Aika hesitou e riu de nervoso.

— Eu... eu chutei um pouco... vamos do começo! Isto aqui é um mangá. — Tremendo de excitação, pegou numa das prateleiras o primeiro *tankōbon* de Suzaku no Shounen Kurikara e colocou nas mãos do protagonista. Aika o auxiliou a abri-lo, pedindo para que tivesse cuidado. — Seu mangá. Veja esse quadro — disse, apontando, após passar algumas folhas. — Reconhece esses? O cenário?

Iruka debruçou-se sobre os ombros e asas de Kurikara e Riko aproximou-se — embora mantivesse certa distância das asas — para ver os desenhos em preto e branco, ricos em detalhes entre linhas, hachuras e retículas, onde

seus rostos apareciam “triangulares e de olhos grandes”. Kurikara se reconheceu pelas asas: naquelas páginas, se via preso por correntes e cercado de guardas, ajoelhado e amordaçado na frente do rei Akira, Riko e Iruka, em um grande salão. Todos demonstravam certa aspereza com sua presença e, de maneira instintiva, leu as falas em voz alta e sem interpretação:

— “A marca de Suzaku entre os olhos. Sim... ele é o guardião de Suzaku.”, “Um Fênix Negra, quem diria...”.

— Mas é... o dia em que nos conhecemos? — perguntou Riko.

— Tsubasa começa a contar a partir desse dia. Lembram-se? Kurikara não se lembrava de como havia recebido os poderes e nem sabia da maldição. Ele foi capturado e acusado de um crime que não cometeu e foi levado aos pés do rei, depois que vocês dois o enfrentaram e o capturaram. Confere?

Os três a olharam embasbacados.

— O mangá também conta um pouco sobre cada um de vocês, até dos vilões. — Aika mostrou para eles uma página com ilustrações individuais e descrições breves de cada um, as quais Kurikara leu em voz alta, franzindo o cenho para algumas partes:

— “Kurikara: um jovem de dezessete anos que recebeu os poderes de Suzaku. Filho de uma filha-pura e um Fênix Negra, é talvez o único mestiço que existe em Gattai, encontrado na cena de um crime bárbaro no Vale das Montanhas Vermelhas. Com ele havia a marca e os poderes de Suzaku, o deus do reino do fogo. Ele não se lembra de quando nem como recebeu seus dons e afirma nunca ter estado naquele vilarejo. Possui uma personalidade calma, que se contrapõe à sua seriedade em combate. Por alguma razão, não deseja voltar a viver entre os Fênix Negra.

“Para não ser enforcado, aceita servir ao Rei Akira e à Nação Kibou na busca pelos Orbes Sagrados. O misterioso guardião deseja que haja paz entre as raças, é muito

habilidoso em magia e é capaz de conversar com os animais. Também é viciado em chocolate.” — Kurikara recuou com a última sentença. — Viciado? Como assim?

— Admita, você é viciado, cara — disse Iruka, querendo ler a sua parte. Kurikara deu de ombros e leu o quadrinho abaixo da ilustração de Iruka:

— “Iruka: é o príncipe-servo da Nação Kibou”...

— PRÍNCIPE-O-QUÊ? — exclamou o próprio, indignado.

— Calma, Príncipe — censurou-o Riko, e Kurikara prosseguiu:

— “... pertencente à única família real dos Aquaeternos, os Midori-Mizu. Por ser filho do meio, não têm os privilégios do irmão mais velho e nem os mimos do irmão mais novo. Viu ainda criança a fúria do desequilíbrio da natureza destruir as terras de sua raça, quase exterminando seu povo. Para sobreviverem, tiveram que abaixar a cabeça para os povos vizinhos. Assim, Iruka se tornou a “moeda de

troca” com Akira, rei da Nação Kibou, vizinha a terra dos Midori-Mizu. Ele deve usar seus poderes e habilidades para servi-los, abandonando seus sonhos e estudos, e assim seu povo terá os suprimentos e as terras necessárias para se reerguer. Sua última e mais importante missão é seguir Kurikara. Akira o escolheu, pois Iruka tem como habilidade controlar qualquer líquido e alterar seu estado físico, podendo assim enfrentar o jovem mestiço de igual para igual, pois não se sabe se o novo Guardião é confiável”. Hã? — Kurikara torceu o nariz com a última.

— Essa mulher sabe tudo de mim! — exclamou Iruka, mesmo sabendo que Kurikara e Iruka conheciam sua história. — E da Riko? O que falam?

— É mesmo, o que falam de mim? — disse a guerreira, cujas palavras saíram num tom irônico e sinistro. Aika se calou perante o olhar zangado dela, que não estava gostando nada daquilo. Mas Kurikara já estava começando a ler:

— “Riko, a temida ‘Pétala Branca’. É a mulher mais forte das Terras do Leste. Além de incrível guerreira, é uma estrategista extraordinária e possui grande conhecimento sobre as raças, principalmente sobre os Fênix Negra. Na verdade, era para ser uma simples camponesa das terras do Leste. No entanto, ela viu aos doze anos sua terra ser invadida e dominada por Fênix Negra. As crueldades que viu e viveu transformaram seu coração florido em um berço de ódio sedento por vingança.”

— Que poético... — Iruka riu, que se calou perante o olhar de Riko. Kurikara voltou ao texto:

— “Seu ódio chamou a atenção da misteriosa bruxa Tsubaki, que a treinou para ser uma assassina. Riko, com menos de vinte anos, foi capaz de liderar tropas de mais de trezentos homens e, assim, exterminar e expulsar os Fênix Negra das terras do Leste que invadiram seu lar. Uma assassina que, em cada corpo, deixava uma pétala de jasmim. Sua marca, temida por toda uma raça. Na pétala, a

mensagem da flor destroçada em busca de vingança. Por ser uma especialista nos pontos fracos de um Fênix Negra, foi escolhida por Akira para conter Kurikara em uma possível fuga. Seria ela capaz de respeitar a missão do Guardião ou seu desejo de vingança falará mais alto que seu respeito pela natureza de Gattai?”

A expressão de Riko fez Aika prender a respiração. Ela se voltou para a jovem, os olhos semicerrados e o pulmão cheio. Kurikara e Iruka pareceram dar uma ligeira recuada. As duas se olharam olhos nos olhos.

— Eu... não escrevi isso, eu juro — Aika falou fino, segurando a respiração.

— Sei disso, não estou zangada com a senhorita. — Aika soltou o ar. Teve a impressão que os rapazes fizeram o mesmo. — Só não gosto de saber que existe alguém que saiba tanto sobre nós.

Aika engoliu seco. De fato, ela sabia muito sobre eles.

— Riko — chamou-a Kurikara —, ela está juramentada comigo. Não há perigo.

— Milhares de pessoas nesse mundo sabem dessas coisas, só que... não sabem que vocês são reais! E eu nunca falaria nada para ninguém... se eu voltasse a Gattai... — defendeu-se Aika. — Nem eu sei se tudo que aparece aí bate com o que é real...

— Chega! Chega com tudo isso! — bradou Iruka. — É demais para mim, não dá para assimilar! Existem outros mundos, estamos em outro mundo e ainda é um mundo em que nossas vidas são contadas em uma história?

— Na verdade, você assimilou tudo corretamente. — Aika riu.

— A senhorita ainda não nos respondeu. — Interrompeu Kurikara. — Tudo bem se você diz que nem essa pessoa sabe que não somos uma história, mas como é que a senhorita sabe?

— Vocês se conhecem desde quando? — perguntou

Iruka.

— Eu salvei a vida dele e o ajudei a resgatar vocês.

— Senhorita Aika, não fuja do assunto! — retrucou Kurikara, e ela achou um pouco cômica a forma séria com que ele a chamou. — Como você sabia de tudo isso?

— Até hoje de manhã, para mim todos vocês eram uma história também. Só que aconteceram coisas que me forneceram a hipótese de que talvez vocês existissem...

— Que coisas?

Ela hesitou, respirou fundo e, temendo que a achassem louca, respondeu:

— Eu previ o futuro de vocês com sonhos!

— Mas você não tinha dito que ela escreveu...

— Eu previ isso antes de ver que ela tinha... É o seguinte: eu previ sua morte antes de ver o que ela desenhou! E aconteceu duas vezes. Aliás, talvez até tenha acontecido mais, só que é muito raro eu me lembrar dos meus sonhos. Como eu vi você diferente do que aparece em meu mundo,

acreditei que talvez...

— Como assim, você previu a morte dele? — indagou Iruka.

— Eu o vi sendo atacado antes da explosão e desaparecimento dos Orbes...

— Desaparecimento dos Orbes? — gritaram Riko e Iruka.

Kurikara explicou-lhes sobre sua luta, na qual perdera para o inimigo quando ele ia tomar os Orbes e a explosão que causaram antes de desaparecerem. O grupo lamentou, e foram despertados pelas palavras de Aika.

— Não foi sua culpa. Foi uma emboscada muito bem armada!

— Eu devia ter previsto — respondeu Kurikara, mas a palavra lembrou-o do que Aika estava falando antes. — Foi com isso que você confirmou que éramos reais?

Aika então falou do portal que havia na cidade em que vivia e de como entrou nele, além de sua promessa e

ameaça de morte. Mostrou-os a conchinha e viu Iruka torcendo o nariz, sentindo o poder da entidade.

Quando acabou, Aika largou-se de costas no armário depois de falar tudo quase no mesmo fôlego. Os outros fizeram o mesmo, mas na parede do quarto embaixo da janela — um pouco apertados. Só Kurikara ficou onde estava, encolhendo as asas embaixo da mesa.

— É muita coisa... — Suspirou Riko.

Os três conversaram um pouco entre si. As perguntas não paravam e Aika ouviu de relance eles comentarem sobre seu apartamento. Riko perguntava a Kurikara sobre o ataque a cidade, e ele lhe narrou tudo que viu. O trio queria ter uma ideia da direção em que as pessoas viram os feixes de luz, os quais com certeza pertenciam aos Orbes. De repente, Iruka saiu da conversa e chamou-a.

— Desde quando seus sonhos preveem o futuro?

— Não sei. Mal me lembro dos meus sonhos. Pode ter havido mais e eu não percebi.

— A senhorita pensa em controlar ou estudar isso?
— perguntou Iruka, agora muito interessado.

— Hã... por quê?

— Meu povo estuda a arte da adivinhação há séculos! Temos muitas pessoas com esse tipo de poder, e não apenas usando sonhos. Talvez o que você precise seja de uma orientação decente. Até a tal “criadora” pode ser como você, uma espécie de oráculo...

— Seu povo já cometeu muitos erros com a arte da adivinhação. — Kurikara o cortou. — É algo falho e perigoso!

— Só porque o *seu povo* não conhece não significa que *meu povo* esteja errado!

— Vocês forçam as pessoas a isso!

— Forçamos? Nós ensinamos a controlar!

— Não existe controle sobre adivinhações.

— Kurikara, se ela pôde prever a sua morte, ela e a tal Tsubasa podem ser a solução para os nossos problemas!

— É sério que você acha isso? Tem alguém ganhando dinheiro com nossas vidas! — rosnou Riko, mas sem perder a classe. — Expondo nossos passados e habilidades! Já não basta nossos problemas, ainda temos que lidar com esse absurdo?

— Ela não sabe que vocês existem — disse Aika.

— Como pode ter certeza?

— Eu... eu não a conheço pessoalmente, mas todos em meu mundo acham que vocês são só uma história, e é até melhor que seja assim!

— Por quê? — perguntou Kurikara.

— Bom, só existe uma raça humanoide aqui... — O grupo não entendeu o termo. — Quer dizer, é como se aqui só houvesse Filhos-Puros. Ninguém nasce com asas ou guelras, ninguém controla os elementos e uns poucos têm paranormalidades. E não são bem aceitos...

— Mas a senhorita disse que aqui era um lugar seguro.

— Sim, é mais seguro que Gattai, onde suas cabeças valem ouro! Aqui, enquanto ninguém souber de vocês, é seguro, basta fingirem ser filhos-puros. Só a Riko se “salvaria” se descobrissem.

— E o que aconteceria se descobrissem que não somos “filhos-puros”? — perguntou Iruka.

— Sei lá... talvez levem vocês para a Área 51 e os dissequem para ver a origem dos seus poderes, que nem alguns Filhos-Puros fizeram com alguns...

— ... Fênix Negra — continuou Kurikara, com desgosto.

Fez-se um longo silêncio. Riko e Iruka se calaram. Kurikara agora olhava para o chão.

— Até que vocês reagiram bem — comentou Aika, tentando quebrar o clima.

— E pensar que isso tudo não nos ajuda muito — comentou Kurikara.

Agora foi a vez de Aika franzir o cenho e perguntar:

— Como?

— Se falarmos de você e seu mundo, você morre. Não é justo porque acabou de salvar nossas vidas. Não podemos então revelar a Gattai que há vida além da linha do céu sem provas.

— Além do mais, saber que somos uma história não nos acrescenta em quase nada — pontuou Riko. Até que, de repente, ela estalou os lábios e um brilho sinistro passou por seus olhos: — A não ser que nossos inimigos sejam expostos assim. Isso acontece?

— SIM! — exclamou Aika. — Aparecem coisas sobre eles que vocês não vêem, até seus pensamentos! Embora, quanto às estratégias do Dokujuugumi e as localizações deles, vocês estejam bem atualizados.

— Acho que ajuda no ego também — disse Iruka. — Somos famosos?

— O quê? — Aika riu. — Vocês são mais que famosos! São conhecidos por milhares de pessoas no meu

mundo! E tem fãs por toda parte. Eu sou um deles! Como a Tsubasa está hospitalizada, ler o mangá pode ajudá-los por enquanto. Se ela despertar, talvez vocês até possam falar com ela.

— Viu, Kurikara? Não seria ótimo duas oráculos só pra gente?

— Não, Iruka! A Aika disse que a mulher está acidentada. E não adianta nada se foi a primeira vez que Aika previu algo. É perigoso!

— Mas eu queria poder ajudar! Seria uma honra! — Os três a encararam, desconfiados, e Aika corou. — Olha, eu... eu sou uma grande fã de vocês. Acompanho sua trajetória desde que começou... sei lá, me identifico. Existem várias histórias em meu mundo, porém, Suzaku no Shounen Kurikara é especial para mim.

— Como? — perguntaram.

— É como a história é chamada aqui. — Aika, sorrindo, apontou para o cartaz.

— Mas... meu nome não se escreve assim!

— Na verdade, essa é a forma certa de escrever seu nome! A forma que você escreve é silábica. Foi como sua mãe imaginou que fosse quando sonhou com essa palavra um dia antes de você nascer...

Agora era vez de Kurikara arregalar os olhos. Os outros fizeram o mesmo.

— Ahn... bem, isso foi contado também. Confere?

Kurikara, dessa vez cabisbaixo, respondeu:

— Sim. Ela me disse que ouviu esse nome...

— ... num sonho em que ela teve, no qual ela se via montada num dragão dourado, voando no céu azul!

Até suas asas se levantaram mais. Aika sorriu, animada.

— Isso é... assustador — pontuou Iruka. — Você sabe de tudo sobre nós!

— Então, a ideia do mangá é sempre causar entretenimento e apreensão. É assim com as histórias! E aí

vemos coisas sobre Kurikara e seus entes queridos, como por exemplo, essa memória da mãe dele. Só que as informações que temos dela são bem poucas e a autora fez isso para causar mistério. Tanto que não sabemos tanto assim sobre a Tsubaki, o pai do Kurikara ou o Yami-no-Yaku. Por isso, os primeiros volumes não deixam claro se o Kurikara é bom ou mau. É como se mostrassem o estado de desconfiança dos habitantes primeiro, para depois revelar seu passado à medida que vai recuperando as memórias e vocês vão se conhecendo, ficando amigos. Depois eu mostro isso tudo porque eu tô morrendo de fome... e vocês?

— Depois disso tudo? Estou faminto! Ai! — disse Iruka, que recebeu uma cotovelada de Riko.

— Não queremos incomodar.

— Ah, que isso! Vocês são meus hóspedes! Darei a vocês a aclamada recepção brasileira com a educação japonesa — Aika disse, fazendo uma mesura animada.

— Mas precisamos voltar para Gattai — disse Riko.

— Verdade — concordou Iruka.

— Não, não temos — Kurikara discordou, a contragosto de seus amigos. — Estamos feridos, cansados e com fome. Os Orbes se foram e Yami-no-Yaku sumiu. Estando assim, não podemos fazer muito pela Capital, pelo contrário, seríamos alvos fáceis.

— Mas estamos em outro mundo! — disse Riko, e Iruka assentiu.

— Aika fez um pacto comigo. E não quero arriscá-los. Vamos descansar aqui, pois não adianta nada voltarmos agora.

Os dois se exaltaram. Passar a noite em um mundo “alienígena” — embora não fosse essa a palavra que usavam — era algo aterrorizante. O bom é que a vontade de Kurikara prevaleceria. Aika resolveu deixá-los conversando.

— Vou fazer a janta. Com licença!

Aika saiu aos pulos até a cozinha. Achou que Kurikara preferisse isso ao arriscar a vida de seus amigos

debilitados. Conhecendo-o bem, se estivesse sozinho, talvez tivesse retornado. Mas, para a surpresa dela, os cortes no corpo dele começaram a cicatrizar. Era impressionante o poder de Suzaku. Já ela teve que cozinhar com um ombro dolorido e mancando.

— Humf, *cheater*¹⁴...

— O que a senhorita disse? — perguntou Riko.

— Eu? Ah, nada! — respondeu Aika, olhando a despensa. — Então, farei algo rápido. Macarrão, frango, legumes e molho! Hum... para Iruka sem frutos do mar, para Riko usar pouco sal e para Kurikara... ah, tempero forte! Acertei?

Os três entreolharam-se, ainda surpresos, e assentiram. Aika cozinhava com a mão esquerda e se sentiu

¹⁴ Cheater (trapaceiro, em inglês). O termo se tornou gíria entre jogadores, usado para designar os que se utilizam de *cheats*, que são códigos usados para se obter vantagens ou privilégios em jogos eletrônicos.

grata por aprender a ser ambidestra quando o assunto não era desenho. Observou o grupo conversar entre si.

— Vocês querem arriscar essa comida? E se tiver algo nocivo ou...

— Iruka, pensa! Se a garota é como uma Filha-Pura e há coisas semelhantes entre nossos mundos, não deve fazer mal!

— Hum, faz sentido, Riko... E ela está dando em cima de você.

Iruka sorriu de canto de boca para Kurikara, que coçou atrás da orelha e olhou de relance para trás. Sim, Aika estava olhando para ele. Quando ela percebeu que ele a olhava, derrubou a faca sem querer e tentou cantarolar para disfarçar.

— Acho que não... — disse Kurikara, e Iruka girou os olhos para ele. — Ela disse que é fã de todos os nós.

— Ah-ham, aquela conversa de sonho de mamãe foi o quê? — zombou Riko.

— Mas imagina que bizarro isso! Ela nem deve ser mesmo uma fêmea. Deve ter dentes na...

Iruka levou um soco de Riko no ombro. Aika já viu que, pela cara dela, que ele falou alguma coisa errada.

— *Igualzinho ao mangá! Isso é demais!*

Cortando o assunto, Kurikara cochichou o pacto que fizera com Aika e não contava que seus amigos o olhassem com descrédito.

— Já parou para pensar que, se ela é outro mundo, pode ser que isso não valha de nada? — indagou Riko, que costumava a não acreditar nessas coisas.

— Riko pode estar certa — concordou Iruka. — Se a força da mente e da magia já é diferente entre nossas raças, imagina aqui?

— O “Pacto da Estrela”, seja Fênix Negra, Aquaeterno, Plumas d’Ouro ou Filho-Puro, sempre carrega algum tipo de poder — defendeu-se Kurikara, embora, pensando no que Riko afirmou, não se sentisse mais tão

seguro. Porém, precisava arriscar. E se Aika tentasse algo, não seria páreo para ele.

O trio conversou um pouco mais sobre o que acontecera e em nenhum momento culparam Kurikara pelo ocorrido — o que, de certa forma, fez com que ele se sentisse melhor. Apesar das dúvidas e confusões, decidiram manter a calma e investigar mais sobre Aika. Ambos concluíram que Tsubasa não poderia ser a criadora deles — e eles nem aceitariam isso — tomando-a como um oráculo, assim como Aika talvez o fosse. Precisavam saber até onde ela era confiável. A estranheza com a jovem aumentou quando a viram cantarolar uma estranha canção enquanto cozinhava. Decidiram fazer algumas perguntas:

— Ahn... Aika, aqui é sua casa?

— Mais ou menos, Riko. Eu pago de tempos em tempos para viver aqui, tipo uma pensão. Sou equivalente a uma... camponesa. O bom é que, pela hora, todos já devem estar dormindo.

Os três se olharam e Iruka foi o próximo.

— Mas a senhorita mora sozinha? É solteira? Tem quantos anos?

Agora foram Kurikara e Riko que o olharam feio pelas perguntas indiscretas. Eles esperaram de Aika alguma reação de constrangimento.

— Bom, eu tenho dezesseis, moro sozinha e sou solteira — respondeu, sorrindo e temperando a comida.

— Nossa, eu te dava quatorze! — zombou Iruka. — Nunca imaginaria que você tem quase a idade do Kurikara e estaria encalhada como nós!

— Kurikara não conta. Ele parece ter trinta — zombou Riko, encontrando um pouco de humor naquilo tudo já que o Guardiã era o mais novo do trio e sua expressão parecia a de um adulto sempre cansado.

— Que bom, Iruka. Parecer mais nova me dá vantagens, afinal, aos trinta posso dizer que tenho vinte e sete — brincou Aika, que não se incomodou com o

“encalhada”. Seus estudos eram mais importantes, não tinha muitas oportunidades e não via necessidade em namorar.

— E onde está sua família? — perguntou Riko.

— Não vai me dizer que você é órfã? — perguntou Iruka, que recebeu outra cotovelada de Riko.

Imaginaram que, pela cara de Aika, a resposta seria sim.

— Eu tenho família sim, só que eles estão literalmente do outro lado do mundo. Pai, mãe e irmão caçula. — Aika fez uma pausa ao observar o espanto dos três. — Nossa, eles nunca iriam acreditar... enfim, meus pais me mandaram para cá para que eu tivesse um bom estudo e cuidasse da minha saúde. Até então, morei meus primeiros anos com a família da minha mãe, na capital deste país. Porém... vamos dizer que eu era mais um incômodo para eles do que uma hóspede. — Fez outra pausa e cortou os legumes com mais ferocidade. — Mudei-me para essa cidade há cerca de um ano, pois quando deixei meu país

natal, eu era só uma menina. Hoje sei me virar sozinha e até trabalho. A minha vida não tem nada de muito interessante, para ser honesta. Acho que o que posso falar de legal é que gosto de acompanhar heróis como vocês. Esses que aparecem nos desenhos. Aliás, cuidado ao tocarem nas coisas, porque elas são frágeis.

— Seu mundo é como o nosso? — perguntou Kurikara, concentrado no fogo azul. Era muito interessante para ele.

— Quase. Gattai se parece com meu mundo no passado. — Aika aumentou o fogo, mexendo a panela e dourando o *yakissoba*. — Tipo, aqui não há magia, então desenvolvemos a tecnologia. Aqui tudo é mais avançado.

Notou que o grupo se ajeitou para ouvi-la.

— Acredito que o mundo de vocês tende a evoluir para algo como o meu. Conseguimos prever algumas catástrofes naturais com antecedência. Também descobrimos curas para doenças antes incuráveis.

Desenvolvemos máquinas, criamos produção em massa... — Entretanto, Aika achou que seria arriscado continuar. Assumiu uma postura mais séria. — Só que nem tudo são flores. Destruímos muito a natureza do mundo com nosso padrão de vida. Ah, nós o chamamos de Terra! Além disso, não há “Orbes” que nos ajudem a acalmar as coisas e consertar nossos erros. Embora alguns padrões sociais tenham evoluído para melhor, por exemplo, a maioria das mulheres tem direito a estudar, diferente do que ocorre em Gattai... Está pronto!

Aika serviu a todos numa mesinha de armar, onde os pratos e copos ficaram apertados. Aika trocou de lugar e ficou quase embaixo da mesa, sentando-se de maneira engraçada, abraçando os joelhos e curvada.

— As mulheres do seu mundo podem estudar mesmo? — perguntou Riko, mais relaxada. Kurikara foi o primeiro a atacar o prato.

— Sim. Não é regra em todo o mundo, mas os países

que proibem são vistos como errados. Logo logo, estarei na faculdade!

— Não vejo para quê! E como ficam a casa e os filhos? — perguntou Iruka, recebendo um soco de cada lado por Riko e um de Kurikara.

— E você ainda fala dos Fênix Negra! — respondeu Kurikara.

— Como se vocês fossem melhores! — rebateu Riko.

Kurikara só a olhou. Riko baixou seu prato e o encarou de olhos semicerrados.

— Ih, vai começar... — comentou Iruka.

— Oh, vocês dois! — interviu Aika, embora estivesse rindo. — Riko, sua implicância com Fênix Negra tem seus embasamentos, mas os Filhos-Puros desvalorizam mais suas mulheres do que os Fênix Negra. Eles não separam as tarefas pelo sexo, uma “fêmea” deles pode se tornar um soldado sem discriminação alguma, assim como pode ser uma mestra em magia também. O que importa para eles é

sua habilidade, não seu gênero.

— Bom, a Aika está certa — afirmou Kurikara, impressionado com o conhecimento de Aika.

— Você conhece todos os povos de Gattai? — perguntou Riko.

— Mais ou menos. Aprendi o que o mangá mostra. Por exemplo, acredito que os Plumas D'Ouro estejam mais próximos do meu mundo quando o assunto é ciência e política. O único de Gattai com sistemas de votos...

— Outra babaquice — disse Iruka. — A família real sempre fez o melhor...

— Iruka, você só fala isso porque é príncipe — cortou Riko.

A conversa cessou com o ambiente carregado de certo constrangimento. Aika notou o grupo devorar a comida em poucos minutos e antes de terminar seu prato, serviu a Kurikara uma segunda porção. Os Guardiões sentiam o triplo de fome que as pessoas normais por causa do uso dos

poderes. Depois, quando todos terminaram e se sentiram um pouco sonolentos, ela acabou pensando alto:

— Terei que fazer compras...

— Sentimos muito. O Kurikara também nos desbanca sempre... — Iruka se calou quando viu a expressão de Kurikara.

— Ah, que isso gente! É uma honra! Vocês não fazem ideia do quanto estou feliz em saber que vocês são reais e que estão bem. Não... vocês não têm a mínima noção do que é isso. Eu acompanho vocês desde o começo! Gosto muito de histórias, mas a de vocês é a melhor!

— Não sei se devo agradecer por isso. Queria que as coisas fossem mais fáceis...

— Iruka... Aliás, vocês todos, precisam ver o lado bom das coisas! — Eles não a olharam como ela esperava. — É sério! Vocês vivem num mundo de magia! Podem brincar com água ou com fogo... isso é demais! Kurikara, você pode voar! Tem noção do quanto isso é demais? Eu

queria muito ter asas! Embora eu tenha pavor de altura...

— Sabe como nós fazemos alguém perder o medo de altura?

Pela primeira vez, Aika viu Kurikara sorrir para ela. Um sorriso que de certa forma a intimidou, apesar de corar.

— Sim, Kurikara, eu sei. E dispenso. Não tenho estômago para tanto... e, poxa, Gattai é linda! Linda demais. Queria vê-la depois com calma, ver se é tão bela quanto nos desenhos! Além disso... — Aika tremeu. — Gattai-tem-dragões! Dragões de verdade! De espécies diferentes e com poderes diferentes. Isso é demais! Kurikara, você tem um dragão! Tem noção do quanto isso é irado?

A emoção de Aika fez Riko e Iruka olharem-na atravessado. Não eram fãs de dragões tanto quanto Kurikara.

— A senhorita fala como se... não há dragões aqui?

— Não, infelizmente.

— Mas como os conhece? Foi pela minha história?

— Aí que vem o mais legal... dragões estão

presentes em várias histórias em meu mundo, em diversas culturas! Alguns imaginam que eles possam ter existido num passado distante e foram extintos.

— E pode acontecer o mesmo em Gattai — lamentou Kurikara. — Então, a senhorita nunca viu um dragão de verdade?

— Nunquinha, mas eu os amo do fundo da minha alma.

— Eles também a amariam ao molho e malpassada. — Iruka riu.

— Eu acho que conseguiria a amizade de algum com as técnicas que vi em Suzaku no Shounen Kurikara e em outras histórias. Quer dizer, acho... a Tsubomi é linda, mas bem feroz.

— Bom, acho que seria o mínimo depois do que a senhorita fez por mim e meus amigos.

— O quê? — exclamou Aika.

— Kurikara, você não...

— Riko, temos que encontrar a Tsubomi e estou preocupado com ela! Acho que não faria mal...

Aika pulou na frente dele, quase derrubando a mesinha.

— Você não...?

— Tsubomi não vai se assustar com ela!

O grito que Aika deu foi tão alto que fez um vizinho gritar para que ela se calasse. Ela não se importou, começou a pular e dançar enquanto pegava os pratos. Parecia ter voltado aos seus onze anos.

— Esse é o melhor dia da minha vida! Eu vou ver um dragão amanhã! Eu vou ver um dragão de verdade amanhãããã!!!

— Kurikara, por que você fez isso? — perguntou Riko.

— Ih, Riko, deixa a garota ser feliz! — Iruka riu.

Kurikara sorriu sem saber o que era mais louco: achar alguém que gostasse de dragões tanto quanto ele, ou esse

alguém ser de outro mundo.



O que deveria ser mais uma noite rotineira de estudos e um jantar rápido transformara-se em uma festa para Aika. Ela respondia às perguntas de todos simplificando o que era necessário e ofereceu-lhes até algumas guloseimas. Também falou as funções de um computador, deixando-os fascinados — e até um pouco assustados com tanta informação. Às vezes parecia que Aika não se importava e continuava falando e falando sobre o quanto o anime de Kurikara era incrível, com seus ótimos dubladores, maravilhosa trilha sonora e ótima direção, ou o quanto eles eram conhecidos e muitos gostavam de comprar coisas deles — embora não tenha contado sobre as pessoas que se vestiam como eles.

— Fora a importância que o Kurikara tem para a comunidade mestiça no Japão!

— Hã? — repetiu Iruka.

Aika se virou para eles na cadeira, ainda mais

animada, a ponto de sacudir as mãos como se regesse a conversa:

— Todo mundo aqui é como filho-puro. Porém, temos muitos, muuuitos países diferentes com culturas diferentes. Eu, por exemplo, sou mestiça de duas culturas! Tenho dificuldades por causa disso, assim como os vários mestiços do mundo. Aqui, é comum nos chamarem de *hafu* ou *gaijin*. Quando a história do Kurikara foi lançada, todo mundo que era mestiço meio que se sentiu “representado” no mangá. Isso acontece muito! As histórias não servem apenas para entreter. Elas sempre acabam tendo um impacto social. É muito mágico quando nos identificamos com um personagem.

— Como assim? — perguntou Riko.

— É simples! O Kurikara é uma referência para nós, um exemplo! Se ele consegue superar seus problemas e mostrar a todos que ele pode tanto quanto qualquer um, não importa se é mestiço, é como se nos desse forças para

continuar. Não foi fácil para mim, sair da minha terra natal e conviver com pessoas que me ignoravam só porque meu cabelo era cheio, falava diferente ou porque sou mais alta... eu tive de enfrentar muita coisa! Mas, quando conheci o Kurikara, tomei para mim que queria ser tão forte quanto ele!

Aika estava vermelha da cabeça aos pés por ter confessado isso. Kurikara, sentado contra o armário, a encarava de testa franzida. Ele nunca imaginou isso.

— Eeeee... bom, como disse... isso acontece com muitos personagens também... as pessoas se apoiam em suas histórias...

— Seu ego deve estar lá em cima, né? — Iruka riu, cotovelando a asa do amigo e sorrindo com malícia.

— Na verdade...

— Parece uma grande responsabilidade agora — afirmou Riko.

— Isso vale para vocês todos, sabiam? A Riko foi eleita a personagem feminina mais influente dos últimos dois

anos e é muita querida! Muitas meninas tomaram você como referência, desejando se tornarem fortes também. Até seu corte de cabelo virou moda! Eu pensei em cortar assim, mas prefiro meu cabelo parecido com o de outro herói que gosto...

Todos ficaram pasmos em verem a poderosa guerreira corar pela primeira vez.

— Ah... que besteira...

— Tá toooda vermelhinha... — Kurikara recuou antes que fosse acertado por um chute de Riko em Iruka. Ela errou e Iruka continuou rindo: — E eu? E eu? — perguntou Iruka.

— Você, acredite ou não, é mais querido no meu país natal que o Kurikara! Lá a preferência é pelos personagens mais bem-humorados. E né, todo irmão do meio se identifica com seus problemas. Eu sou a mais velha, mas sei como é ser ignorada...

Iruka estufou o peito como um galo depois disso,

fazendo Kurikara esconder o riso. A conversa acabou ficando entre os três, embora Kurikara permanecesse mais calado. Ele observava Aika, que ainda estava bastante constrangida mexendo uma das mãos sobre a “peça-preta-com-fio”. E pensar que ele, logo ele, seria um exemplo?

E ele era tão importante assim para aquela jovem?

Acabou se interessando pelos fundos de telas que passavam no computador, chamando sua atenção. Ele percebeu que se repetiam e agora esperava por uma imagem em particular, em que se via ao lado de uma moça de olhos azuis e cabelos negros e ondulados. Quando ela reapareceu, acabou não ouvindo que Aika o chamara.

— Hei, o tema de vocês dois é o mais lindo da série!
— ela sussurrou.

Ele se sobressaltou quando viu que todos o olhavam.

— Tema?

— É! A música que toca sempre que você e a Sayuri estão juntos! É tão romântica!

Riko e Iruka torceram o nariz ao ver os suspiros da jovem. Em seguida, viram-na inserir um disco de superfície espelhada na “caixa preta” do “computador”. Eles se assustaram ao ver na tela uma música tocar e mostrar uma silhueta em chamas abrir as asas e se desfazer, mostrando o nome “Suzaku no Shounen Kurikara”.

— Jura que aquela sombra era do Kurikara? — Iruka riu.

— Sem zoações, Iruka! Pensem nessas ilustrações animadas como metáforas. São magníficas! Vou mostrar-lhes o primeiro episódio da série.

Aika passou o menu, rindo ao ouvir as exclamações dos três ao verem as imagens de fundo. Na maioria das vezes se via o mapa de Gattai cercado de adornos dourados com os personagens.

— Repetindo, Kurikara é o principal, logo a maioria das coisas que verão é com ele!

De repente a tela escureceu e foi a vez de Aika apagar

a luz (para a surpresa do grupo). Eles viram a tela piscar e exibir uma noite estrelada.

— Ooooh — disseram os três.

Do espaço viram um mapa de Gattai, em movimento. Uma voz parecidíssima com a de Kurikara começou a contar a origem de Gattai e dos guardiões, de maneira rápida e sintetizada. E finalizando com a frase: “*Desde então, os deuses nunca mais escolheram guardiões, até aquele dia, séculos depois...*”.

A partir dali, viram o dia que se conheceram da forma mais bizarra possível. Suas vozes eram parecidas com as dos originais. Outro corte, os dois eram chamados pelo rei Akira e seu fiel mago, Tôzen, que apagava a memória de quem saía da sala (deixando Riko e Iruka apreensivos ao entrar). O rei então lhes fala dos Orbes e de Gattai, e que havia encontrado pistas de um Guardião. Os dois, sem muita escolha, aceitam a missão.

A trilha sonora era como um narrador, auxiliando-os

a compreender e a sentir as emoções atreladas tanto aos personagens quanto à história. Os cortes de cenas pareciam confundi-los.

— *Então, isso é um anime* — pensou Kurikara, impressionado.

Rever aquele momento daquela forma parecia torná-lo mais claro. O que mais os impressionava era a fidelidade com seus modos de agir e falar. Depois, viram quando capturaram Kurikara e o problema que foi para abatê-lo — lutando sozinho e derrubando todos. Eles se empolgaram com a trilha sonora de Kurikara e seus enquadramentos durante a luta, como quando a câmera simulava o próprio olhar dele em voo e o controle das chamas. A parte em que ele e Riko se enfrentaram a primeira vez foi eletrizante, com a guerreira usando seu bastão para saltar entre paredes e vigas para atacar o guardião no ar. E mesmo em queda eles continuavam o combate. No entanto, a primeira parte do episódio não mostrava nenhuma fala nem nenhum

pensamento dele, introduzindo o protagonista de maneira misteriosa. Depois, viram seu julgamento, em que lhe colocaram a prova se era mesmo um Guardião.

Kurikara se surpreendeu ao ouvir seus próprios pensamentos e memórias de repente naquele “desenho animado”, mostrando sua dúvida e receio de ser morto por um crime que não cometera, e sua confusão por só se lembrar de “uma Fênix que descia dos céus e o abraçava”. Era impressionante o quanto aquelas cenas se pareciam com suas memórias. A música que tocou para ele era triste e tensa, mas, em contrapartida, houve momentos “cômicos”, como o que ele descobria que falava com animais — e pedia a um gato para pegar as chaves da cela — ou quando soldados apanhavam ao comentar de Riko, ou as piadas de Iruka.

Eles viram Aika rir quando Kurikara tentou conjurar fogo do nada (o que nenhum Fênix Negra podia fazer, somente um Guardião) e fracassando na primeira tentativa.

As caricaturas dos personagens e seus *chibis*¹⁵ nervosos eram engraçados para Aika e Iruka. Quando por fim Kurikara conseguiu conjurar fogo, ele e os demais se deram conta de que era um Guardiã, e cada personagem apareceu estupefato. A tela focou no símbolo que brilhava em sua testa e se aproximou, até que de repente, escureceu.

Aos sons de sinos doces e violino, uma voz lírica feminina entoou uma canção em um idioma desconhecido para eles enquanto viam o espaço, até se darem com mãos ensanguentadas, seguidas do rosto de Kurikara entre as estrelas abrindo os olhos. Nesse momento, a tela incendiou e a música transformou-se num rock pesado e melódico. Viram créditos que desistiram de ler, personagens apresentados no ritmo da música que parecia narrar um épico, o rosto sereno de Kurikara se transformar numa feição

¹⁵ Chibis — como são chamadas caricaturas onde as cabeças e olhos aparecem maiores em relação a um corpo minúsculo, geralmente com expressões superexageradas.

demoníaca, seguida de flores de lírio desfazendo-se em cinzas. Veio o refrão e as cenas tornaram-se tão rápidas quanto a guitarra e a bateria, mas belas como o violino (instrumentos que nunca viram e mesmo assim, os encantaram). Viram-se lutando lado a lado cercados de inimigos e a câmera ia e vinha, mal conseguiam piscar, temendo perder algum detalhe. Até que a canção parou num grito longo, os instrumentos evoluindo até encerrar-se numa súplica, mostrando a mandala de Gattai num pergaminho queimado e com manchas de sangue.

Tudo acabou como veio e Aika posicionou-se à frente do monitor.

— Muito legal, não é? Depois mostro o encerramento para vocês. Esse estúdio gosta de colocar o primeiro episódio sem abertura e encerrando com ela, para só nos seguintes terem encerramentos. Essa música é fantástica! Aliás, a trilha sonora toda é esplêndida. O que acharam?

— Ahn... Não sei — começou Iruka, numa espécie

de transe.

— De fato, aparecem vários pontos de vista — comentou Kurikara.

— Mas é... é ofensivo! É presunçoso!

— Por que diz isso? — indagou Iruka para Riko. — Só porque conseguiram aumentar, se é que possível, seus peitões?

Ele imitou estar “apertando seios grandes” e Riko o esmurrou. Aika quase chorou de rir, sobretudo da expressão de Kurikara de “não vou protegê-lo”.

— É, eles têm essa péssima mania de “aumentar os seios de uma mulher” nos desenhos para atrair público — comentou Aika, agora colocando outro disco. — É uma atitude... desprezível. Sinto muito por deixá-la constrangida.

— Ah... tudo bem, você não tem culpa.

— E me deixaram mais... — disse Kurikara — Mais...

— Musculoso? — perguntou Aika, que havia notado a diferença.

— Verdade! — Iruka riu. — Ninguém gosta dos magrelas!

— Eu gosto. Acho você mais bonito ao vivo.

Silêncio. Todos a encararam e Aika corou muito, muito mesmo. Kurikara também ficou rubro e desviou os olhos, Iruka já quase chorando de rir, mas Aika soube como mudar de assunto:

— Mas o erro mesmo foi em suas asas! Elas são beeeeeem maiores!

— É mesmo. — Kurikara também se aproveitou do desvio de foco. — Eu nunca voaria com elas tão... pequenas!

— Dá um desconto para os animadores! Desenhar vários quadros seus em voo não é fácil não!

— Ora, essa! — exclamou Riko. — Todos sabem que é impossível um Fênix Negra voar, não importa o tamanho

das asas. Se não fosse herança mágica do deus Suzaku, isso aí seria só enfeite!

— Só você sabe disso! — disse Iruka.

— Na verdade... ela está meio certa — suspirou Kurikara.

Em seguida, ela mostrou a trilha sonora de cada um e explicou o que era um *OST* — *Original Sound Track* — ou seja, os CDs que continham as músicas de fundo de uma produção. Dessa vez, Aika conseguiu encantá-los. O trio ficou fascinado com suas músicas e curiosíssimos com aqueles instrumentos. A de Kurikara era mais longa e tinha duas versões, a segunda com quase dez minutos.

— Esta é a versão orquestral. Tem mais de cem pessoas tocando-a, tudo para você!

Riko e Iruka sentiram uma pontinha de inveja ao ouvi-la. Não havia palavras para ela: tinha altos e baixos, momentos que pareciam ora tristes, ora românticos, ora avassaladores, como se os convidasse a lutar contra o mais

temível inimigo. Os solos de violino convidavam-nos a viver uma breve e triste história de amor. Mas para Kurikara, que a ouvia de olhos fechados, era como se alguém “tocasse” sua vida do dia em que nasceu até o dia que pensou ter morrido. Apenas Aika notou sua expressão.

— Espera só até ver o filme que conta os momentos mais importantes da sua vida! Pena que ainda não tem na internet. — Aika teve que lhes explicar o que era um filme. Eles não conseguiam entender como encaixar “uma vida” em uma hora e meia. — Acho que o *trailer* dele vai dar para vocês uma ideia...

Animada, voltou ao computador e o trio de Gattai observou-a mexer no mouse e bater algumas vezes no teclado. A tela escureceu de novo e ela apagou a luz.

— Não se preocupem com o texto que aparece embaixo, é do meu país natal.

Aika havia legendado o trailer para os fãs brasileiros e se orgulhava muito disso. O trio viu crianças também

naquele traço de mangá correrem para um lago e se atirarem nele, de tarde, mergulhando e brincando alegres. Um dos meninos se voltou para trás e perguntou:

— *Você não vem, Kurikara?*

Um garotinho saiu das sombras vestindo uma capa marrom sobre as costas. O cabelo castanho escuro e os (grandes) olhos cor-de-mel denunciaram o pequeno Kurikara antes de ser transformado num guardião, encolhido e incomodado, com menos de oito anos...

— É VOCÊ? — gritou Iruka. — Own, que “bunitinho”...

— Shiiiiiu — censurou-o Riko, que acabou rindo da expressão constrangida de Kurikara.

— *Não. Eu não gosto de lagos* — respondeu o menino.

— *Bobão! Tem medo de lagos! Tem medo de lagos!*

Os outros riram dele, porém, quando passou por uma tocha acesa perto do lago, o fogo se alterou bruscamente. Ele se assustou e se aproximou, seu rosto confuso. Ergueu a mão e ela se alterou de novo e, curioso, aproximou-se e ela crispou. O menino Kurikara sorriu fascinado.

A tela escureceu de novo, exibindo ideogramas dourados: “*Sete anos antes do incidente do Vale das Montanhas Vermelhas...*”.

As próximas cenas foram rápidas e narradas pela trilha sonora complexa. Dois minutos de estranhos e entrecortados golpes de memórias:

— *Mãe...* — chamou o pequeno Kurikara frente a uma lareira arfando, suado, sem camisa e cercado de sangue e penas. — *Por que fogo sempre fica estranho perto de mim? Por que tenho asas? Nenhum menino tem asas!*

A cena se voltou para uma mulher de cabelos compridos e castanhos, jogados de lado e presos na ponta dos fios. Seus olhos cor-de-mel e rosto eram idênticos ao do

filho, e ela segurava uma grande tesoura ensanguentada. Ela começou a chorar e o abraçou, pedindo desculpas. Riko e Iruka voltaram-se para um Kurikara que, por um segundo, parecia ter ficado branco. Outro corte e viram-no gritar, preso por várias mãos, e os gritos de sua mãe assustaram o trio. Outro corte e viram uma casa em chamas. Não havia música. O pequeno Kurikara encarava alguma coisa com os olhos tomados de lágrimas. Depois, o pequeno Kurikara, agora sujo e ferido, estava na frente de três Fênix Negra numa tenda. Eram uma jovem e dois adultos, onde Kurikara reconheceu seu mestre nas artes de magia chamado Daisuke. Era um personagem importante, um senhor de rosto bondoso que fez parte de sua infância:

— *Kurikara, você não é um Filho-Puro. É um Fênix Negra.*

O choque tomou o rosto do menino.

Outra tela preta e viram mais uma mensagem: “*A nova família*”.

Viram Kurikara caminhando de mãos dadas a Daisuke e vendo Fênix Negras voando, numa comunidade onde as casas misturavam-se entre as copas das árvores e entre os rochedos das montanhas, um cenário exuberante. Havia fogueiras e ferreiros, vários machos e fêmeas cuidando de animais e crianças brincando. Os quadros iam e vinham, mostrando a população pacífica. O pequeno Kurikara não sabia para onde olhar e ouviram quando Daisuke lhe disse:

— *Você está em casa!*

Outro corte, seguido de uma música animada, e viram Kurikara voando ainda pequeno com dificuldade, depois mais velho derrubando uma tenda e rindo com todos em volta, e depois com uns quatorze anos encarando uma corrida. Seu cabelo estava comprido, destacando-o entre todos e ele passou vários outros voando. Kurikara cortou a fita de chegada entre as montanhas junto às vivas de centenas de espectadores de sua raça. Viu um casal de personagens

comentando:

— *Incrível! E ele chegou aqui com as com asas mutiladas!*

— *Com esse recorde, ele se torna o voador mais rápido dos Fênix Negra do Leste!*

— Ayaka! Akaitori! — exclamou Kurikara, ignorando a expressão dos amigos.

Mais um corte e viram-no recebendo ordens para espionar um vilarejo e verificar se suas terras eram boas. Seria mais fácil disfarçá-lo, já que era mestiço. Ele aceitou, ajoelhado e sério. Outro corte, e ele encontrou sem querer com um grupo de crianças e uma mulher de olhos muito azuis. Depois viram outra tela escura e a frase: “*A verdade...*” e viram Kurikara pedindo que não matassem dragões por algo tão fútil e levando um murro de seu pai. Outro corte e ele estava entre os galhos de uma alta árvore, diante de um casal de meninos com uma fogueira e comida,

os mesmos de antes:

— *Não temos medo de você! Já te vimos antes.* — O menino sorriu, um pouco tímido.

— *Nosso pai morreu pelas mãos de um Fênix Negra, mas...* — falou a menina, pouco mais velha, também de olhos muito azuis.

— *E vocês não têm medo de mim?* — perguntou Kurikara, entre os arbustos.

— *Não. Porque a mamãe nos disse para não temermos eles.*

Outro corte e ele estava de frente a uma mulher de olhos azuis, com uma faca apontada para ele.

— *No entanto... eu sei, eu tenho certeza, que da mesma forma que há Filhos-Puros bons e ruins, eu creio que há na mesma medida...* — A cena focou no rosto pasmo de Kurikara — *... Fênix Negra bons e ruins.*

Ela abaixou a faca.

— A melhor frase dela! Sayuri, sua linda! — exclamou Aika, apaixonada, para o espanto dos três.

As cenas seguintes mostraram muitas lutas e momentos confusos, em que ele estava cercado de pessoas vestindo uma capa para esconder as asas, outro momento lutando contra soldados de sua raça, e outro em que se via diante de um espelho. O rosto da moça estava atrás.

— *Eu não sou nem Fênix Negra nem Filho-Puro* — dizia Kurikara. — *Eu não sei de que lado devo ficar...*

— *Se você entende os dois lados...*

Assistiram a mais outras cenas de combates e outras cenas alegres da comunidade Fênix Negra.

— *... só você saberá como uni-los.*

A vela se apagou junto à tela. Viram mais ideogramas: “*O último dia*”.

O toque de um tambor. Kurikara cercado. Outro toque e seu rosto atirado no chão, alguém o chamando de

traidor, um grito abafado... outra batida e uma entrada de madeira em chamas, pessoas correndo, tambores velozes e um zunido agudo...

Uma silhueta negra entre as chamas.

— OKAAAY!!!

Aika pulou na frente da tela e os sons pararam. De repente, viram a tela escura anunciando a data do filme e uma rápida propaganda de pôsteres na compra dos ingressos — e Aika tinha ambos.

— O filme chama-se *Suzaku no Shounen Kurikara ~Remember*, que significa “Recordar”. Ele mostra os momentos mais interessantes do passado do Kurikara para os fãs.

— Ah... você parou antes de acabar? — perguntou Riko.

— Enfim, já deu para vocês terem uma ideia.

Riko não insistiu ao notar o corte de Aika.

— Teve isso para nós também? — perguntou Iruka.

— Na verdade, as memórias de vocês apareceram durante a série. Vocês encontraram o Kurikara sem boa parte da memória dele, só tendo uns lapsos que a maldição o fazia ver nos sonhos. Logo, quem só viu a série animada perdeu muita coisa da história dele. Foi uma ótima estratégia de *market*... ahn, de vendas. Queria assistir mais uma vez antes que saísse de cartaz, mesmo com o final acabando comigo... enfim, no mangá, as memórias do Kurikara foram aparecendo depois daquele primeiro despertar da maldição, na primeira vez que vocês enfrentaram o Yami-no-Yaku e descobriram sobre ela, que antes os enganava fazendo parecer uma cicatriz comum. Vocês têm noção que esse filme já foi visto por milhares de pessoas? É muito poder!

Eles entenderam metade do que Aika disse, bocejando. Ela então escolheu um canto para cada um dormir: ela ficaria embaixo da mesa. Kurikara ficaria sentado encostado no armário, Iruka no banheiro e Riko

entre a sala e a cozinha.

Ao terminar, colocou uma música lenta e muito encantadora, como se convidasse um casal a dançar abraçado entre solos de flautas. Riko comentou por alto que parecia uma música típica das Terras do Leste, lar natal de Kurikara e Riko. Ele sentiu-se incomodado por ouvi-la. Uma parte sua desejou sumir dali e outra parecia inebriada de saudade.

Aika preparou cobertores e fez curativos enquanto tocava o CD. Eles comentavam uma coisa ou outra, mas o sono os estava dominando. Kurikara se calou pelo resto da noite, abrindo a boca somente para agradecer a Aika pela almofada e o cobertor que ela lhe reservara para que pudesse dormir sentado.

— Espero que fique confortável...

— Você impediu que eu me visse quando fui possuído.

Aika hesitou.

— Na boa, você não precisa ver isso de novo, a maldição já faz isso por você... E também, queria que aqui você visse coisas que te deixassem feliz.

Kurikara encarou-a e Aika corou. Ela desviou o olhar, sentindo-se um pouco confusa. Era estranho, o “Kurikara do mangá e anime” não pareciam ter um olhar tão... triste. Ela não queria vê-lo assim. Teve uma ideia:

— Caraca, eu quase esqueci! — gritou, num pulo indo para cozinha abrindo a “estranha e grande caixa branca”. Ela a fechou sorrindo e abriu um papel escuro. — Pensa rápido! — Aika jogou algo para Kurikara, que pegou no ar. Ele o pegou sem compreender, estranhando o objeto gelado. Mas ao cheirá-lo, seus olhos se arregalaram.

— Chocolate?

— Experimenta!

Apesar de estranhar a embalagem, abocanhou o pedaço exposto e soltou um "huuum". Riko girou os olhos e Iruka pigarreou, quando viram a expressão de surpresa do

Guardião. Quando ele mordeu, eles acabaram rindo da cara de prazer do jovem.

— É... incrível!

— Melhor que os do Sul de Gattai?

Ele franziu o cenho.

— Quase.

— É todo seu!

— Lembre-me de dar-lhe um das Terras do Sul para a senhorita experimentar.

Aika sorriu de volta, sem jeito. O desconforto de Kurikara passou no mesmo instante. Nem se incomodou com as risadinhas de Iruka e Riko.

— Então tá... Bom, vamos dormir então que está bem tarde. Boa noite, pessoal!

A barra de chocolate já havia desaparecido e ela sentiu uma pontinha de tristeza, pois era um chocolate amargo, um pouco caro. Aika então se sentou embaixo da mesa, e esperou-o fechar os olhos, junto aos demais.

— *Ai, ai... e se eu dormir e acabar acordando sem eles aqui?*, pensou.

Capítulo 7 — Dragões

Aika não pegou no sono. Na verdade, o cansaço até a fez dormir, mas a todo o momento ela despertava, sentindo-se mal. Quando sonhava, era sempre um pesadelo atrás do outro. Começou a sentir falta dos tempos em que não se lembrava dos seus sonhos e acabou desistindo de tentar dormir, indo desenhar mesmo no escuro — iluminada por sua sempre acesa luminária de mesa.

Ateve-se em Kurikara, tentando pegar cada detalhe de seu rosto sereno enquanto dormia e de suas asas. Estudou sua anatomia desenhando as penas e a forma com que se projetavam das costas do Guardiã. Também observou Riko dormindo e ficou encantada. Talvez fosse a mulher mais linda do mundo, nunca tinha visto tanta beleza em alguém.

Nem conseguia sentir inveja, só conseguia admirar cada detalhe de seu corpo forte e esbelto. Iruka também era um homem bonito, apesar de achar guelras mais estranhas do que asas. Ele não fazia o tipo dela. Enquanto Kurikara...

Estava encantada com aqueles três. Com Kurikara, então! Ele era muito mais belo ao vivo, mais lindo do que qualquer rapaz que já tivesse visto. O corpo esguio, os cabelos compridos e escuros, as mãos de dedos longos e finos, os lábios... suspirou tomada de desejo, mas conteve-se. O coração de seu herói tinha dona e, por mais que se sentisse queimar, ela não ousaria. Afinal, que chances teria? Seu carinho por Sayuri era forte o suficiente até para censurá-la nos pensamentos mais maliciosos.

Continuou a desenhar mais um pouco, desejando que o sono voltasse, pois estava ansiosíssima para poder se encontrar com Tsubomi.

Contudo, não dormiu. Já amanhecia quando foi ver o que fazer para o café...

— É a terceira que vejo você esconder.

— EITA! — Aika gritou, dando um pulo quando se deu com Kurikara em pé, atrás da porta da geladeira, de braços cruzados. Ele lhe deu um susto tão grande que ela quase caiu no chão. — Caramba, cara... não dá uma de ninja assim não!

Ele não entendeu e nem perguntou. A curiosidade o chamou para olhar a geladeira, mas resistiu.

— Por que você as pegou?

Aika sentiu-se como que pega no flagrante de um crime:

— Elas estavam no chão e... você deveria estar dormindo para descansar!

O Guardião cerrou os olhos para ela, muito sério. Aika então estalou os lábios e retirou de baixo do teclado as três penas que caíram das asas de Kurikara. Uma estava queimada nas bordas.

— Toma, foi mal... queria guardar de lembrança, sabe? Sou sua fã...

Ele viu a dor em seu rosto por ter que devolvê-las assim como seu rubor, e franziu o cenho, confuso. Aquilo era esquisito demais para ele. Onde que já se viu pegar penas de asas e guardar de lembrança?

— A senhorita entende que são... partes do meu corpo?

— O que as torna ainda mais especiais! — Ele não compreendeu o sorriso torto dela. E quando ela as colocou contra o peito, Kurikara sentiu o rosto corar. Ele ficou tão sem jeito que coçou a cabeça e desistiu.

— Ahn... certo, elas são inúteis agora mesmo. — Pigarreou, as palavras quase inaudíveis: — Pode ficar com elas.

— OBAAA!!! — Ele se sobressaltou quando ela pulou. Animada, Aika guardou as penas em uma pasta de desenhos. Kurikara, desviando a atenção de Aika, observou

pela janela o dia amanhecendo sobre as estranhas construções. Como aquilo tudo podia estar acontecendo?

— *Tsubomi tem razão. Eu atraio coisas estranhas* — pensou.

— Você dormiu bem? — perguntou Aika, surgindo animada diante dele.

— Sim. No entanto, creio que a senhorita não tenha dormido nada.

Ela não dormiu mesmo. Suas olheiras estavam mais acentuadas do que nunca.

— Acho que, se eu dormir, nada disso vai ter acontecido e vou acordar na minha vida normal...

Aika então se distraiu pensando no que fazer para o desjejum quando, de repente, Kurikara pegou o caderno de desenho dela que estava em cima da mesa do computador.

— **NÃO OLHA!** — berrou Aika, mas ele ergueu o caderninho acima de sua cabeça. — Não vale! Você é mais alto!

— A senhorita estava me desenhando?

— NHAAAA!!!! PARAAA!!! Isso é constrangedor!

Kurikara deu-lhe as costas e a empurrou com as asas.

Ela parou ao vê-lo folhear as páginas, o coração quase pulando para fora da boca, e tremeu ao ouvi-lo soltar uma exclamação.

— São muito bons! Muito bons mesmo... —

Kurikara continuou olhando, agora sorrindo. Aika só faltava chorar. — Você estava estudando minhas asas. Ficou bem parecido!

— Você... gostou mesmo?

— Sim! Isso é raro. Eu só sei fazer mapas...

— PERA! — E de repente, Aika pulou sobre ele e arrancou-lhe o caderno, se estabacando no chão e correndo para longe. Depois se ajeitou fingido inocência, mesmo com o olhar confuso do Guardiã. Isso porque se ele visse as próximas folhas, possivelmente seu rosto se transformaria em um tomate vivo e causariam uma péssima impressão

sobre Aika.

— Eh... bem... são só rascunhos! — Respirou fundo. — E-eu pre-prefiro que ve-veja algo fi-finalizado!

Então, lhe mostrou em pasta desenhos maiores, a maioria pintados em nanquim e aquarela, entre eles o que ganhou seu mais recente prêmio (desenhos seguros de serem mostrados em público). Em alguns ele se demorava ao observar, e ficava só com as sobrancelhas erguidas tentando compreender. Em quase todos aparecia sorrindo ou voando. Fitava suas próprias retratações como se não se reconhecesse.

— A senhorita me vê... de um jeito estranho. — Aika sugou o ar e parou de respirar. — Você sempre me desenha sorrindo.

Aika riu de nervoso, embora mais quisesse era enfiar a cabeça num buraco e fazer qualquer coisa para adivinhar o que ele estaria pensando. Reparou que ele relaxou os ombros.

— Parece que minha mãe vai sair do papel... — disse, apreciando uma série de desenhos em caneta, em que eram retratados seus entes mais queridos. — E a Riko e o Iruka! Estou bem parecido também, mas... seus olhos... quer dizer, você desenha os olhos menores que os que a tal Tsubasa faz. A senhorita parece fazer magia com as tintas.

Aika corou tanto que teve que fazer uma força absurda para não chorar. Ela sacudiu as mãos contra o rosto, tentando manter o decoro e respirou fundo. Acabou desabafando:

— Obrigada! Eu nem sei o que falar... quer dizer, no país em que nasci me criticavam tanto por desenhar em traço de mangá... É meu sonho escrever e ilustrar histórias de heroínas e heróis que superassem a si mesmos ... quer dizer, queria criar histórias que mudassem as pessoas. Mudando pessoas, elas mudariam o mundo para melhor. Falar que todos precisam de compaixão e a natureza precisa de cuidados, — Corou ao vê-lo estudando-a. — É... meio

viagem, utópico, mas quem sabe? Você deve achar bobo!

— É um sonho muito bonito.

Aika corou mais ainda e quase gaguejou. Talvez, se aquilo fosse um mangá, ela teria explodido em confete.

— Obrigada... Mas você não se incomoda com tudo isso? Até eu ganhei dinheiro com um desenho seu, sabe, e... esse lance de vermos suas memórias.

— O dinheiro do seu mundo vale no meu? — Aika respondeu com uma negação. — Hum, que pena. A Tsubomi tem nos trazido muitos gastos. Não é fácil manter um dragão.

— Imagino.

— Quanto às minhas memórias... não há o que fazer. Saber disso não interfere em nada. Não faz sentido eu me sentir ofendido. Não tenho do que envergonhar-me.

Ele falava de forma despreocupada. Era estranho para Aika, pois no lugar dele, teria ficado doida só de imaginar. Por fim, o agradeceu, ainda em transe de alegria, e guardou a “pasta de desenhos seguros”. Decidiu então ir à

cozinha para fazer o café da manhã. Ainda estava cedo para ir à escola, mas tinha que preparar a sua marmita e queria fazer o melhor para o grupo.

Já Kurikara despertou Riko e Iruka, que se alongaram doloridos. Em seguida, voltou-se para as várias miniaturas sobre as prateleiras. Elas acabaram chamando-lhe atenção: a sua era estranha, para não dizer cômica, pois ele parecia mais “forte” e menos “vestido”. Quando a pegou, estranhou o material e até o cheirou — não havia plástico em Gattai. Dava para mexer os membros, a cabeça e as asas, o que era para ele curioso e engraçado. Perguntou-se se Aika brincava com “ele” como se brinca com bonecos de pano ou madeira...

— Só tenha cuidado para não quebrar — disse Aika, da cozinha. — Sinta-se à vontade. As dos dragões são mais frágeis.

O Guardião correu os olhos pela prateleira. Viu, além de miniaturas de outros personagens desconhecidos, as

miniaturas de Riko e Iruka, ambas articuladas, e notou o quanto exageravam nos seios de Riko. Não era à toa que ela estava zangada... Mas o que mais o surpreendia era porque ele, justamente ele, era o protagonista de uma história. Como poderia imaginar? Nunca pensou nesse tipo de coisa, nem se importava em acompanhar publicações que às vezes apareciam. Também não se considerava com perfil de herói, afinal, era considerado magrelo e estranho. Nem entre os Fênix Negra ou Filhos-Puros poderia ser considerado “bonito”. Iruka que tinha perfil de herói, sempre ajudando qualquer um, sem se importar com sua origem. Se Riko fosse mais carismática, também faria mais sentido do que ele, já que ela salvou várias vidas, derrotou vários inimigos e liderou tropas inteiras — pensava. Na verdade, ele também fazia essas mesmas coisas, só que a ideia de herói não entrava em sua cabeça. Descobrir que alguém colecionava imagens suas era algo esdrúxulo demais, vide que Aika era uma de — dizia ela — suas milhares de fãs. Iruka estava

certo quando disse que isso ajudava no ego, embora fosse estranho ser mais querido em outro mundo do que naquele em que nascera.

Kurikara lembrou que Aika lhe dissera que não havia em seu mundo pessoas com poderes, logo, será que todos reagiriam como ela se o conhecessem? E se os outros “heróis” que ele estava observando nas paredes, fora os que não apareciam no quarto, também existissem? Reagiriam da mesma forma que ele? Tão estranho para Kurikara pensar que havia mais mundos por aí e quem sabe até poderia ir explorar... Conteve sua curiosidade. Havia coisas, em sua opinião, muito mais importantes agora. Afinal, por que partir para outras terras tendo a sua com tantos problemas?

Decidiu analisar os dragões. Das três prateleiras, uma era tomada por dragões de cores e formas diferentes. Estava fascinado: uma era réplica de Tsubomi, com suas escamas vermelhas, pelos dourados e olhos verdes. O mais curioso é que, esculpido aos pés dela e bem pequenininha, havia

também a sua forma de gatinha preta. Pegou-a, ainda estranhando o material e não notou Aika sorrindo para ele da cozinha. Em seguida, ele analisou outros dois dragões de ferro, de espécies semelhantes às de Gattai, com suas exuberantes asas, embora sem cores. Mas se demorou em um preto com cara de gato, olhos também verdes e asas de morcego articuladas. Nunca havia visto algum daquela forma e não resistiu em fazê-las bater.

— Ele não é um amor? Pena que só existe em animações...

Aika parou ao seu lado, sorrindo, e tomou um dos dragões entre os dedos. Era muito semelhante à Tsubomi, porém maior, dourado com pelos roxos como seus olhos, e segurava uma esfera escura com desenhos de nuvens roxas e estrelas, como se naquele globo houvesse um retrato do céu. Ele o fitou nas mãos de Aika e sentiu uma estranha sensação.

— Ele se parece com Tsubomi.

Aika riu, mas sua expressão era diferente agora.

Aquele sorriso parecia carregar nostalgia.

— Gosta dele? — perguntou, e entregou-o para que ele examinasse. — Imagina que esse dragão vira esse cara. — Apontou para uma *action figure* ao lado da de Kurikara que ele não havia reparado entre as tantas: era um homem de cabelos longos negros até a cintura e olhos iguais aos do dragão. Usava uma bandana roxa e vestes da mesma cor. Achou-o semelhante a ele de alguma forma.

— Ele se transforma um dragão? — perguntou Kurikara, curioso.

— Ele é um dragão que assume forma de garoto. E um garoto lindo — suspirou Aika, e Kurikara franziu o cenho. — Ele era protagonista de uma série também.

Ela apontou para três pôsteres na parede, mais desgastados. Reconheceu o personagem tanto na forma de dragão quanto na de homem, e leu o nome da série: Uchū no

shinju Kinryuu¹⁶. Dois dos pôsteres não estavam em japonês, mas sim em português do Brasil. Esses últimos tinham marcas de dobras, pois foram tirados de alguma revista.

— Kinryuu era extraordinário! — disse Aika. — Ele era inteligente, forte, lutava para caramba, e nossa... ele era um dragão! Incrível era pouco para ele.

Aika devolveu o dragão à sua prateleira e serviu o café aos seus convidados: chá verde, arroz, omelete e pedaços de peixes assados. Caprichou dessa vez e ficou feliz ao ver o grupo comendo, embora desejasse ter mais dinheiro para dar-lhes algo melhor. Seus pensamentos foram cortados por Riko.

— Como assim aquele Kinryuu “era um herói como Kurikara”?

Eles perceberam que Aika, pela primeira vez desde que a conheceram, demonstrou tristeza.

¹⁶ Uchū no shinju Kinryuu (宇宙の真珠 金龍) — A Pérola cósmica de Kinryuu.

— Era... porque ele morreu no final. Mesmo assim, foi um final feliz.

— Final? — indagou Kurikara, agora curioso.

— Bom... Geralmente, as histórias terminam de ser contadas com o herói vencendo o principal vilão, ficando com quem gosta; aí ele e outros personagens têm filhos, vivem felizes... enfim, quando realizam seus objetivos.

— Mas se você diz que ele morreu, como pode ser um final feliz? — perguntou Iruka de boca cheia.

— Porque Kinryuu morreu derrotando seu maior inimigo e impedindo-o de destruir seu mundo! Mais do que isso, ele mudou o mundo, salvou a muitos e se sacrificou para isso. Porém, a pessoa que ele mais amava tinha morrido também. A verdade é que ele não conseguia viver sem ela. Então, eles se uniram no mundo dos mortos. Só que a maioria de seus fãs não queriam que ele tivesse morrido... assim como eu.

— E você não o conheceu? — disse Riko, um pouco

confusa.

— Não — suspirou Aika — Ele era uma história assim como vocês... bem, agora não sei. — Sua voz tremeu. — Sei lá, só de imaginar que, se vocês existem, ele poderia ter existido, e ainda morreu... dói. Sabe, tem heróis que nos acompanham por muito tempo e se tornam muito queridos. Identificamo-nos muito com certos personagens e, quando acabam suas histórias, é como se uma parte de nós partisse com eles.

— Vai sair atrás dos outros para saber se são reais? — perguntou Iruka.

— Hum... não, aquele dos titãs eu não entro de jeito nenhum! O do jogo online, hum... nããã, quem sabe aquele do menino de cabelo branco... ahn, não sei. Nenhum dos que acompanho está com muitos problemas e acho que seria arriscar demais meu pescoço. — Ela coçou a gargantilha com a conchinha. — Meus outros grandes favoritos já tiveram seus finais felizes.

— E o que sonhou hoje? — perguntou Iruka. Aika ia abrir a boca, mas o olhar de Kurikara a impediu. — Ah, nem vem! Ela tem todo o direito de escolher falar ou não.

Aika estalou os lábios. Kurikara parecia desconfortável com aquilo.

— Acho que não foi nada demais. Sério mesmo! Não foi como nos outros sonhos, que eram bem reais e lineares.

— Sonhos confusos também podem ser interpretados! — pontuou Iruka. — Cores, objetos e eventos podem nos alertar de problemas.

— É por isso que eu me recuso a falar dos meus sonhos para esse grupo — zombou Riko. Kurikara acabou rindo por um segundo. Aika, no entanto, ficou séria. Qualquer coisa poderia ajudá-los.

— Eu não sei... eu vi fogo... gritos... estava tudo muito turvo e eu estava muito assustada. Havia muito vermelho. E...

De repente, ela lembrou-se de algo. Algo que não

lembrava quando acordou.

— Tinha uma voz. Alguém... uma sombra... uma sombra no meio do fogo... ela dizia para eu ir embora, porque se eu ficasse ali, eu iria me machucar. Mas... eu não sei por que... quer dizer...

Ela hesitou ao vê-los encarando-a. Iruka assentiu para que ela continuasse.

— Ahn... eu disse a ela que não iria sair até tirá-la de lá. Mas eu não dizia tirá-la... eu dizia “tirá-los”. Ai, ai... desculpem! Eu não lembro bem. Acho que não foi nada demais...

— Fogo é mudança, só que através do sofrimento — disse Iruka. Ele ignorou a cara de descaso de Riko.

Eles não voltaram a falar. Aika não conseguia decifrar a expressão de Kurikara, enquanto a Riko... bom, ela não acreditava. Nem Aika saberia se iria acreditar até alguns dias atrás. Talvez seu sonho fosse uma influência do filme e das animações que viram, sentindo-se envergonhada.

O ar encheu-se de constrangimento, até a atenção de Kurikara ser chamada pela cotovelada de Iruka.

— Ei, Kurikara, larga de ser pervertido e tira seus olhos dos peitinhos da garota!

Aika tomou um susto assim como Kurikara e Riko.

— É isso mesmo, tira seus olhos dos peitos da garota!
— Gargalhou Iruka, que dessa vez não escapou de um chute de Kurikara. Só agora que os três notaram o desenho dos olhos de Kurikara na camisa de Aika, posicionados sobre seus seios.

— Então... está escrito nela “Como uma Fênix Negra” — interrompeu Aika, agora rindo. — Aliás, peço licença rapidinho. Tenho que trocar de roupa já que, depois de levar vocês, eu vou para a escola...

Quando Aika saiu do banheiro, a confusão foi pior por causa de uma única coisa: a saia.

— Agora dança pra gente!

Se Iruka estava mal, pior era agora pelas mãos de

Riko.

— Vo-você não deveria sair assim! É perigoso! — E se colocou na frente dela como se quisesse protegê-la.

Kurikara só a olhou de baixo para cima e deu as costas, a ponta das orelhas vermelhas.

Até ela explicar que as pessoas se vestiam assim, levou tanto tempo que já começava a entrar sol pela janela. Aika insistiu em criticar a atitude de todos, afirmando que uma mulher deveria ter o direito de se vestir como quisesse e sem sentir-se ameaçada. Seus ideais a impediram de se calar:

— Se eu andar nua e alguém se atrever a pôr a mão em mim, ele que será o errado!

— Mas você está... provocando!

— Não! Isso é o que puseram na sua cabeça! Culpabilização da vítima, isso sim! Entendam de uma vez, não importa estar coberta da cabeça aos pés ou com as pernas de fora! É mais fácil você culpar as mulheres do que ensinar

os homens a agirem como pessoas e não como cachorros no cio! Se nos assediam, eles são os errados, eles são os criminosos e devem ser punidos. São os homens que devem nos respeitar e mudar, e não nós nos cobrirmos ou nos calarmos!

Riko ficou boquiaberta. Ela encarou Aika por um momento com espanto e, depois, como se algo acendesse em sua mente, fitou-a pela primeira vez com uma espécie de admiração. Iruka ia responder, mas foi censurado por Kurikara. Os três estavam cada vez mais impressionados com Aika.

Ela, então, respirou fundo e pediu as mãos deles.

— Para onde, povo?

— Esqueceu-se? — Aika fitou Kurikara, confusa. O jovem continuou: — Vamos ver a Tsubomi!

O rosto de Aika se iluminou na mesma hora. Com a mão esquerda tocava as mãos dos três, e com a direita deu três toques na conchinha.

Mal apareceram em Gattai e ela já se deslumbrou com a paisagem: estavam sobre uma planície de grama baixa, com florestas ao longe e ela reconheceu de imediato o Vale das Montanhas Vermelhas, muito além delas. O tempo estava nublado, com alguns raios escapando e desenhando a sombra das nuvens no solo verde. Aika começou a correr para todos os lados e largou a pasta no chão, admirada, respirando todo o ar que podia — mais puro e leve do que jamais sentira em sua vida — e reconheceu de longe a capital da Nação Kibou e suas grandes muralhas, com algumas fazendas em volta.

Porém, aquela visão lhe trouxe tristeza. Havia fumaça saindo de alguns pontos da cidade e das plantações. Além de uma massa escura na entrada: um exército. Só havia visto algo assim em filmes, e o peso de saber que era real gelou seu estômago. Tomou um susto quando Riko se aproximou por trás dela.

— Acho que está tudo bem, pelo menos melhor do

que antes. Aquele é o exército da Nação Seishin.

— Creio que não foi preciso a vinda do meu povo. Mas é perigoso ficarmos aqui. Deve haver batedores inimigos e... — comentou Iruka, que de repente virou-se de súbito para trás e correu: — Kurikara, o que houve?

Aika virou-se também, vendo Riko e Iruka amparando-o e as marcas da maldição correndo sobre a pele morena.

— Tudo bem, tudo bem — disse, erguendo-se sozinho. — Foi só um ataque da maldição...

Eles viram que ele se censurava, além de repararem que a marca de Suzaku voltou à cor original. Enquanto na Terra a maldição quase não surtia efeito, ao pisar em Gattai ela despertava com toda a força.

De repente, um som estrondoso, parecido com um trovão, sobressaltou Aika e pareceu ter feito o chão tremer. Um rugido. Olhou para o céu e viu o que parecia ser uma fita vermelha serpenteando com o vento, voando. Começou a

descer.

Não era mais uma fita. Foi como se o tempo rodasse em câmera lenta para Aika, fazendo-a assimilar cada detalhe: o corpo comprido como uma enguia gigante, as escamas de cor vermelho-vivo, as garras negras, chifres castanhos, mãos douradas, barriga alaranjada e encouraçada, crista dourada que corria pelas costas, pelos amarelos... e movia-se ligeira, sem parar. Até que embicou direto ao chão, em um momento soltando raios pela monstruosa bocarra vermelha, em outro vindo direto para eles. Riko e Iruka saíram do caminho quando o grande dragão se chocou contra Kurikara, de braços abertos, erguendo-o do chão enquanto ele segurava pelo focinho. Outro rugido e o dragão jogou-o no chão, pulou sobre ele e começou a lambê-lo e fazer sons estranhos, encarando-o em um misto de raiva e alívio, com aqueles enormes olhos cor de esmeralda, como a joia entre seus olhos. Tinha vinte e cinco metros de comprimento, e a largura de seu corpo equivalia a um adulto em pé. Apenas

uma das quatro patas enormes podia esmagar um boi inteiro.

— Eu estou bem! Estou bem mesmo! — Kurikara tentava se desvencilhar, mas ela o prendeu ao chão e começou a cheirá-lo. — É, é, eu estive longe...

Ela rugiu para ele, fazendo seus cabelos voarem e quase ensurdecendo o resto do grupo.

— Eu-já-pedi-desculpas! — respondeu e ergueu-se, limpando-se. Uma lágrima escorreu do olho esquerdo do dragão. — Eu fui emboscado! Não pude te chamar. — Mal ele se levantara, e ela começou a esfregar o focinho nele e a soltar um estranho som vibratório com a boca fechada. Parecia um ronronar, só que de um “gato” monstruoso.

— Humf, mais um bebê do que um dragão — comentou Iruka para Riko, que confirmou com a cabeça. O dragão se voltou para eles e, estreitando os olhos parecendo compreender, soltou uma pequena descarga da boca, arrepiando o cabelo dos dois, ignorando seus protestos. Por fim, abaixou a cabeça e encostou sua “testa” com a de

Kurikara, que fechou os olhos. Aika teve certeza que estavam conversando baixinho pelos movimentos dos grandes lábios escamosos, embora só ele pudesse entendê-la.

Mas o mundo parou, tudo parou. Tinha um dragão diante de Aika.

Estava sonhando. Beliscou-se.

Não estava.

Era um dragão de verdade! A criatura que Aika mais amara em toda a sua vida, desde a infância, e do qual colecionava miniaturas, camisas, acessórios, desenhos... era algo inacreditável, mais até do que a existência de Kurikara e Gattai.

— Senhorita Aika, você está bem? — perguntou Riko, percebendo que a jovem passara de morena a branco-papel.

— Me admira ela não ter saído correndo! — constatou Iruka.

Ela ignorou Riko e Iruka, balançando suas mãos na frente dela. Só “acordou” quando Kurikara e Tsubomi a fitaram.

Foi como se toda a série de Kurikara, assim como todos os livros e filmes que já vira com dragões bombardeassem sua mente. A primeira assumiu o controle, fazendo-a respirar fundo e se atirar de joelhos no chão, de cabeça baixa, com uma mão erguida como se estivesse pedindo uma esmola.

Ouviu alguém assoviar impressionado, mas ela só via grama. Não se atreveu a mexer um músculo sequer, enquanto seu peito subia e descia. Quase se sobressaltou ao sentir uma respiração enorme perto dela e uma baforada de fumaça morna. Seguiu-se o que parecia ser uma eternidade, a vibração dos passos da criatura no solo e seu focinho cheirando-a e se afastando de forma brusca, fazendo balançar os cabelos de Aika. Ela rosnou como se estivesse fazendo uma pergunta e Aika se encolheu.

— Sim, ela não é daqui — ouviu Kurikara sussurrar.
— Isso mesmo Aika. Espere ela te aceitar...

Sentiu a aproximação e um rápido chicote molhado e fedido em seu braço, depois em seu rosto. Dane-se se a língua do dragão era fedida e esquisita, era o sinal!

Aika se ergueu, segurando ao máximo sua excitação e a respiração ofegante, encarando então Tsubomi, olhos nos olhos. A cabeça era enorme, assim como seus olhos, mas tinha que manter o foco. Respirou fundo, acalmando-se, para estabelecer assim sua apresentação.

— A-ai-ka... Aika Akatsuki dos Anjos!

Fez uma reverência. Esperou, ainda a fitando. Os olhos das duas se encontraram e ela teve a sensação de uma pequena pontada na mente. Então, o dragão fechou seus olhos verdes cortados por um filete preto, mais dilatados que o normal, abaixando a cabeça e respondendo a reverência.

Aika riu e tomou outro susto quando sentiu a mão de Kurikara pegar a sua. Ele lhe sorriu e levou sua mão até o

focinho de Tsubomi. Ela tocou-a. Acariciou-a. O dragão correspondeu com um som diferente e afetuoso. Em menos de um minuto, estava coçando a grande orelha e mimando um dragão que mais parecia um gato gigante.

— Ai, caramba... você é linda demais... linda demais... tão perfeita...

Tsubomi balançou a cabeça, fechando os olhos lentamente, vaidosa.

— Ah, ela é bonita sim — comentou Riko, rindo da cara de espanto de Iruka.

— Aham! Eu é que nunca vi uma pessoa chorar e rir ao mesmo tempo!

Esse era o estado de felicidade de Aika. As lágrimas caíam, ela soluçava baixinho e riu quando o dragão se aproximou mais e lambeu seu rosto com aquela linguona fina e fedorenta.

— Hei, ela não gosta de ver ninguém chorando — disse Kurikara.

— Cara... você não tem a menor noção do que é isso!
É... é a minha infância! É um sonho virando realidade!

— Posso imaginar.

Ela não sabia se estava mais apaixonada por aquele sorriso carinhoso ou pela fofura de Tsubomi, roçando-se nela para ganhar mais atenção.

— E pensar que ela vai ficar do tamanho de uma cidade, que nem o pai dela...

— Você os viu?

— No mangá e no anime. Apareceram de relance, tentando proteger o ovo daqueles Fênix Negra. A mãe era igual a ela, mas o pai tinha cor azul... — Os dois lamentaram por um momento. De repente, ela começou a bater em sua barriga, tentar levantá-la, fazendo Aika rir, confusa.

— Ei, ei, o que ela quer?

Ela viu Kurikara sussurrar para Tsubomi:

— Não dá, não vai querer. Ela tem medo.

— Quê? Do que eu tenho medo?

— De altura. — Ele riu, em tom de desafio. — Ela quer que você voe com ela.

Aika esbugalhou os olhos.

— Medo? Eu, medo? Eu não tenho mais medo de altura!

— Pois muito bem — disse Kurikara, acenando para Iruka e Riko. — Vão andando na frente.

Riko ia alertar Aika sobre aquele perigoso sorriso de Kurikara, mas Iruka a impediu numa cotovelada, rindo.

Montar não foi fácil, contudo, Aika sentiu-se presenteada ao ter as mãos de Kurikara em sua cintura — para o deleite dela e o rubor dele. Ela segurou nos chifres de Tsubomi e se ajeitou, cuidando para não apertar o dragão com as pernas trêmulas. Desistiu de ajeitar a saia que mostrava mais do que devia, querendo aproveitar cada minuto com Tsubomi! Kurikara pulou de volta ao chão, e ela pôde jurar que ele e Tsubomi sorriam de maneira... perigosa?

— O que vocês dois...

— Vai, Tsubomi!

— AAAAAAAAAAAAAAAAAAHHHHH!!!!!!



ônibus carioca. O estômago de Aika quase pôs tudo para fora e ela quase se soltou. À medida que o mundo começava a encolher, o vento forte a açoitava, os movimentos do dragão serpenteando e confundindo-a. Ela gritou muito ao subirem e, quando alcançaram as nuvens, Tsubomi avançou para frente, tão rápida quanto um trem bala. Aika gritou de novo ao ver o quanto estavam voando alto, o estômago e a cabeça protestando como nunca. Mas ela não ia perder essa oportunidade por causa do seu medo. Aika tomou coragem para erguer os olhos e apreciar cada segundo, deixando-se levar por aquele momento mágico.

— AAAAAHHH, MEEEEUUU DEEEUUUUUS!!!

— gritou, e em português. É impossível descrever o tamanho da emoção de Aika ao ver Gattai do alto com Tsubomi, envolta pelo céu que mais parecia se abrir e se exibir no mais puro azul, acima de uma paisagem mais fantástica do que qualquer filme ou animação que tivesse assistido. Nada, absolutamente nada podia se comparar àquela visão.

— E aí?

Aika quase pulou quando sentiu um vento contrário, um bater de asas! Deu-se com Kurikara voando e batendo suas asas com os braços abertos, passando em seguida a voar sobre sua cabeça, a cabeleira longa e castanha esvoaçando. Ele conteve o riso ao ver o quanto ela estava dura em Tsubomi.

— VOCÊ VOOOAAAA!!!

— Mas a senhorita sempre soube que eu voava!

Kurikara então fez uma volta em torno delas, enquanto Tsubomi rugia e até soltou alguns raios de sua bocarra. Ela desacelerou e Aika podia ver por cima da grande cabeça chifruda quando ela se movia como uma serpente no ar, subindo e descendo como numa montanha-russa. Abaixo de si, apreciou as florestas longínquas e verdejantes, as montanhas e serras junto ao incrível garoto com asas de fênix brincando com seu dragão. Aika gritou a plenos pulmões:

— EU SOU A GAROTA MAIS FELIZ DO
MUNDOOOOOO!!!!

Ela ouviu Kurikara dar uma risada alta pela primeira vez. Viu-o fechar os olhos e fazer o que ela sabia ser o que mais amava: voar! Os três fizeram acrobacias, voavam agora em círculos, chegando a deixar Aika de cabeça para baixo. O medo deixou-a e deu lugar a uma inédita sensação de liberdade, fazendo-a querer ir mais alto e até tocar as nuvens em volta, deslumbrando-se com aquele mundo tão mágico e tão belo e com seus novos amigos tão incríveis.

— SEM AS MÃÃÃOOOOOS!!!

Tsubomi rugiu alto, sentindo a animação de Aika. Menos de um minuto depois, Kurikara decidiu descer. Ele não falou, mas Aika notou que sua asa direita sangrava por cima de um esparadrapo improvisado. Ela se lembrou da asa ferida e pior: mesmo de longe, via a marca da maldição se agitar em suas costas. Temeu pela segurança dele.

Ao aterrissar e desmontar com a ajuda de Kurikara, Aika sentiu as pernas doerem e tremerem de tanto se apertar em Tsubomi, e percebeu que a euforia a impedira de notar uma coisa: estavam arranhadas pelas escamas. A primeira a reagir foi Tsubomi, que a lambeu e derrubou os dois do chão com sua cauda, chamando-os para brincar. Aika se levantou e pulou na cauda dela, e agora dragão e menina brincavam. Ela não parava de rir, enquanto Kurikara assistia tudo sentado na grama, rindo quando Aika era derrubada — e a saía levantada, fazendo-o cobrir o rosto. Até que as duas se cansaram, e Aika se atirou na grama de braços abertos

enquanto Tsubomi se lambia ao seu lado. A dor nas pernas não era nada diante de sua felicidade.

— O dia... mais feliz... da minha vida...

— Certo, certo, acabou a brincadeira, temos que ir — gritou Iruka indo até eles.

— Eu... eu vou indo lá também... escola... — disse Aika, ofegante.

— Ah, quase esqueci! — disse Riko, remexendo algo no bolso. — Ainda bem que não tiraram de mim.

Kurikara pegou de Riko seu bracelete de volta. Aika impressionou-se com a semelhança do que aparecia no mangá/anime. Ela e os demais notaram uma ideia correndo nos olhos de Kurikara.

— Aika, você tem consigo alguma coisa de metal? Metal mesmo, sem ser aquele material lá da sua casa.

Ela mostrou a Kurikara o bracelete que tinha, igual ao dele, de Riko e Iruka, que ficaram embasbacados. O logotipo da série estava perto do fecho. Ela sorriu, orgulhosa

da joia recém-adquirida pela internet.

— Só as pedras que são de plást... EI!!! — Kurikara desprende-a de seu pulso e retirou uma das pedrinhas sem dificuldade, desintegrando-a na mão.

— Agora...

— Já sei! — interpôs Aika. — Fios de cabelo!

Ela arrancou uns três e deu-o, tremendo de ansiedade, e viu-o fundir um fio dela com uma pedrinha de cor roxa com fogo. Em seguida, ele tirou uma vermelha de seu próprio bracelete, arrancou um de seus fios (da franja, que era menor que o resto) e repetiu o cântico, fundindo-o também. Colocou-a no bracelete, cortou seu braço e manchou-a com seu sangue, começando um feitiço sinistro e falando palavras que arrepiaram Aika — que já estava pasma por ver o sangue dele em seu bracelete.

— Isso não vai funcionar fora de Gattai — disse Iruka.

— Vamos testar — disse Kurikara, despreocupado, e

prende-a no pulso de Aika, mas o fecho havia desaparecido.
— Aika, por gentileza vá em seu mundo, toque na gema e me chame. Concentre-se na minha imagem!

Aika tocou na conchinha, desaparecendo em seguida. Surgiu no farol de Namimeido, sem sinal do Mon-en, e fez o que ele mandou. Para sua surpresa, ouviu em sua cabeça Kurikara chamá-la:

— *Aika, pode me ouvir?*

Não era sua imaginação!

— *S-Sim! Que louco!*

— *Deu certo! Assim nós podemos...*

TOMP!

Tudo à sua volta girou e ela se viu indo direto ao chão. Foi como se Aika perdesse o ar e tudo ficasse escuro. Respirou fundo ainda tremendo no chão e, em seguida, bateu na conchinha e surgiu no meio do trio, onde Kurikara estava caído, com a mão na cabeça. Tsubomi pulou (fazendo o chão tremer) e lambeu os dois, preocupada.

— Vocês podiam ter morrido! — exclamou Iruka.

— Aika, você está pálida... — Riko amparou a jovem, que custava a recuperar as forças.

— A senhorita está bem? — perguntou Kurikara, se levantando, tonto. — Desculpe-me, eu não contava...

— Tô ótima, sério mesmo! — respondeu Aika, ainda sentindo-se um pouco atordoada.

— Certo, então, se precisarmos falar com você, mandarei um toque rápido, aí poderá usar o portal para me encontrar. Não tente falar comigo, espere um sinal meu, entendido?

Aika assentiu, agora se sentindo melhor. Riko começou a debater com Kurikara sobre o quanto isso era perigoso e os dois começaram a discutir, enquanto ele justificava que, graças a Suzaku, o efeito era menor nele do que em Aika. De repente, ela ouviu Iruka sussurrar em seu ouvido:

— Anote todos os sonhos que tiver, inclusive os

estranhos. Deixe um copo de água perto da cama, isso ajuda a recordar os sonhos e “vê-los” melhor, deixando-os mais nítidos. Se achar que pode ter algo ruim que possa invadir seu corpo ou atacá-la — Aika estremeceu ao ouvir isso —, coloque uma chave embaixo de onde apoia a cabeça e imagine uma luz azul em volta do corpo até adormecer. Entendido?

Ele falou rápido e baixo, mas ela assimilou tudo e assentiu. Sabia que Kurikara podia não gostar, então seria segredo dos dois.

— Certo, certo, já entendi! Só em último caso! Vamos logo então? — terminou Kurikara, desviando-se de Riko, que bufou.

Aika levantou-se da grama, agora sentindo-se melhor. Quando foi fazer um carinho em Tsubomi, surpreendeu-se com uma luz dourada que emergiu do dragão. Quando se extinguiu, deu lugar não mais a um dragão enorme, e sim a uma gatinha preta pequenina e de

rabo peludo. Aika sorriu de orelha a orelha e a pegou no colo, recebendo lambidas de preocupação. Tocou a gema verde em sua testa que denunciava a forma dracônica e sorriu, encantada. Olhando para Kurikara, se lembrou:

— Kurikara, antes de ir, você precisa saber que a maldição fica mais forte quando Yami-no-Yaku está perto, não quando você está emocionalmente abalado. Confie em mim, ele falou isso! Outra coisa: ele sente quando você chega e direciona seu poder, por isso quase sempre sabe onde você está. É o efeito oposto do que acredita, ela tenta te torturar para que acredite que é culpa sua ela estar mais forte.

Ele não demonstrou, mas sentiu a maldição formigar com as palavras de Aika. Não gostou disso.

— Ela também pode contar quase tudo que ouve de você a Yami-no-Yaku. Por isso, acho que ele falará de mim.

— Ela tremeu só de pensar. — Ai, ai... bom, fiquem atentos!

— Então aquele “deus”, ou sei lá o que, não pode

ameaçá-la por isso? — perguntou Riko.

Aika encarou-os um a um, notando sua preocupação. Acabou sorrindo, o que os surpreendeu. Sentia como se seu coração esquentasse.

— Bom, ele não pode fazer nada comigo do outro lado. Acho que vai dar tudo certo.

Kurikara, Riko, Iruka e até Tsubomi entreolharam-se. A última deu uma cabeçada em Aika e voltou ao chão. Pulando em seguida para Kurikara, subindo até seu ombro e recebendo seu carinho.

— Mas será que Yami-no-Yaku sobreviveu àquilo? Será que os próprios Orbes não poderiam tê-lo destruído? — perguntou Iruka.

— Eu duvido. O Yami-no-Yaku é aquele clássico vilão que você leva a história inteira para matar!

— Sabe alguma fraqueza dele? — perguntou Kurikara.

— Não... vocês já descobriram tudo que nos foi

apresentado. É também um mistério para nós, seus fãs. Sabemos que ele tem alguma moeda de troca com Onis e demônios. Algo como... “eu faço uma guerra e vocês devoram o que sobra”. Ele também tem aliados entre os Filhos-Puros, alguns enfeitiçados, outros covardes querendo se proteger e outros que até pensam em se aliar ansiando por poder. Também não temos plena certeza do porquê de ele ser tão ligado aos Fênix Negra, mas parece ter algo a ver com sua origem. Ele disse uma vez que ele e os Fênix Negra estavam ligados por “um laço indestrutível”. Acreditamos que, antes de ter se tornado o demônio que é, ele tenha sido um Fênix Negra do Leste, já que ele tem verdadeira obsessão de tomar as terras em volta do Vale das Montanhas Vermelhas.

— Isso ainda é pouco para nós — disse Riko.

— Eu sei. Vou reunir e xerocar as partes com ele do mangá... quer dizer, vou coletar tudo que eu tiver dele, em cenas e diálogos e passar para vocês. Basicamente, é aquilo

mesmo que descobriram, ele é um demônio que assume corpos diferentes e seu espírito, por alguma razão, seus poderes conseguem se manter mesmo trocando de corpo. Ele uma vez disse também que... olha, isso é esquisito, mas lá vai... ele disse que “criou o Kurikara”. Por isso o quer de volta, que você é especial para ele mesmo antes de ser Guardião de Suzaku.

— Pensei que esse louco só quisesse o poder de Suzaku no corpo dele! — exclamou Iruka.

— Não, o buraco é mais embaixo... quer dizer, não é apenas isso — respondeu Aika. — Temos uma teoria, de acordo com algumas cenas do filme, de que ele possa ter acompanhado seu crescimento quando estava com os Fênix Negra do Leste. Seu pai era o líder na época, lembra? E agora, ele tem estado com Dokujuugumi. É estranho isso, parece que seu pai tem alguma ligação com Yami-no-Yaku e o Yami-no-Yaku quer alguma coisa de você desde antes da vinda de Suzaku.

Claro que Aika não falou das teorias sórdidas do *fandom*¹⁷ de Kurikara quanto a isso. Só ficou triste por parecer ter pouco para ajudá-los. Riko e Iruka encararam Kurikara, que agora pousava a mão no queixo, pensativo.

— Talvez por eu ser o único mestiço... ou não... preciso ficar atento a isso. Agradeço essas informações, Aika.

— Só uma dúvida... Como você sabia que eu não era de Gattai?

— Ah! Foi pelo seu fio da vida!

— Hum?

— É assim que chamamos o elo que conecta todas as almas a Gattai — começou a explicar, e Aika sentiu certa animação em suas palavras. — Todos os seres vivos

¹⁷ *Fandom* é uma aglutinação da expressão em inglês *fan kingdom* (“reino dos fãs”). Um *fandom* é um grupo de fãs de alguma coisa, como um anime/mangá, seriado, música, artista, filme, livro etc., comuns na internet.

possuem uma aura visível, e nela há um fio que se liga à alma do mundo, à Shaykan. Esse fio liga o indivíduo com a natureza, mostrando sua dependência para com o mundo e é também de onde vem a sua força vital. Quando morre, esse fio se parte, separando-o da energia viva do mundo e permitindo ao espírito se retirar do corpo e partir para ser julgada por Tamaryuu. E então, retornar para Gattai, para Shaykan.

— Aaahn... retornar a quem? — perguntou Aika. Isso não aparecia no mangá!

— Acredita-se que, quando uma pessoa morre, além de seu corpo ser absorvido pela natureza e se incorporar ao restante do mundo, sua alma retornará para a “a alma mundo”, chamada Shaykan.

— Ou só vira pó — cortou-o Riko. — Não me olhem assim! A maioria dos camponeses não acredita nessas coisas. Quer dizer, alguns anciões acreditam...

— Maaaaaas — riu Iruka — como você anda

conosco, viu que não é bem assim.

— É né... ainda mais com um ser de outro mundo na minha frente.

Aika riu, embora ainda não entendesse bem o que era Shaykan.

— Shaykan é Gattai — disse Kurikara. — É a “alma do mundo”, uma entidade presente em toda a parte, em cada planta e grão de areia. Todos nós viemos dela e devemos retornar para ela. No entanto, quando alguém morre, deve ser julgado por Tamaryuu primeiro, a deusa do Reino das Almas, e é ela quem dirá se a pessoa deve voltar à vida noutro corpo para cumprir um assunto inacabado ou se receberá o direito de “retornar” a Shaykan e “ao todo”, adquirindo o que chamamos de “a verdadeira paz”. Os bons ou os que partem sem amarras são os que retornam a Shaykan e se reintegram a Gattai. Já os que não conseguem encontrar Tamaryuu para serem julgados, por motivos diversos, vagam sem rumo, podendo passar por diversos

problemas, inclusive se tornarem espíritos errantes ou demônios.

Kurikara fez uma pausa breve, na qual ninguém soube ao certo o que ele pensou, pois seus olhos pareciam distantes. Logo voltou a sorrir, como um professor dedicado:

— O seu fio da vida não se conecta a Gattai. Ou seja, eu vejo sua aura e sua energia, e há um fio que sai dela, mas não consigo ver aonde ele vai dar. Nunca vi nada assim. Os espíritos que não conseguiram encontrar Tamaryuu e se tornaram demônios têm ainda uma espécie de fio disforme e sujo. Demônios que conseguiram se misturar a algo terreno possuem fios escuros criados para se conectar ao corpo que invadem. Ver o fio da vida é algo complicado para a maioria dos Gattaianos, porém, os Fênix Negra, que possuem no sangue os poderes de Tamaryuu e Suzaku, são capazes de ver com pouco treinamento.

— Então... se eu também tenho um fio da vida, talvez meu mundo tenha alguma espécie de Shaykan, senão

você não poderia ver... ou não... ai, ai, ai... no meu mundo há tantas teorias que eu não sei afirmar nada.

— Dizem também — chamou-os Iruka —, que a cor da aura ajuda a definir a personalidade e a saúde de uma pessoa, sabiam? Azul, por exemplo, é...

— Tá bom, já chega! Todos nós temos tarefas e precisamos partir — interrompeu-os Riko.

— Ih, é... — lembrou-se Aika. Quase se esquecera do colégio.

— Vamos te dar notícias ao anoitecer, certo? — disse Iruka.

Todos concordaram.

— Então, até lá, galera... e... eu amo vocês!

Transportou-se ao dar os três toques na conchinha, aparecendo então dentro do farol. Em seguida, desceu as escadas sem pensar em nada, num breve transe. Despertou ao sentir o vento e o cheiro de água salgada, olhando para trás, sem sinal de Yui.

Por um minuto, acreditou que tudo que viveu não passou de um sonho e que estava na praia por culpa de sonambulismo. Mas viu o bracelete, a conchinha e um pelo dourado de Tsubomi na roupa, coisas que fizeram-na rir como nunca. Em seguida, tirou os sapatos e saiu pulando e cantando pela praia a caminho da escola, como uma criança que via o mar pela primeira vez.

Contudo, no fundo de seu coraçãozinho feliz havia um ponto escuro. Uma mancha que carregava preocupação — e um mau pressentimento.



Capítulo 8 — Ameaças

— O senhor tem noção da tragédia que isso significa para a Nação Kibou? Por acaso entende o que o seu fracasso provocou a essas terras?

— Com todo respeito, Majestade, meu fracasso não foi nada comparado à traição de seus seguidores.

A multidão se exaltou, abismada com a audácia de Kurikara. Ouviu-se o murmúrio dos nobres no salão do Palácio Púrpura: “Como ele se atreve?”, “O filho de Akira não o perdoará!”, “Aposto que ele está metido nisso!”.

— Silêncio! — exclamou Seishiro, filho mais velho de Akira, possuindo até os mesmo olhos verdes do pai e seu ar autoritário, mesmo ainda estando nos seus poucos vinte anos de vida. — Guardiã Kurikara, sua falha trouxe perdas incontáveis, inclusive a morte de meu pai e nosso rei. O que tem a dizer em sua defesa?

— Senhor, como representante dos Aquaeternos, eu juro sobre meu título que Kurikara não está mentindo e nós vimos com nossos próprios olhos o rei ser possuído e morto por Yami-no-Yaku! — exclamou Iruka. A multidão se abalou com as palavras.

— Temos a confirmação visual de vários soldados que, de longe, viram a criatura nos cercar, assim como os monstros invocados do lado de fora! — afirmou Riko, dirigindo-se a um general. O jovem rei pigarreou, e deu-lhe permissão para falar.

— Majestade, eu e meus soldados vimos uma criatura parecida com um escorpião atacar Kurikara e quebrar parte do Templo. Na luta, alguns dos sacerdotes nos relataram ouvir Akira gritar e, logo em seguida, quase todos fomos cegados pelo clarão. Menos de uma hora depois, a cidade começou a ser tomada. Trago o nome de alguns desertores, assim como meus subordinados trazem agora aqueles que nos traíram e permitiram a passagem do inimigo.

A confusão foi total ao serem passados os nomes. Muitos imploravam misericórdia, afirmando ser vítimas de magia. O jovem rei, agora com claras rugas de expressão por reconhecer conhecidos, esfregou as têmporas e deixou-se cair em seu trono de ouro.

— E meu senhor — continuou o velho general —, Kurikara teve a oportunidade de fugir, mas não o fez. Ao contrário, sua investida nos deu tempo para a chegada da Nação Seishin. Graças a isso tivemos força para proteger o Palácio e cercar o inimigo.

Um senhor de pele negra e longa barba branca, longas vestes púrpuras, com grandes colares e entre eles um medalhão com a mandala de Gattai, aproximou-se do rei e conversaram aos sussurros. Os murmúrios cessaram, todos fitavam Kurikara e seu grupo. Ao serem indagados por seu sumiço, inventaram de que Riko e Iruka fugiram das masmorras e foram até Kurikara no meio da confusão, por isso não retornaram à noite. Alguns não acreditaram, e

seguiram-se acusações de traição. Um dos desertores afirmou a plenos pulmões que Akira e a nação eram de Yami-no-Yaku há semanas.

— Pelos deuses! Então meu pai estava possuído há muito tempo!

— Ele estava estranho desde a última expedição.

Todas as cabeças voltaram-se para a mulher de pele negra, cabelos presos em longas tranças e vestido cor de pérola (o branco era sinônimo de luto naquele mundo). Uma tiara com uma ametista envolvia sua testa. Seu nome era Hanako, a rainha agora viúva.

— A palavra não lhe foi dada, minha mãe — censurou-a o jovem rei, e a mulher estalou os lábios abaixando a cabeça. Ao seu lado, uma menina de corpo mais cheio, vestida de branco e roxo, fechou os punhos e bufou. Era filha da rainha e irmã caçula do jovem rei, já decepcionada com a postura do irmão. — Prossigam com a investigação, ainda há inimigos a serem contidos. Quero-os

mortos antes do anoitecer! Comandante Yoga!

Outro jovem homem negro, trajando uma armadura muito danificada, ajoelhou-se na frente do rei e assentiu a cada comando. Era um representante da Nação Seishin, comandando parte do exército que veio apoiá-los. Em seguida, outras decisões foram tomadas enquanto o trio permanecia de pé, observando a confusão e os murmúrios, aguardando sua vez. Estavam apreensivos.

— Já estou sentindo falta da nossa fã e de sua comida — comentou Iruka, desanimado.

— Acho que foi por isso que Yami-no-Yaku esperou tanto. Queria que não acreditassem em nós, queria fazer parecer que Kurikara armou isso para os Fênix Negras! — falou Riko, cerrando os punhos, sentindo-se frustrada, pois não conseguira ver nada anormal no comportamento do rei. Assim como os demais.

— Ficamos muito tempo fora, não tínhamos como saber. O bom é que os Orbes estragaram os planos dele —

respondeu Iruka, tentando animar o grupo. — Bem ou mal, ninguém obteve seu poder.

— Estão falando que o clarão foi provocado pelo Kurikara e que ele os escondeu! — exclamou Riko. — Depois de tudo que fizemos! Como podem achar que nos aliaríamos a Yami-no-Yaku e aos Fênix Negra...

— A *alguns* Fênix Negra — corrigiu-a Kurikara. — A maioria era do Sul, mas havia alguns do Leste.

— Como você sabe? — perguntou Iruka.

— A trança nos cabelos. Só os do Leste os mantêm compridos e trançados. E os do Sul eram os que raspavam as laterais dos cabelos.

Suas palavras saíram arrastadas, pois foi com os Fênix Negra do Leste que viveu por anos. De seu estômago embrulhado, o sentimento de traição parecia sufocá-lo e pôde até ver o Espectro da maldição rindo ao seu lado. Ele nem trançava mais os seus cabelos como prova de sua separação, contudo, havia entes queridos seus entre eles.

Desviou seus pensamentos para outra linha de raciocínio.

— Nosso maior problema ainda é Yami-no-Yaku — falou Kurikara. — Se ele está vivo, ainda que fraco, significa que é muito mais poderoso do que imaginamos e que seus planos iam muito além de obter os Orbes! Se ele controlou Akira, então sempre soube aonde íamos e esteve muito próximo a eles, contudo, sem tocá-los. Deve ter usado minha maldição para que eu não percebesse a sua presença e, com isso, desestabilizou esse reino. Só não compreendo por que não tentou usá-los quando pôde. Deve estar com medo, já que os que tentaram tiveram péssimos fins... Acho que ele precisa mais de mim do que esperava e, por isso, armou tudo isso.

Kurikara viu o Espectro na forma de mulher gargalhar, contorcendo-se. Olhou-a com repulsa e os amigos imaginaram que o estivesse vendo.

— Ele sempre disse que, quando eu mais precisasse da confiança do povo, seria traído. Queria que achássemos

os Orbes para ele, que eu fosse capturado e o povo pensasse que eu estava ao lado de Yami-no-Yaku desde o princípio. Aí, ninguém viria ao nosso auxílio.

— E fomos capturados vivos para sermos seus reféns — completou Iruka.

— Para nos torturar e, assim, obrigá-lo a manipular os Orbes ao seu bem querer. Mas eles o sabotaram — finalizou Riko.

Kurikara olhou para o céu e viu a silhueta de Tsubomi cortando as nuvens. Mantinha-a próxima, temendo que tivessem que fugir com ela, caso a Nação se voltasse contra os três.

— Kurikara, peço perdão por tudo isso. Foi uma falha nossa. Baixamos a guarda — disse o velho de barba branca, dirigindo-se ao grupo.

— Mestre Tôzen. — Kurikara saudou-o. Tôzen retribuiu a reverência. O rei dispensou-os por enquanto e se voltou para outros assuntos.

— Nosso triunfo nos cegou — disse Tôzen, lamentando-se. — E o pior, os Orbes desapareceram ainda mais maculados pelas trevas.

Kurikara encarou Tôzen, seu rosto cansado e com mais rugas do que a idade lhe trazia. Era o conselheiro do rei, Kaze-Nushi¹⁸ de Tamaryuu e um dos maiores mestres em magia de Gattai — e quem lhe ensinara um pouco sobre seus poderes de Guardiã e sua maldição, embora nem ele mesmo a conhecesse direito. Mesmo com suas desavenças, pois o achava um tanto arrogante, acabara nutrindo respeito por ele.

— Não consegui purificá-los a tempo — lamentou

¹⁸ Nushi (主) - “Mestre, senhor”. No caso dos magos de Gattai, Kaze-nushi é o quarto e penúltimo grau de um mestre de magia de Gattai numa classificação de cinco, relacionado aos reinos da natureza e seus deuses. O primeiro nível é Hi-nushi (mestre-fogo), o segundo é Mizu-nushi (mestre-água), o terceiro é Tsushi-nushi (mestre-terra), o quarto é Kaze-nushi (mestre-vento) e o quinto e último é Tama-nushi (mestre-espírito). Entre os Fênix Negra, Kurikara já seria considerado um Hi-nushi, próximo a Mizu-nushi.

Kurikara, que voltou a olhar o céu que começava a mostrar nuvens escuras. — Temo que a natureza reaja a isso, e de uma forma pior do que reagiu antes.

— Mestre, como ficarão as coisas pro nosso lado? — perguntou-lhe Iruka. — Quer dizer, cumprimos a nossa missão e acordo com o rei, trouxemos os Orbes para os Kibou. Não temos culpa do que aconteceu...

— Iruka, isso é hora de pensar em honrarias? — censurou Riko.

— Por enquanto sorriam para a sorte, pois vocês fracassaram e deveriam ser punidos. Contudo, seus feitos e a emboscada de Yami-no-Yaku os salvaram de um problema. Mas a morte de Akira... Ah! Que Tamaryuu o acolha em suas garras... nos abalou mais do que a perda dos Orbes. Isso afetou a confiança do reino em vocês.

— A minha não. Eu acredito no senhor Kurikara!

A filha da rainha veio correndo até o grupo, quase tropeçando nas longas vestes brancas. Seus grandes olhos

estavam inchados, e a rainha seguiu-a até o grupo.

— Inori! — chamou-a Hanako.

— Acredito em todos vocês! Tenho certeza que acharão os Orbes de novo!

— É muita gentileza sua, princesa! — riu Iruka.

— E subiu de grau! Quando foi isso? — comentou Kurikara, fitando o segundo anel nos dedos da menina, que sorriu orgulhosa. Mais três como aquele, e ela entraria no primeiro dos cinco graus principais de magos de Gattai.

— Durante sua última partida. Estou quase convencendo a minha mãe a fazer-me sacerdotisa de Tamaryuu!

— Tamaryuu... — suspirou a rainha, com a voz cansada, dirigindo-se ao grupo. — Para que mais uma serve aos deuses que nos deram as costas?

— Eu tenho fé, mamãe. Logo serei tão incrível quanto a Pétala Branca! Quero ser forte e bonita como ela!

Riko corou ao ouvir isso e agradeceu. O grupo riu.

Inori parecia trazer um pouco de luz àquela situação.

— E de que adianta adquirir força sem ter voz? — lamentou a rainha. — Falei tantas vezes que havia algo estranho com seu pai e alguns seguidores ...

— Sinto muito, majestade, princesa Inori. Não pude salvá-lo — lamentou Kurikara.

Os olhos de Inori brilharam em lágrimas.

— Não peça desculpas, senhor Kurikara! — disse a menina, com veemência. — Vocês todos já fizeram tanto por nós, nos protegeram tantas vezes. O senhor e o príncipe Iruka, a Pétala Branca... Eu tenho certeza que vocês fizeram de tudo!

— Não, eles não fizeram — exclamou Seishiro. — E você deveria parar de brincar de maga! Fará onze anos no próximo verão, é hora de procurarmos seu futuro marido!

— O quê?! — exclamou Inori.

— Meu filho, por favor, não se precipite! — pediu Hanako.

— Brincar de maga? — interpôs-se Iruka. — Sua irmã é um prodígio! Ninguém chega a Hi-Nushi tão jovem!

— Não se metam! Não sabem de nada sobre nosso povo. Estamos em uma crise, mais uma sacerdotisa é inútil. Era isso que meu pai queria.

— Não, não era isso que ele queria! — gritou Inori.

— Cale-se, Inori! As duas, entrem! Esses assuntos não são para mulheres.

— Como pode falar assim conosco? Não vê que também estamos sofrendo!? EU TE ODEIO!

Inori correu para dentro do Palácio, e todos notaram que chorava. A rainha foi atrás de sua filha sem se despedir do grupo, olhando de relance com decepção para seu primogênito. Este sacudiu a cabeça e voltou-se para Kurikara:

— E o senhor, Kurikara — chamou Seishiro. — Tem sorte de não ser condenado por sua falha! Mas fique sabendo que não terá sua recompensa. Você não será inocentado do

crime no Vale das Montanhas Vermelhas!

— Pois eu não preciso do “perdão” de seu reino para saber o que eu já sei! Servi seu pai para ajudar Gattai. E não será desrespeitando sua mãe e sua irmã que honrará a memória de Akira e conquistará seu povo!

Silêncio. Todos que ali estavam sugaram todo o ar abafado que havia no local.

Seishiro e Kurikara se encararam sem piscar por quase um minuto. Todos se voltaram para a cena e foram tomados pela tensão. Pela primeira vez viram o Guardião perder as estribeiras com alguém da corte, e Iruka até coçou o pescoço temendo a punição que levariam.

Ninguém se atreveu a falar. Depois do que se pareceram horas de fogo entre os olhos dos jovens homens, Seishiro suspirou e abaixou a cabeça, esfregando as têmporas. Porém, as asas de Kurikara mantiveram-se arrepiadas.

— Deixe estar. Estamos todos exaltados com tudo

isso... Pétala Branca, quero a senhorita junto ao comandante Yoga no comando das tropas contra os Fênix Negra, só você tem o conhecimento que precisamos. Príncipe Umi Iruka, preciso de sua diplomacia para falarmos com os senhores das terras atingidas e, quanto ao senhor, Kurikara, junte-se a Tôzen e aos demais sacerdotes deste reino para encontrar Yami-no-Yaku e lidar com os problemas do outro mundo. Ainda há demônios pela cidade. Agora vão!

O ar aliviou e todos dirigiram-se às suas novas tarefas. Riko e Iruka despediram-se de Kurikara e do mestre Tôzen, estalando mãos e pescoços. Ele perguntou, com desconfiança, porque ele desapareceu por um dia e Kurikara o respondeu:

— Com todo respeito Mestre, não faz diferença onde estive.

Sentiu a maldição formigar outra vez. Tôzen não fez mais perguntas, apesar de notar a criatura se remexer nas costas tensionadas do Guardiã.

Foi como se jogassem um balde de água gelada em Aika. Um professor humilhou-a diante de toda a classe ao revelar que foi a única aluna da turma a quase zerar a prova final de física.

— Mas seus mangás estão em dia — riu, ao dar um tapinha no estojo de Aika, com estampas de um casal de personagens usando espadas, uma de branco e vermelho e um de preto. — O que há na sua cabeça? Esqueceu onde está? Aqui, seus estudos é que deveriam ser sua prioridade! Ou se dedica, ou vai embora!

Aika sentiu o rosto queimar. As risadas ao fundo faziam doer sua cabeça, mas não daria a eles o que queriam. Não iria chorar, sequer soluçar, muito menos responder. Travou sua própria respiração, em um esforço absurdo para sustentar o olhar do professor.

— Recuperação, Akatsuki! E está fora do festival.

Mais risadas. O professor deu-lhe as costas e Aika sentou-se com o rosto queimando, encarando as mãos. Respirou fundo, contendo a vergonha, tremendo de raiva. No entanto, quando seus olhos pousaram no bracelete, suspirou.

— *Tive a melhor manhã da minha vida* — pensou, lembrando o voo com Tsubomi e Kurikara, além do que aconteceu no Mon-en e o resgate. Aquilo conseguiu, pela primeira vez, aliviar seu coração. Ao recordar da sensação do voo, sorriu.

Em recuperação, não poderia participar do festival — o que, para ela, não fazia a menor diferença. No entanto, ela tinha ainda que ajudar no clube de artes e aguentar os murmúrios enquanto pintava.

No mesmo dia e na frente de todos do clube, foi chamada para a diretoria. Mais uma vergonha para sua lista. Duas matérias em recuperação: física e ciências. Lá, a conversa não foi nada animadora, pois eles repetiam e

repetiam que ela não se dedicava, que assim não teria futuro, que preferia ler um mangá a um livro, que tinha que agir como alguém daquele país... e Aika percebeu que notaram os arranhões em suas pernas, assim como os demais colegas.

— *Nem quero imaginar as fofocas que rolarão sobre isso.*

Ao sair da reunião sentindo-se detonada, foi surpreendida pelo professor de inglês, cujo nome era Tanaka, que lhe pedia a palavra.

— Akatsuki, é verdade que está trabalhando?

— É.

— E que está morando sozinha?

— Sim. Minha família ficou lá no Brasil.

— O diretor disse que estava em Tóquio antes. Por que decidiu vir para cá?

— Com todo respeito, professor, eu não gostaria de falar sobre isso.

Aika notou que ele fez uma pausa, o que fez sua

mente trabalhar a mil. Não tinha problemas com ele ou sua matéria, até o achava gentil, um dos poucos que não a tratava mal ou com ignorância, mas o que queria com essa informação? Por que agora parecia interessado nela?

— Já tentou conseguir uma bolsa?

— Não consegui para essa escola.

— Mas é sua única escolha? Olha, eu não sei o que está havendo, mas aqui não é o melhor lugar para se preparar para uma faculdade. A maioria dos nossos estudantes só vão terminar os estudos básicos e trabalhar por aqui. E parece que não é só isso que a senhorita almeja.

Aika meditou sobre isso e não o respondeu de imediato.

— Eu sempre ouvi que a diferença está no aluno e não na escola. Além disso, foi o primeiro lugar que encontrei para ficar.

Tanaka demorou a responder, e Aika sentiu-se impaciente por esperar. Queria sair daquele interrogatório.

Já não bastava o que enfrentara? Qual era a dele? Sentia-se como um gato acuado.

— Acho muito problemática essa radicalização. Para mim, por mais forte que o indivíduo seja, ele sempre será influenciado pelo meio. Na verdade, gostaria de poder ajudá-la. Todos nós nos preocupamos com nossos alunos, embora... nem todos sejam gentis. Suas notas em Tóquio eram boas! Seus trabalhos de artes são formidáveis também.

— Fez uma pausa ao notar Aika desviar o olhar, como se não acreditasse. — Escute, não sei o que está acontecendo, mas torço para que tudo dê certo. Se você trabalha é porque precisa, e eu sei que isso dificulta as coisas mais do que para um aluno que tem tudo de bandeja.

Encarou-o, confusa. Tanaka a estava defendendo?

— Geralmente, grandes artistas não se dão com essas matérias. Em humanas, suas notas são quase perfeitas. Vou dar um jeito para que consiga se recuperar melhor nas férias, afinal, o cérebro que não descansa, não cria. Se esforce e

tenha certeza que todos vão ajudá-la — finalizou, entrando de volta na diretoria, sorrindo para ela. Aika se conteve para não enrugar a testa e tentou parecer apenas grata ou aliviada.

Olhou para os lados, confusa. Teve medo dessa aproximação do professor... ela, mestiça, uma garota... ou será que havia perdido a fé nas pessoas? Sacudiu a cabeça como se tentasse se livrar de seus receios.

— Ok! Esforçar-me...

Foi para o trabalho, estarecida com tanta coisa naquele dia. Viu no celular que Tsubasa não havia melhorado e teve medo de que sua querida autora pudesse morrer. Sentia-se cada vez mais preocupada com o trio.

Ouviu um sermão daqueles sobre sua falta do seu patrão, mesmo com Mieko defendendo-a. Contudo, saber que Kurikara existia e lembrar que voara em um dragão deixou-a mais tolerante, e até riu depois com a colega de trabalho. Porém, lembrou-se do fantasma de Yui, presa ao templo. E por fim, nos perigos que Kurikara e seus amigos

passaram na série, correndo risco de morte quase o tempo todo. Sentiu-se quase enjoar só de imaginar que poderiam naquele momento estar lutando de verdade. Contou os minutos para as seis da tarde, mas sabia que seu expediente só terminaria lá pelas oito. Ela não queria esperar, queria notícias. Mesmo temendo ser tomada como inconveniente se fosse até eles...

Não havia quase nenhum cliente e suspirou, irritada com a demora do tempo em passar. Distraída, coçou a pedra em seu bracelete e pensou em Kurikara, em tudo que ele já havia passado e se estaria bem, mesmo com a maldição em seu encaço.

— Ela está pensando em mim.

Riko e Iruka fitaram Kurikara. Estavam comendo na cozinha do Palácio. Saíram e foram até uma das varandas

longes de ouvidos curiosos.

— Como assim, pensando em você? — perguntou Iruka, percebendo o suor escorrer da testa do amigo.

— De forma involuntária, está quase me chamando. Se continuar assim, ela vai passar mal.

— Você consegue sentir? — indagou Riko.

— Sim. Ela parece angustiada.

Kurikara sentiu a maldição começar a alfinetá-lo e não gostou nada disso.

— Ela vai sugar suas forças desse jeito, e estamos quase a ponto de outra batalha. Chame-a e pergunte o que está havendo — falou Riko, preocupada.

Batedores avistaram uma frota de Fênix Negra do Sul e alguns remanescentes do Dokujuugumi próximos. Acreditavam que haveria outro confronto ainda naquela noite nebulosa.

Aika de repente sentiu-se mais sonolenta do que o normal. Não parava de bocejar e quase dormiu em pé, enquanto arrumava uma prateleira.

— Aika, você não parece bem — chamou-a Mieko.

— Que? Hã, não, tudo bem. Semana de provas, sabe como é. Ainda estou com um pouco daquela gripe...

O tempo ainda custava a passar. Ainda eram sete horas, e não havia aparecido cliente nenhum. Não resistiu e perguntou a Mieko se dava para sair mais cedo, e ela apenas respondeu-lhe para aguentar só mais um pouco.

As tropas de onis e demônios não iriam ceder. Queriam de qualquer jeito tomar a capital, mesmo em desvantagem numérica dessa vez. Já era possível ver os monstros invocados e catapultas armadas ao longe pelos

térríveis onis. O trio e os habitantes daquela cidade já estavam familiarizados com as criaturas: dois Bakeshishi, criaturas de pele escura e peluda, variando entre três e cinco metros, misturados com cabeças de javali, braços enormes que desciam quase até os pés e garras ensanguentadas. Aproximando-se aos saltos, vinham os Sabanoge e Shozukumo: o primeiro eram escorpiões gigantes e vermelhos com grandes pinças envenenadas e o segundo, aranhas peludas e musculosas. Ambos possuíam, ao invés das cabeças de escorpião e aranha, cabeças humanas de homens ou mulheres, arreganhadas pelas grandes presas.

Kurikara tinha exterminado os que estavam na cidade em sua fuga, mas o novo confronto trazia mais monstros — e em maior número do que da última vez, quase dez de cada, fora as centenas de onis. Toda a cidade se movia às pressas, preparando-se. Homens se armavam enquanto mulheres, crianças e idosos eram recuados para longe da muralha. Todos os rostos estavam tomados de apreensão e medo, o

que se intensificou quando dois terremotos abalaram a cidade. Dessa vez o Templo dos Cinco Deuses quase foi ao chão, obrigando os soldados a evacuarem seu entorno.

Riko e Iruka estavam na sacada de uma das torres mais altas do palácio Púrpura, esperando Kurikara descer. Podiam ver, mesmo na escuridão da noite, o Guardião batendo suas asas com as mãos estendidas. De repente, um clarão dourado cobriu-as. Os três sabiam que não se tratava de relâmpago algum e, no segundo seguinte, uma criatura preta e pequena caiu nos braços do Guardião e se esfregou em seu rosto.

— Oi, Tsubomi — falou, afagando a gatinha preta de olhos verdes que se enroscava em seus braços. — Quero você longe dos Fênix Negra!

Ela rosnou, contrariada, mas fechou os olhos e se aninhou a seu peito. Voando, Kurikara viu o grande exército de armaduras escuras, com alguns monstros no meio. Ele

ficaria nas últimas linhas para defender o palácio, preocupado ao saber que seus amigos estariam nas linhas de frente para defender a muralha maculada.

Não queria Tsubomi nessa luta. Sabia que havia Fênix Negra que caçavam dragões para obter deles o Óleo Escarlata. Era uma substância retirada de seus estômagos, responsável por acionar o fogo que cuspiam, cuja faísca era despertada pelo choque de seus dentes. Os soldados banhavam suas luvas com o óleo, faziam-nas pegar fogo e as lançavam contra inimigos. Era muito inflamável, além de mais duradouro que qualquer outro tipo de óleo. Muitos usavam a couraça do dragão morto para fazer fortes armaduras, pois as escamas rebatiam diversos ataques de magia e eram mais resistentes que o metal. Por mais difícil que fosse matar um dragão, eles já haviam exterminado muitos.

Repulsa era pouco para o que Kurikara sentia. Seu único consolo era saber que não era todos os Fênix Negra

que eram assim, e havia os que nem sabiam do óleo — como ele, durante anos. Segurou Tsubomi com mais força, temendo que a pegassem e fizessem a ela o mesmo que fizeram com seus pais e tantos outros. Só não a mandaria se esconder longe porque a pequena insistiria em ficar.

Mas não era hora de pensar nesses assuntos, era hora de concentrar-se na luta, rever os planos e torcer para que a maldição permanecesse quieta, de modo a não perder tempo com ela e sim garantir que a nação Kibou não tombasse, e seus amigos retornassem são e salvos.

— *Você está doido para fazer churrasco de onis hoje, não?*

Kurikara bufou. Falando no demônio...

— *Ah, vai, confessa. Você gosta de lutar. Gosta de matar, sente prazer na vingança.*

Não... Ele não gostava e nem queria matar, mesmo em guerra, mesmo que a maior parte dos inimigos fossem onis. Um guerreiro se distinguia não por brandir uma espada,

mas sim quando a desembainhava. Ele só usava Kaseiken como seu último recurso. Na verdade, ele nunca quis ser um guerreiro... Todavia, esses pensamentos não importavam agora. Concentrou-se e o Espectro se calou enquanto ele pousava. Com Tsubomi agora em seus ombros, disse ao par diante dele:

— Chamarei Aika para que nos diga o que está havendo.

Tocou na gema de cor roxa, onde ainda se via o fio mais grosso do que o normal de um cabelo escuro em seu interior.

Aika caiu da cadeira quando o ouviu. Não estava louca, o bracelete até chegou a apertá-la e sentiu uma tremenda dor de cabeça. Esquecendo sua pasta, ela disparou porta afora ignorando o chamado de Mieko, avisando-a que ainda faltava meia hora. Correu até uma praça deserta e bateu na conchinha três vezes. No mesmo segundo, estava

diante de Kurikara.

— Olá, Aika. Preciso que voc... — calou-se, porque Aika pulou e o abraçou, surpreendendo-o assim como o grupo.

— Graças aos deuses vocês estão bem! — Ela abraçou um por um até chegar a Tsubomi, que ronronou quando a viu e pulou em seus braços.

— Mas o que deu em você? — perguntou Riko, ajeitando-se depois do abraço apertado, constrangida com a demonstração de carinho tão repentina.

— Desculpem, é que eu... estava com medo de ter acontecido algo com vocês.

— Era por isso que sua mente estava tocando a minha através do bracelete? — perguntou Kurikara, o tom de sua voz agora frio.

Ela enrubesceu, e abaixou a cabeça. Não podia esconder a vergonha e, do canto do olho, visualizou tropas dos Kibou embaixo se preparando. Perguntou:

— Outro ataque?

— Sim, e é por isso que você não pode ficar brincando com o bracelete. Pode colocar a vida do Kurikara em perigo — afirmou Riko.

A vergonha era tanta que o estômago de Aika embrulhou. Não conseguiu encará-los, e virou-se para o céu.

— Desculpem-me. Temi que a morte os levasse. Estava com medo...

— Aika, medo todos nós temos, mas isso tem que ser controlado — disse Iruka, mais compreensivo que os demais. — Temos que ir agora.

— O que farão contra os Fênix Negra? — perguntou Aika.

Os três agora ficaram mais impacientes, embora Tsubomi estivesse feliz com ela.

— Aika, com todo respeito, não temos tempo para...

— Diz que irão usar aquelas nuvens de chuva contra eles... — disse, eufórica.

A pergunta surpreendeu Iruka de tal forma que ele custou a entender.

— Usar nuvens de chuva?

— É, aquela lá. — Aika apontou para um grande conjunto de nuvens carregadas que se destacavam no céu nublado. — Para dar um banho nos Fênix Negra e impedi-los de voar!

Olhavam-na agora não como inconveniente, mas com espanto.

— Espera, eu nunca fiz uma coisa dessas...

— Ah fala sério! Você move nuvens para fazer desenhos e mensagens secretas!

Porque nuvens são feitas de vapor, e todos os Aquaeternos podem manipular água em seus diversos estados, embora, não a conjurar do nada. Isso, só um Guardião do Reino das Águas poderia fazer.

— É, só que uma nuvem de chuva é muito... complexa! Eu precisaria estar a alguns metros para poder...

— Para isso você tem a Tsubomi! — A gatinha miou, animada, nos braços de Aika.

— Nada disso! — cortou Kurikara. — É muito perigoso! Eles podem ser abatidos quando estiverem perto do exército.

— Basta que voem acima das nuvens! — disse Aika, agora determinada a quebrar a má impressão que dera. — Os Fênix Negra não conseguem ultrapassá-las se estiverem energizadas. E isso os raios da Tsubomi podem fazer rapidinho.

— Mas colocaria suas vidas em risco!

— Não, porque a couraça da Tsubomi repele qualquer raio! É uma característica da espécie tipo serpente. Os de asas de morcego já não fazem isso. Por isso muitos Fênix Negra caçam esses, só que eles são os mais difíceis de achar já que mudam de forma.

— Kurikara, você sabia dessa? — perguntou Iruka.

— Da parte da espécie serpente ser capaz de repelir

raios... não... — respondeu, pasmo. Ele havia estudado muito sobre dragões. Ouvindo-a agora, sentiu que aquilo fazia sentido. Aika continuou:

— Iruka sobre ela estaria superseguro! Como ficou quando escapou daquele exército no episódio dezesse... quer dizer, quando foi emboscado perto da fronteira da Nação Seishin com o território dos Fênix Negra.

— Uma chuva forte atrapalharia ambos os lados — entrevistou Riko.

— Atrapalharia mais eles do que a vocês. Asas molhadas, igual a ataques aéreos prejudicados e mais lentidão em solo. Além disso, com as luvas molhadas eles não terão domínio do fogo! E vocês têm magos o suficiente para enfeitiçar flechas e lanças para atravessarem a chuva sem problemas. Já fizeram isso uma vez, é um feitiço simples que até a fofa da Inori pode fazer com mais de cem.

— Garota, você é incrível! — gritou Iruka.

— Fênix Negra são quase inúteis em chuva... não

conseguem impedir as asas de ficar pesadas e não poderiam sobrevoar as tropas e nos queimar. É perfeito! — exclamou Riko, sorridente. — Iruka, você consegue fazer isso? Acha que consegue forçar nuvens a chover?

— Acho que sim, mas vou ficar muito lerdo depois. Vai demandar muita energia vital e...

— E é por isso mesmo que você não se atreverá a fazer isso — interpôs-se Kurikara. — Ainda que por sorte vocês consigam, serão alvos fáceis se você estiver fraco, e a Tsubomi é visível demais.

— Não se eu estiver com eles! — Aika sugeriu, fazendo com que todos a encarassem. — Se esqueceram do portal? Deixem-me voar com Iruka! Caso estejamos em perigo, mando a gente de volta para o solo, sãos e salvos!

O plano era tão louco que nem ela mesma acreditava no que acabara de falar. Aika numa batalha? Ela nunca vencera nenhuma briga. Seu estômago gelou de receio, mesmo estando eufórica. Riko e Iruka pareciam prestes a

aceitar o plano, porém, Kurikara parecia irredutível.

— A senhorita enlouqueceu? Vai se revelar para o inimigo! Se souberem de seu poder, Aika, eles vão...

— Eles não podem me ver de tão longe! O máximo que pensarão é que você usou algum feitiço poderoso e...

— Já chega, estamos sem tempo. Aika, volte já para...

— Não, Kurikara, eu vou fazer o que ela disse! — exclamou Iruka. — Não adianta me olhar assim!

— Se der certo, poderemos vencê-los com menos baixas do que o previsto — disse Riko, e Kurikara a olhou com espanto.

— Logo você, que nos conhece tão bem, acha mesmo que uma chuinha pode nos parar? — Ele sentiu mais uma vez a maldição apertar suas costas. Alguma coisa estava errada.

— Não vem com essa! Fênix Negra sempre evitam o combate em dias chuvosos. Eles ficam muito mais fracos,

sim.

— Como na batalha do Rio do Outono, há setenta anos, onde os Fênix Negra do Norte perderam uma luta fácil contra os Aquaeternos das Ilhas Azuis por causa de um temporal, e aí perderam uma das bases escondidas entre as Ilhas Azuis, hoje inundadas...

Todos encararam Aika boquiabertos enquanto ela acariciava Tsubomi.

— Até isso você sabe? — perguntou Iruka.

— Ah, foi comentado na história — disse Aika, sorridente. Mais uma para sua lista de coisas “compatíveis e não compatíveis”. Aquilo até que era divertido.

— Só que à mesma medida que você os deixará mais fracos, vai deixar os nossos mais lentos, e Fênix Negra lentos são mais mortais do que Filhos-Puros de armaduras encharcadas!

— Não creio. A chuva será bem localizada neles — afirmou Iruka. — Ainda assim, as chances ficariam muito

mais a nosso favor! Com as luvas molhadas, eles não podem incinerar ninguém.

— E a chuva retarda os monstros — comentou Aika, que se calou diante do olhar furioso de Kurikara.

— Qual é! Serei mais útil lá em cima! — exclamou Iruka. — Comigo, Tsubomi?

A gata o fitou confusa, e eles se esqueceram de que ela só entendia Kurikara. Tinham que convencê-lo se quisessem realizar o plano.

— Kurikara, ela deu uma boa ideia — insistiu Riko. — Precisamos tentar! Ainda dá tempo de encantar as flechas.

— Vocês não vão conseguir...

— Pare de achar que temos que ser protegidos, você também não é um deus! — Riko gritou. Ela encarou Kurikara com tanta ferocidade que Aika achou que ela fosse esbofeteá-lo. Riko abraçou o plano e parecia até tremer de excitação.

Derrotado, Kurikara suspirou e chamou Tsubomi,

passando-lhe as instruções. Riko se despediu de Aika, que a abraçou — de novo, para a surpresa da guerreira. Aquele povo não era acostumado a isso.

— Riko, eh... se cuida! — falou Aika, sentindo medo ao se despedir dela. Ela sorriu e agradeceu.

— Acho que você está se arriscando demais — disse Kurikara. — Isso não é uma aventura. Não é uma história, é real!

— Eu sei que é a vida dos seus amigos em risco e a minha também! — interrompeu Aika, erguendo-se na ponta dos pés para encará-lo nos olhos. Seu herói ou não, ela não gostou nem um pouco de seu tom de voz para com ela. — Aliás, o Espectro está falando muito por você, sabia?

As palavras o atingiram em cheio. A maldição até se moveu em suas costas, a marca estava agindo sobre ele. Mas porque parecia tão feroz logo com Aika? Tsubomi se transformou e Iruka montou nela, chamando a jovem.

— Escuta. — Ela agora tentou ponderar sua voz. —

Ele deve estar perto. E deve usar esse ataque de distração para cair com tudo em cima de você! Não vou deixar Iruka e Tsubomi em perigo! Qualquer problema, prometo cair fora com o poder do Mon-en.

Mesmo insegura, Aika decidiu não vacilar, tomando para si o desejo de ser útil alguma vez na vida. A raiva no rosto de Kurikara se transformou numa estranha expressão:

— No menor sinal de perigo, fuja.

Aika se despediu de Kurikara, mas teve que pedir ajuda para subir em Tsubomi — a altura da sacada a deixou tonta. Ficou muito constrangida — esqueceu-se de que estava de uniforme — e foi o solavanco de Tsubomi que a fez focar na missão. Ela começou a ir mais rápido para o alto, e Aika notou que ela fazia um estranho som com a boca. Um som que no anime simbolizava preocupação. Estava difícil para se segurar e agora, sem Kurikara por perto, estava com mais medo que da primeira vez, mesmo com as piadas de Iruka.

O plano foi passado aos soldados por Riko com algumas modificações, para proteger a identidade de Aika. Aproveitando-se dos poderes de Kurikara, alegou que o amigo previu uma chuva e Iruka a usaria a seu favor. Apesar de alguns sentirem-se inseguros, a maioria tomou aquilo como uma grande oportunidade. Muitos magos se ofereceram para encantar as flechas e lanças, inclusive Inori. Com Tôzen ao lado dela, começaram a recitar o feitiço e a repassá-lo. Seishiro manteve as coisas da mesma forma, como se o plano não existisse. Viu sua irmã ao lado de Tôzen, mas a jovem, quando o viu, desviou-se e seguiu para longe. Chamado por Riko e Yoga, Seishiro se juntou aos demais e vestiu sua pesada armadura, com a espada do pai em sua cintura. Quanto a Riko, estava esbelta e sinistra trajando uma armadura da nação Kibou. Depois de tantas batalhas, todos os homens ali olhavam-na com respeito e admiração.

Seishiro estava no topo da muralha e, de lá, fitando o

palácio, pensou se seria melhor deixar Kurikara à frente. No entanto, refletindo com outros guerreiros, mantê-lo longe do inimigo era mais seguro. Se as informações obtidas estivessem corretas, ele era o objetivo principal. Usá-lo como isca poderia ser arriscado, sabia que Kurikara não havia se recuperado por completo. Precisava se concentrar. Como um homem de guerra, queria lutar ao lado de suas tropas e não se esconder atrás das linhas de frente. Como esperado, o mensageiro da Capital retornou, assustado, avisando que não haveria acordo. A batalha iria começar! Mandou Inori e Tôzen recuarem, juntou-se às suas tropas e, com Riko ao seu lado, ergueu sua espada.

Iruka e Aika estavam acima das nuvens. Por três vezes o príncipe brincou sobre suas pernas à mostra, porém, agora se concentrava nas nuvens à volta. Aika ficou

impressionada com o brilho azulado de suas mãos e a velocidade com que movia as nuvens. O céu começou a ser tomado por relâmpagos, e raios serpenteavam entre as nuvens. Os trovões eram ensurdecedores e ela estava à beira do pânico, tremendo de frio e de medo. Precisava recordar-se da promessa feita a Kurikara, obrigando-se a respirar fundo e a verificar se não eram seguidos. Uma nuvem se moveu, e ela notou o exército se movendo embaixo.

Ela sabia que o exército da Nação Kibou era maior, que tinha aliados, mas temia o poder dos Fênix Negra, o Dokujuugumi e seus monstros. Notou o suor escorrendo de Iruka, as veias saltando das têmporas devido ao esforço e questionou-se se isso poderia matá-lo. Tsubomi descarregava pequenos raios na grande nuvem para ajudá-los e olhava a todo o momento para baixo.

— Iruka, você está bem?

Ele assentiu, rangendo os dentes. Sua respiração estava acelerada e ela podia ver o esforço que fazia. Estavam

agora acima dos Fênix Negra. Trajados de preto e portando armas e fogo, eles avançavam contra o inimigo.

— Está difícil fazê-la chover... — disse entredentes, e Aika temeu que o plano não funcionasse. Foi quando tudo aconteceu ao mesmo tempo.

Primeiro, ela viu algo se movendo abaixo e, mesmo no escuro da noite, notou o brilho das penas refletindo a luz dos relâmpagos: Fênix Negra subindo até eles e não havia nuvens para protegê-los. Aika gritou, Iruka parecia se contorcer de dor, e Tsubomi se mexeu lançando raios agora contra eles.

— Vou mandar a gente de volta — gritou Aika.

— Não! Eu consigo!

— Mas...

— Espera! Tô quase!

Três deles avançaram e um, com uma tocha acesa em punho, fez seu fogo pular na direção deles. Aika se agarrou a Tsubomi que desviou, quase derrubando-os quando um

trovão ressoou e um relâmpago cegou a todos. A tempestade começou a cair. Sentiu o amigo começar a despencar e o agarrou, gritando e sentindo seu peso. Iruka desmaiou sobre Tsubomi e ela se viu cercada.

— IRUKA!

O dragão rugiu contra o inimigo enquanto outra nuvem sobre ela fez descarregar raios e chuva. Quando deu os três toques na conchinha caiu de costas em solo e o baque quase a fez desmaiar, ainda sentindo o calor das chamas que quase os alcançaram. Um estrondo como um tremor a fez abrir os olhos e quase foi pisada por Tsubomi, que rugia e se debatia, olhando para todos os lados. Aika gritou e um vulto se jogou sobre ela e Iruka, gritando:

— CALMA! CALMA, ESTOU AQUI! TÁ TUDO BEM!

Era Kurikara. Viu-o voar para a frente de Tsubomi para acalmá-la. Já Aika levantou-se e cambaleou até Iruka, que estava desacordado. O coração dela quase tinha ido parar

na boca. Kurikara parou Tsubomi, que se acalmou, mas assustou muitos e a sorte foi que já conheciam o dragão de Kurikara. Estavam no salão da entrada do palácio, transformado em um posto de socorro aos feridos.

— Ele está bem?

Aika pegou no pulso de Iruka e suspirou de alívio:

— Sim, mas está febril!

Kurikara chamou os curandeiros e estes cercaram Iruka. Disseram que ficaria bem, não havia risco de morte. Tsubomi voltou a ser uma gatinha e pulou no ombro do Guardiã, toda arrepiada, fitando Aika assustada. Kurikara inventou que Aika era prima de Riko e que estava com eles, mas não houve como não atrair as atenções para ela. Seu uniforme causou uma péssima impressão — além de ser incomum, ela estava “quase nua” para eles.

Inori chegou correndo para cuidar de Iruka, ao lado de Tôzen, e ambos o envolveram em um estranho brilho branco sobre o peito. Hanako, a rainha, coordenava o socorro

aos feridos e foi até Aika. Esta, desnorteada, reverenciou-a ao reconhecê-la. Não contou que a mulher fosse levá-la para dentro e mais: tirar seu próprio manto para cobri-la.

Até que Inori e Tôzen se aproximaram dela. Os olhos dos dois se arregalaram ao mesmo tempo e Kurikara se colocou na frente de Aika, com as asas abertas e arrepiadas, dizendo:

— Não se atrevam a falar! Ela está comigo e não oferece perigo!

A rainha não entendeu, assim como a maioria dos que ali estavam. Inori, tomada mais pela curiosidade do que pelo medo, correu até Aika, querendo tocá-la. Kurikara puxou os três para um canto e disse-lhes correndo que se revelassem seu segredo, Aika morreria e que ela o estava ajudando.

— As lendas são verdadeiras... — a voz de Tôzen tremeu e ele começou a remexer algo no bolso das vestes.

— Lendas? — indagou Kurikara e Aika ao mesmo tempo.

— Que Gattai... era visitada por seres de outros mundos... antes da traição...

O choque da revelação em Kurikara foi tanto que uma tocha acesa perto explodiu. O mestre continuou:

— Dizia-se que era para compartilhar coisas... deram-nos plantas, animais, ajudaram os primeiros Guardiões... trocávamos mantimentos e culturas... achamos que se tratavam de entidades... só os mais graduados sabem disso, é um grande segredo... e é um milagre!

Sua voz tremia e ele puxou um rosário com cinquenta contas e um pentagrama pendurado:

— Senhorita, use isto na cintura e não tire por nada! Vai impedir que vejam seu fio da vida. De que mundo você veio?

Aika estava tão pasma que pegou o rosário no automático. Uma ideia bizarra surgiu em sua mente: seria de Gattai que o povo de Namimeido adquiria suprimentos? Será que era por isso que ambos os mundos eram parecidos? Por

isso o mesmo idioma e alguns animais?

— N-Não temos tempo — falou Inori, surpreendendo-os. — Precisamos encantar mais... mais armas! Mestre, isso deve ser um sinal! Os deuses estão do nosso lado!

Seu sorriso e sua emoção desestabilizaram Aika. Ela os saudou e Tôzen voltou hesitante ao seu posto, enquanto Inori voltou para Iruka no intuito de curá-lo. O céu não parava de relampejar e ouvia-se relatos de que a tempestade do lado de fora era avassaladora. Aika virou-se para Kurikara, sem graça, e tentou acariciar Tsubomi, que rosnou e se encolheu. Então, passou o rosário pela cintura como um cinto, quando sentiu como se de repente ficasse surda por um instante. Já Kurikara tentava acalmar Tsubomi, que continuava assustada e rosnando, acanhada.

— Ela vai esquecer — disse, ao ver a tristeza no semblante de Aika. — Eu não confio plenamente em Tôzen, mas o amuleto funcionou. Não vejo mais sua aura e seu fio

da vida.

— Beleza! Que louco, né?

— Não se anime, não podemos contar com a sorte.

Quero que volte agora.

— E se vocês precisarem de uma fuga?

— Não, Aika, você já fez demais e...

Um terremoto derrubou a todos e sacudiu o palácio. Menos de um segundo depois ouviram um estrondo e gritos, além de fumaça saindo na direção da muralha.

— Droga... odeio terremotos — bufou Aika.

Kurikara voltou para a sacada, com Aika em seu encalço, e viu de longe que dois monstros começaram a espancar a muralha, vendo suas patas por uma das fendas. Soldados o chamaram e Kurikara voltou-se para Aika:

— Escute, vai me atrapalhar ter que ficar te protegendo!

O rosto dela esquentou ao ouvir isso. Algo dentro dela mandava-a não recuar:

— Eu vou ficar por aqui! Não preciso ser protegida!

Ele suspirou e disse:

— Não posso impedi-la, então você está por sua conta e risco. Só não nos atrapalhe!

Ele bateu as asas e voou para o céu, com um pouco de dificuldade. Aika sentiu o rosto e os olhos quentes. Queria provar que era forte e que não precisava de proteção, embora, seu poder fosse o de fugir... Deveria esperar por isso. Era uma batalha de verdade. Mesmo assim, algo lhe dizia para não voltar para a Terra ainda.

Viu do alto da sacada soldados com ferimentos gravíssimos, alguns até faltando pedaços do corpo, serem acudidos. Havia poucos curandeiros, poucos recursos... Não aguentando ficar parada só olhando, tomou coragem e desceu, juntando-se aos curandeiros e à rainha. Deu explicações diferentes para sua roupa, pediu orientações a Inori e logo as duas estavam cuidando dos feridos. Ela era mais gordinha que no traço de Tsubasa e isso a impediu de

reconhecer a princesa-sacerdotisa de imediato. Para seu alívio, Inori mantinha a personalidade meiga e atenciosa e ela fazia Aika sentir-se bem.

Porém, não havia espaço para conversas, pois cada ferido trazido estava pior que o outro: sangue para todos os lados, cheiro de ferro e gordura, queimaduras, fraturas expostas... era nauseante e aterrorizante. Um soldado com a perna decepada e com o pedaço de uma lâmina cravada no peito foi recebido por Aika, que quase vomitou quando viu a ferida. Inori e a rainha viram sua expressão e surpreenderam-se quando Aika permaneceu ao seu lado mesmo assim. Inori então lhe falou:

— Assusta no começo, mas eles precisam da gente.
— A menina segurou sua mão, parecendo mais uma sábia do que uma criança. — Faça do seu medo sua força!

Aquelas palavras fortaleceram Aika. Olhou o homem em agonia, puxou todo o ar que conseguia e tentou estancar a hemorragia ao máximo. Segurou sua mão, ouviu-o delirar,

clamando por sua mulher e filho. Aika tentou consolá-lo por um breve momento, até que sua voz cessou e seus olhos em lágrimas não piscaram mais.

Estava morto.

O choque tomou conta de Aika. Por um momento, foi como se o mundo parasse. Foi despertada por Inori para auxiliar os demais curandeiros com aqueles que ainda tinham chances. De longe, viu o corpo sendo coberto e sentiu a garganta em um nó. Porém, voltou-se para frente e correu, passando de um em um, transportando bandagens, indo para cima e para baixo ajudando quem precisasse, admirada com a força da rainha e de sua filha em meio a tanta agonia, sangue e dor. Ajudou a trazer mantimentos com os servos, mesmo com a chuva castigando todos, os tremores rachando o solo, a confusão instaurada e o medo da derrota. A esperança era sustentada por aquelas grandes mulheres, as quais Aika admirou com todas as forças. Com elas, todos se sentiam capazes de passar por aquilo.

Aika notou Tsubomi em sua forma felina fitando-a ao longe com seus grandes olhos verdes. Sua forma era denunciada pela gema na cabeça, e sabia que a gata se arrepiava quando se aproximava. Aika sentiu-se triste por tê-la assustado. Talvez não confiasse mais nela. Não contava que o poder do Mon-en fosse apavorar tanto o bravo dragão...

— Esqueci que ela ainda é um filhote.

Conseguia ouvir uma notícia aqui e ali: os Fênix Negra estavam perdendo, enquanto o Dokujuugumi estava fortíssimo e trouxeram feiticeiros. Um oni enfrentava três homens sozinho e isso era uma grande dificuldade. Tais criaturas não tinham escrúpulos e lutavam mesmo com membros arrancados.

A espera por notícias era angustiante. Sem saber quanto tempo se passou, ouviu a rainha ordenar que Inori e Aika descansassem e ouviu de Iruka — já recuperado e agora defendendo o palácio — que o plano dera certo. Aika

suspirou de alívio e Inori contou-lhe que estava de olho para que ninguém a percebesse como um ser de outro mundo — apesar da estranheza que causou — e que o rosário impediu outros magos de a perceberem.

— Estar conosco ajuda nessas horas. Acho que sua presença nos deu sorte. Não sei de onde és ou o que queres, mas com certeza, sua presença é um milagre!

Em seguida, ela correu até a mãe. Aika piscou, olhando à sua volta. Perguntava-se se deveria descansar, se não deveria continuar ajudando os que ainda tinham chance... Era tudo tão bizarro...

Sentiu uma pequena vibração no bolso do casaco e lembrou-se de que tinha um celular, sem sinal. Eram dez da noite na Terra, o alarme a sinalizava o horário em que passaria um anime que acompanhava. Por coincidência, era ambientado em um mundo de guerras medievais. Aika riu, sentindo-se estranha, encarando o aparelho escondida e se deu conta de que só poderia ficar apenas por mais duas horas.

Chegou a cogitar a ideia de passar a noite em Gattai, era mais útil ali do que xerocando trabalhos...

De repente, um vulto pousou atrás dela, assustando-a, até que percebeu que era Kurikara. Pousou um pouco ofegante, com alguns cortes pelo corpo e marcas de queimadura nas roupas, as asas mais baixas do que o normal e encharcadas. Tsubomi veio correndo e miando, pulando em seu ombro enquanto Iruka ia até ele.

— Tudo bem Aika? Está suja de sangue... — perguntou Iruka.

— Oh, caramba — e ela nem tinha notado. — Eu tentei ajudar os curandeiros...

Iruka e Kurikara se encararam. Perceberam que aqueles grandes olhos escuros já não tinham mais tanto brilho.

— Bom, o Kurikara não vai admitir, mas ele veio ver se a gente está bem.

Aika riu, enquanto o Guardiã os ignorou com suas

asas encolhidas.

— O inimigo quer apenas capturar-me, já que perderam os Orbes. Seu objetivo é assustar as pessoas, baixar a moral do povo, afirmando que a única forma de terem paz é me entregando a eles. No entanto, a chuva acabou com os Fênix Negra mais rápido do que eu esperava. Parece que poucos estão com luvas e a maioria não está bem, há muitos feridos entre eles. Isso não é comum entre nós... quer dizer, é como se não tentassem se proteger...

— É, eu fiquei sabendo que fizeram uma pausa. Disseram que se o entregarem, eles pararão com a ofensiva e recuarão.

Aika não se surpreendeu. A chuva agora parecia ter aliviado. Iruka foi chamado e se despediu, deixando-a com Kurikara e Tsubomi. Ele sentou-se para se abrigar da chuva e descansar.

— Nós estamos ganhando?

Ele hesitou, mas falou em seguida:

— Graças ao seu plano. Porém, os magos das trevas são fortes. Dos sete que identifiquei, consegui abater só cinco.

Ela entendeu porque ele não a encarava. Seu estômago gelou: ele estava mais lento. Era também Fênix Negra e sem querer ela o prejudicara. Agora, estava mais envergonhada do que nunca.

— Desculpa... eu acabei pondo sua vida em perigo...

— Não diga isso. O poder de Suzaku me protege muito bem. E seu plano até o momento está nos colocando em vantagem. Devo pedir desculpas por ter duvidado da senhorita e... pela forma como falei.

— Tá... de boas — respondeu, ainda sentindo-se culpada. Voltou-se para o horizonte e para o vai e vem de pessoas.

Não havia trilha sonora para aquilo. Não havia deslocamento e closes de câmera, quadros do cenário

exuberante para acalmar uma cena de guerra. Nem havia censura para os feridos ou momentos em que poderia ver como estaria Riko e os demais. Estava diante da realidade, nua e crua, e ela apresentava-se cruel e fria.

Porém, algo chamou a atenção de Kurikara no horizonte. Algo que brilhava dourado e serpenteava. Aika estreitou os olhos confusa, e Kurikara se levantou para ver. Tsubomi começou a rosnar, arrepiadíssima. A coisa foi crescendo à medida que se aproximava e os detalhes estavam agora visíveis, por um brilho que ele mesmo irradiava: escamas douradas, patas e garras de cor roxa assim como os pelos que saíam de trás da cabeça, chifres pretos e longos, cabeça de dragão com olhos cor de ametista e uma crista roxa que corria da cabeça até a ponta da cauda.

Era quatro vezes maior que Tsubomi e mais assustador que qualquer dragão que Kurikara já tivesse visto. Majestoso e imponente, ele irrompia contra as nuvens tempestuosas em alta velocidade quando, de repente, ele

abriu a grande boca e viram se formar dentro dela uma bola de cor azul brilhosa. No mesmo segundo a bola se transformou num raio gigantesco em direção ao solo — e o exército da Nação Kibou!

— RIKO! — gritou Kurikara.

— O bracelete! — disse Aika, lembrando-o do poder em seu pulso. O Guardião tocou a gema verde fundida a um fio de cabelo escuro, a gema ligada a Riko. Aika tremia mais que ele notando suas asas arrepiadas até que suspirou de alívio:

— Ela está bem! Saiu ilesa, mas os soldados...

Tsubomi se transformou e rosnou acima do castelo, rugindo em fúria. Kurikara gritou para que ela recuasse, notando que a fera cortava o céu na direção do castelo. Estava confuso porque não existiam dragões dourados em Gattai. Nunca se ouviu falar de um dragão como aquele.

— Espere! Ele se parece com...

— Ki-Kinryuu?! — gritou Aika.

Fim desta amostra

Onde comprar Aika:

Versão impressa:

<https://www.lojapendragon.com.br/fantasia/livro-aika-a-cancao-dos-cinco>

ou

<https://www.luciastore.com.br/>

Versão e-book:

Google Play:

https://play.google.com/store/books/details/L%C3%BAcia_Lemos_Aika_A_Can%C3%A7%C3%A3o_dos_Cinco?id=MrHNDwAAQBAJ

Amazon Kindle: <https://www.amazon.com.br/Aika-Can%C3%A7%C3%A3o-Cinco-L%C3%BAcia-Lemos-ebook/dp/B084FFVD62/>

Ibooks: <https://books.apple.com/br/book/aika-a-can%C3%A7%C3%A3o-dos-cinco/id1497457391>

Kobo: <https://www.kobo.com/br/pt/ebook/aika-a-cancao-dos-cinco>

Livraria cultura:
<https://www3.livrariacultura.com.br/aika-a-cancao-dos-cinco-2013001304/p>